

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FOLHAS TANTAS: O TEXTO LITERÁRIO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ALESSANDRA CEGOBIÁ DE ANDRADE SILVA



ALESSANDRA CEGOBIA DE ANDRADE SILVA

FOLHAS TANTAS: O TEXTO LITERÁRIO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Passo Fundo

2023

CIP – Catalogação na Publicação

S586f Silva, Alessandra Cegobia de Andrade
Folhas tantas [recurso eletrônico] : o texto literário e a educação ambiental / Alessandra Cegobia de Andrade Silva – 2023.
2 MB; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Leitura - Prática. 2. Leitores – Formação. 3. Educação ambiental. I. Silva, Miguel Rettenmaier da, orientador.
II. Título.

CDU: 028.6

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

“FOLHAS TANTAS: O TEXTO LITERÁRIO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL”

Elaborada por

Alessandra Cegobia de Andrade Silva.

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições

- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 20 de novembro de 2023.

Pela Comissão Examinadora



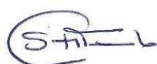
Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva
Presidente da Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a Helena de Moraes Fernandes
Universidade Federal da Fronteira Sul



Prof.^a Dr.^a Rosimar Serena Siqueira Esquinsani
Universidade de Passo Fundo



Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Dedico esta conquista à minha avó Jandira, uma senhora de 88 anos que sempre me incentivou a estudar. O seu exemplo, força e coragem foram fundamentais nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu paz e energia para que este trabalho fosse concluído.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Miguel Rettenmaier, os meus mais sinceros agradecimentos; sua paciência, compreensão e confiança me conduziram nos passos da pesquisa. Sua disponibilidade e orientação foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao meu marido, Iranésio, pelo apoio, compreensão e carinho durante a pesquisa. Aos meus filhos, Guilherme e Heitor, pela paciência nos momentos de ausência.

Aos meus pais, Raimundo e Sueli, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

À minha irmã, Amanda, e à minha sobrinha, Rafaela, pelo companheirismo, cumplicidade e apoio em todos os momentos dedicados a esta pesquisa.

Às professoras da banca avaliadora, Dra. Rosimar Esquinsani (UPF) e Dra. Helena Fernandes (UFFS), pela leitura e considerações que objetivamente auxiliaram nesta pesquisa.

E aos meus colegas de turma por compartilharem tantas descobertas e aprendizagens ao longo deste percurso.

“A Literatura revela que a Educação Ambiental é uma crítica ao sistema capitalista, desde que privilegiando sociedades sustentáveis, ao invés de desenvolvimento sustentável, traz profundas reflexões sobre os sistemas e modos de vida, buscando alternativas éticas e estéticas que possam assegurar a sustentabilidade planetária”.

Michèle Sato

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a literatura associada à educação ambiental com estudantes do 2º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlos Drummond de Andrade, em Rondônia. Este estudo se desenvolve por meio de pesquisa-ação, com abordagem exploratória e bibliográfica; será realizado, para fins de coleta de dados e em caráter qualitativo, um questionário com perguntas abertas e fechadas. Em relação ao *corpus*, o trabalho focaliza a produção estética das autoras de literatura indígena Julie Dorrico (2019, 2020a, 2020b) e Márcia Kambeba (2020). Dessa forma, pretende-se demonstrar, através da metodologia de pesquisa-ação, que a leitura de textos literários de autores da região amazônica pode contribuir para formar leitores críticos sobre a realidade que os cerca, sensíveis à arte literária e à consciência ambiental. Este trabalho tem como linha de pesquisa “Leitura e Formação do Leitor”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (RS), e é embasado nos seguintes teóricos: Michèle Petit (2009, 2013, 2019), que aborda o papel da leitura na formação do indivíduo (principalmente em contextos de crise ou de grande violência social); Zygmunt Bauman (2001), que esclarece como se deu a transição para a modernidade, auxiliando-nos a repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual humana; Rildo Cosson (2021), que propõe métodos de práticas leitoras de como ensinar literatura na escola; Antônio Candido (2006), que focaliza vários níveis da correlação entre literatura e sociedade; Jorge Larrosa (2015), que atribui um olhar sobre as relações entre o ser humano, suas experiências e o mundo; e Ailton Krenak (2019, 2020), que contribui com reflexões para lidarmos com os principais desafios que se apresentam no mundo contemporâneo. A ação se constituiu no desenvolvimento de quatro práticas leitoras envolvendo a leitura e a escrita de textos, as quais permitiram o contato dos participantes da pesquisa com a literatura indígena com foco na temática ambiental, abrindo caminho para a formação de leitores literários — inclusive em suporte digital. É no ambiente escolar que o indivíduo começa a ter consciência de suas atitudes, então é de extrema importância, para este momento, trabalhar as questões ambientais buscando potencializar a participação dos jovens em atividades complexas da sociedade, aspirando à formação de cidadãos atuantes, com responsabilidade ambiental e social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Educação Ambiental. Leitura. Formação do leitor.

ABSTRACT

This research has as its theme the literature associated with Environmental Education with students in the 2nd year of high school, at the Carlos Drummond de Andrade State School of Elementary and Secondary Education, in Rondônia. This study is developed through action research, with an exploratory and bibliographical approach; for data collection and qualitative purposes, a questionnaire with open and closed questions will be carried out. In relation to the corpus, the work focuses on the aesthetic production of indigenous literature authors Julie Dorrico (2019, 2020a, 2020b) and Márcia Kambeba (2020). In this way, we intend to demonstrate, through action research methodology, that reading literary texts by authors from the Amazon region can contribute to forming critical readers about the reality that surrounds them, sensitive to literary art and environmental awareness. This work has, as its research line, "Reading and Reader Training", from the Postgraduate Program in Literature at the University of Passo Fundo (RS), and is based on the following theorists: Michèle Petit (2009, 2013, 2019), who addresses the role of reading in the formation of the individual (mainly in contexts of crisis or great social violence); Zygmunt Bauman (2001), who clarifies how the transition to modernity occurred, helping us to rethink the concepts and cognitive schemes used to describe the individual human experience; Rildo Cosson (2021), who proposes methods of reading practices on how to teach literature at school; Antonio Candido (2006), which focuses on various levels of the correlation between literature and society; Jorge Larrosa (2015), which takes a look at the relationships between human beings, their experiences and the world; and Ailton Krenak (2019, 2020), who contributes with reflections to deal with the main challenges that arise in the contemporary world. The action consisted of the development of four reading practices involving reading and writing texts, which allowed research participants to come into contact with indigenous literature with a focus on environmental themes, paving the way for the formation of literary readers — including in support of digital. It is in the school environment that the individual begins to be aware of their attitudes, so it is extremely important, currently, to work on environmental issues, seeking to enhance the participation of young people in complex activities in society, aspiring to the formation of active citizens, with environmental and social responsibility.

KEYWORDS: Literature. Environmental education. Reading. Reader training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gráfico correspondente às questões 1 e 2.....	62
Figura 2- Gráfico correspondente à questão 3.....	62
Figura 3 – Gráfico correspondente à questão 5.....	63
Figura 4 – Gráfico correspondente à questão 7.....	64
Figura 5 – Gráfico referente à questão 8.....	65
Figura 6 – Gráfico referente à questão 9	65
Figura 7- Gráfico referente à questão 10.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de atividades da pesquisa.....	69
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO — PÁGINAS E FOLHAS: VÁRIAS NATUREZAS	14
2 LEITURA, JUVENTUDE E EXPERIÊNCIAS: LIVROS E PÁGINAS	20
2.1 LITERATURA E SOCIEDADE LÍQUIDA	21
2.2 A NECESSIDADE DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO SUBJETIVA E SOCIAL	24
2.3 A EXPERIÊNCIA DA LEITURA	28
2.4 A LEITURA COMO TRANSFORMADORA	31
3 LITERATURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NOSSAS PÁGINAS, NOSSAS FOLHAS.....	37
3.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR	38
3.2 ANTROPOCENO, NATUREZA E EDUCAÇÃO	41
3.3 A LITERATURA INDÍGENA E O RESPEITO AO MEIO AMBIENTE	45
3.4 AS AUTORAS INDÍGENAS	50
3.4.1 Márcia Wayna Kambeba e os saberes da floresta	51
3.4.2 Julie Dorrico e o outro calendário	52
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	55
4.1 O ESPAÇO DA PESQUISA	57
4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	60
4.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	61
4.4 AS AÇÕES DA PESQUISA	67
4.4.1 Prática leitora 1 – descrição	70
4.4.2 Prática leitora 2 – descrição	71
4.4.3 Prática leitora 3 – descrição	72
4.4.4 Prática leitora 4 – descrição	73
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	76
5.1 DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS LEITORAS	76
5.1.1 Prática de leitura 1 – Eu sou Macuxi e outras histórias	76
5.1.2 Prática de leitura 2 – Saberes da Floresta	81
5.1.3 Prática de leitura 3 – Vozes da Floresta / Temor pela Amazônia.....	85
5.1.4 Prática de leitura 4 – A castanheira.....	91
5.2 LER E AGIR: FOLHAS TANTAS E SUJEITOS LEITORES.....	98
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES	111
ANEXOS	122

1 INTRODUÇÃO — PÁGINAS E FOLHAS: VÁRIAS NATUREZAS

Esta abordagem tem como finalidade apresentar o percurso da pesquisa — *Folhas tantas: o texto literário e a educação ambiental* — que teve como foco a formação de leitores associada à educação ambiental. Os diálogos têm a pretensão de contribuir para irromper as normas e convenções que articulam o mundo em prol de olhares que se constituem na ética através da literatura transformadora, textos que despertem a conscientização ambiental. Buscamos, por meio da pesquisa qualitativa, abordar saberes que apresentem mais responsabilidade humana, social e ecológica, primando por novas perspectivas de aprendizagem.

Ao trazermos a conexão entre educação ambiental e literatura, queremos contribuir para a compreensão de novos olhares e sentidos às redes e enredos cotidianos que compõe a floresta e influenciam a vida fora dela. Buscamos, através da pesquisa-ação, discutir injustiças socioambientais, fortalecendo os princípios éticos e humanos com estudantes do 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlos Drummond de Andrade, em Rondônia, na qual exerço a função de professora. Essa ação será realizada por meio de práticas de leitura envolvendo a temática em questão, com corpus na produção estética das autoras indígenas Julie Dorrico (2019, 2020) e Márcia Kambeba (2020b).

Importante ressaltar o sentido social que emerge da literatura, capaz de provocar sentimentos e emoções, e, assim, atuar na formação consciente de mundo, o que é pretendido pela educação ambiental. Queremos chamar atenção para a necessidade de o sujeito humano deixar-se contaminar pela ética que emerge dos textos das autoras indígenas, pois ao chegar a este ponto, neste dado momento, é fundamental repensar o lugar da linguagem e da literatura no cuidado com a natureza das árvores, flores e folhas, da diversidade da vida, fundamental para nossa sobrevivência, consciência e saber. Da mesma forma que implicam o ato de ler, as folhas das árvores são um vocabulário em que a leitura mais sensível pode conduzir a uma visão mais humana. Veja Freire (2017, p. 21):

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os

“textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto.

A leitura constitui um fator de expressão sociocultural, ferramenta de expressividade sobre as questões sociais. Dessa forma, precisamos desenvolver práticas de ensino que visem ao cotidiano, à realidade e à cultura local. Contudo, a esperança e a utopia fazem crer que é possível a construção de um espaço de trocas de saberes que privilegia uma concepção de ensino pautada na visão libertadora do educador Paulo Freire. Para tanto, acredito que se a escola perceber o colorido expresso pelo texto literário poderá contribuir na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

No entanto, como destaca Calligaris (2017), o colonizador e o colono são figuras historicamente entrelaçadas à nossa cultura; a existência desses dois fantasmas na fundação do país parece ser uma das razões por não existir um sentimento de coletividade entre nós. Através da colonialidade, os saberes e experiências de comunidades originárias são desvalorizados, classificados como inferiores. O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos originários e minorias, que, durante muito tempo, foram silenciados. É considerado um projeto de liberdade social, política, cultural e econômica que visa respeitar os direitos individuais.

Conforme afirma Krenak (2020), devemos ver o mundo como um todo. “A Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza” (Krenak, 2020, p. 9a). Para as comunidades indígenas, tudo é natural e cultural ao mesmo tempo, sem distinção. Dessa forma, faz-se necessário que a nossa geração alcance a harmonia entre sociedade e natureza, lute contra políticas de austeridade que promovem a destruição da natureza e potencializam os lucros capitalistas. A sociedade contemporânea deve aprender com os povos originários, com os habitantes da floresta, a contribuir e viver em consonância com o meio ambiente.

Nesse viés, o tema escolhido se justifica devido à necessidade de incentivar a leitura literária de autores amazônicos cuja temática das obras desperte a conscientização para a valorização da floresta e de seus habitantes, auxiliando na

formação de leitores críticos sobre a realidade que os cerca, pois a educação ambiental vai além das preocupações com queimadas, lixo ou poluição, buscando contribuir para legitimar um espaço político e social menos desigual. Desse modo, com o desenvolvimento deste trabalho, acredito na possibilidade de entrelaçar saberes para a formação de seres humanos ambientalmente responsáveis para atuarem na sociedade de maneira global.

O déficit de leitura¹ é uma realidade preocupante que se apresenta em nossas escolas; nessa perspectiva, serão desenvolvidas ações para garantir a formação de leitores esteticamente sensíveis, capazes de ler e interpretar textos com proficiência. Nesse contexto, também se desvela a necessidade de se desenvolver ações para que o ser humano compreenda que também é parte da natureza e responsável pelo ambiente, de modo que a educação ambiental passa a adquirir importância singular para mitigar muitos problemas criados pelo ser humano que também o afligem. A opção de articular a literatura e educação ambiental através de autores amazônicos que escrevem sobre esse espaço é um modo de levar os estudantes a refletirem sobre essa temática por meio do texto literário, o que também será um avanço importante para fomentar a conscientização desta e de futuras gerações sobre os problemas que nos assolam enquanto moradores da região amazônica.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi realizado um estudo do tipo pesquisa-ação a partir de uma inferência embasada em um processo de medição de leitura e práticas leitoras através do diário de bordo; essas práticas foram elevadas a efeito com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Vale salientar que se optou pela pesquisa-ação porque se partiu da necessidade de uma ação que proporcionasse aos sujeitos envolvidos na pesquisa o contado com leituras literárias de autores da região amazônica e em suportes diferenciados, de modo que pudessem ter maior acesso a textos e obras literárias.

O projeto de dissertação foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo, por se tratar de uma pesquisa-ação envolvendo alunos do 2º ano do Ensino Médio, conforme autorização do Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo – RS, sob o protocolo nº 64694922.5.0000.534, através do parecer nº 5904955 de 22/02/2023.

¹ Segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o país perdeu, nos últimos anos, mais de 4,6 milhões de leitores. De 2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%.

Os estudos foram desenvolvidos com base nos princípios teóricos e metodológicos norteadores da pesquisa de Michèle Petit (2009, 2013, 2019), que aborda o papel da leitura na formação do indivíduo, principalmente em contextos de crise ou de grande violência social; também com base em Zygmunt Bauman (2001), esclarecendo como se deu a transição da modernidade e nos auxiliando a repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual humana; Rildo Cosson (2021), que propõe métodos de práticas leitoras de como ensinar literatura na escola; além disso, baseamo-nos em Antonio Candido (2006), que focaliza vários níveis da correlação entre literatura e sociedade; também recorreremos a Jorge Larrosa (2015), que atribui um olhar sobre as relações entre o ser humano suas experiências e o mundo; por fim, integramos à pesquisa Ailton Krenak (2020a, 2020b), que contribui com reflexões para lidarmos com os principais desafios que se apresentam no mundo contemporâneo. Contamos ainda com o apoio de outros autores que refletem sobre a leitura literária, a formação de leitores e o desenvolvimento da consciência ambiental.

Assim, o problema da pesquisa se configura da seguinte forma: a leitura de textos literários de autores da região amazônica é capaz de formar leitores críticos sobre a realidade que os cerca e contribuir para a consciência ambiental? Neste trabalho, o objetivo geral é discutir propositivamente a formação do leitor associada à educação ambiental através metodologia de pesquisa-ação em sala de aula do 2º ano do Ensino Médio, na disciplina de Língua Portuguesa, por meio de textos literários de autores da região amazônica. Os objetivos específicos são:

- a) Refletir sobre a formação do leitor e sobre a leitura literária na juventude;
- b) Discutir a relação entre a formação do leitor literário e a consciência ambiental, em específico pelo contato com a literatura amazônica de produção literária de Julie Dorrico (2019, 2020) e Márcia Kambeba (2020);
- c) Apresentar atividades que estabeleçam relações entre literatura e identidade com estudantes de escola pública do 2º ano do Ensino Médio, em território amazônico, para que compreendam a importância da consciência ambiental na sociedade contemporânea em articulação com elementos estéticos particulares às autoras em questão.

O estudo se desenvolve, quanto aos seus objetivos, mediante pesquisa exploratória. No que diz respeito aos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica; quanto à abordagem do problema, trata-se de um estudo qualitativo. A

coleta de dados foi feita em maio de 2023 e ocorreu por meio de questionário (Apêndice A) com perguntas e respostas abertas e fechadas sobre leitura literária e autores da região amazônica; contou com participação 31 estudantes da turma de 2º ano do Ensino Médio da E.E.E.F.M. Carlos Drummond de Andrade, no estado de Rondônia. Quanto à natureza, será uma pesquisa aplicada, pois as práticas que serão desenvolvidas visam interceder diretamente na formação leitora dos sujeitos participantes; do mesmo modo, este estudo poderá proporcionar conhecimentos e atitudes voltadas à conservação do meio ambiente.

Para a caracterização dos objetivos, delineamos este estudo em seis capítulos, incluindo a introdução (aqui apresentada) e as considerações finais. No segundo capítulo, que introduz a fundamentação teórica, abordamos os aspectos da necessidade da literatura para a formação do leitor e humanização das relações sociais articulada com a educação ambiental. Abordamos os principais conceitos com base nos estudos de Bauman (2001), Candido (1995 e 2006), Larrosa (2014) e Petit (2009).

O terceiro capítulo discorre sobre a associação da literatura à temática da educação ambiental, contribuindo para promover uma tomada de consciência a respeito do universo amazônico, trazendo reflexões para lidarmos com os principais desafios sobre as questões ambientais no mundo atual, enfatizando o modo desastroso pelo qual o ser humano vem tratando a natureza. Para isso, recorreremos aos estudos de Petit (2013), Dias (2016) e Krenak (2020). Nesse capítulo, ainda iremos destacar a literatura indígena contemporânea na obra de Dorrico (2019) e Kambeba (2020), demonstrando o ativismo, a militância e o engajamento desses povos historicamente marginalizados e que são protagonistas da manutenção das florestas de forma sustentável.

No quarto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que caracterizam este trabalho, descrevemos as categorias teóricas que fundamentam o estudo, passando pelo tipo de pesquisa desenvolvida, o cenário, o perfil dos participantes e a explicitação dos instrumentos utilizados para coleta de dados. O delineamento será amparado pela concepção sobre pesquisa-ação de Michel Thiollent (2011), na obra *Metodologia da pesquisa-ação*, e ainda pelos conceitos de Prodanov e Freitas (2013) em *Metodologia do trabalho científico*.

No quinto capítulo, apresentamos a análise dos resultados do estudo a partir dos dados obtidos por meio do formulário, da discussão e da análise dos produtos,

além das práticas leitoras trabalhadas. Os instrumentos de análise se constituem em observações, discussões, textos escritos, desenhos e videopoemas produzidos pelos sujeitos da pesquisa durante as práticas leitoras. Conseqüentemente, além dos fragmentos das falas dos alunos envolvidos nesta pesquisa e das observações feitas durante o processo nos diários de bordo, é levado em conta aquilo que não foi dito por eles, mas que foi possível perceber. Conforme mencionado anteriormente, o delineamento da pesquisa será amparado pela concepção de Thiollent (2011) e Pradanov e Freitas (2013). Por fim, apresentamos as considerações finais.

Sabemos dos desafios desta pesquisa, contudo, vislumbramos uma sociedade mais humana, na qual as pessoas adquiram importância não pelo “ter”, mas pelo “ser”. Ao pensar na literatura como aliada da educação ambiental, pensamos na possibilidade de releitura sobre a visão capitalista tentando possibilitar outro olhar para o mundo com objetivo de refletir sobre o valor que se está destinando ao modelo de exploração dos recursos naturais e do individualismo. Pretendemos, finalmente, possibilitar a compreensão de que o ser humano e a natureza são indissociáveis e de que o respeito ao meio ambiente é fundamental para a vida no planeta.

2 LEITURA, JUVENTUDE E EXPERIÊNCIAS: LIVROS E PÁGINAS

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas considerações acerca da necessidade da literatura para a formação e humanização das relações sociais em paralelo ao que nos interessa, a formação do leitor, articulando literatura e educação ambiental. A literatura possui função humanizadora, pois é um importante fenômeno civilizatório, o meio essencial de comunicação consigo e com os outros. Também se trata de uma maneira de refletir sobre a nossa própria vida, nossas opções, humanidade e o mundo em que vivemos. Percebemos claramente que a literatura é fundamental — por meio dela, é possível que utilizemos vários pontos de vista para a realização de uma análise de pensamentos, crenças e ações.

Dessa maneira, o exercício da leitura precisa ser compreendido além de um componente curricular; a formação do leitor é acompanhada pela forma como o texto literário chega a esse jovem, e isso vai depender muito de sua história de vida no momento da leitura. “Os jovens são atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um: é na intersecção dessas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor” (Lajolo, 2009, p. 104).

Desse modo mais específico, pensando nas pluralidades de ideias e representações discursivas manifestadas numa obra literária, essa pode e deve ser conduzida de acordo com uma abordagem a qual contribua ainda mais para alargar as potencialidades do texto literário. Textos são construídos por uns (e não por outros) procedimentos de linguagem, são construídos no horizonte de uns (e não de outros) valores, defendem e condenam uns (e não outros) comportamentos. “Assim, não vejo como, no trabalho escolar com leitura, passar ao largo da dimensão ideológica, afetiva, histórica, linguística e discursiva de um texto” (Lajolo, 2009, p. 107).

Os textos, especialmente os literários, possuem uma infinidade de relações, como autor, gênero, momento, estágio da língua, leitor e situação de leitura, que podem e dever ser explorados pela escola. Lajolo (2009, p. 107) afirma:

É sobre tal noção que se encaminha a conclusão desta releitura de meu velho texto de 1982, pois é do texto no contexto de sua produção, de sua circulação e de sua leitura que deve ocupar-se a escola, pois talvez os equívocos de trabalhos escolares com texto residam no apagamento do contexto. É esta noção de contexto que permite recuperar a dimensão coletiva da escrita e da

leitura, bem como é nela que se abrigam as diferentes leituras que um texto recebe ao longo da história de seu autor e da história de seus leitores.

Consideramos que a aliança entre a literatura e a educação ambiental pode contribuir para a criação de um novo mundo por meio de diálogos. Durante muitos anos, temeu-se por um ensino utilitário de literatura, movido pela necessidade de se desconstruir a “utilização” do texto literário visando às boas condutas, aos comportamentos desejados. Desta forma, nota-se uma nova perspectiva, pela qual a literatura colaborará com uma visão menos utilitária da natureza e evidenciará percepções que irão contribuir com uma aprendizagem mais efetiva no cuidado com o meio ambiente.

Dessa maneira, recorreremos aos estudos de Bauman (2001), Candido (1995, 2006), Larrosa (2014) e Petit (2009). Assim, discorreremos na seção seguinte sobre o texto literário e a possibilidade de superação à cultura da superficialidade e do consumismo.

2.1 LITERATURA E SOCIEDADE LÍQUIDA

A leitura faz com que o indivíduo compreenda e identifique as ações que acontecem no seu entorno, ajuda a estabelecer relações com o próximo, conduz a alteridade, permite empatia. A leitura literária, segundo Bauman (2001), é uma possibilidade de superação à cultura da oclusão, da superficialidade, da tecnificação e do consumismo. A literatura pode despertar a sensibilidade, o pensamento imaginativo, emoções e a sociabilidade. O texto literário traz liberdade de escolha, conhecimento, atitude não doutrinária, não seletiva ou redutora, mas aberta ao diferente, andando de mãos dadas com as experiências da existência para produzir novos horizontes educativos com possibilidades às reflexões sobre contextos plurais e complexos que revelam as riquezas do diferente.

Na modernidade líquida, as relações sociais e os laços humanos estão cada vez mais frágeis, principalmente entre jovens e adolescentes. Portanto, precisamos refletir sobre políticas públicas que reforcem a formação desses jovens, preparando-os para resolver problemas cotidianos, principalmente entre o meio ambiente e a sociedade. Dessa forma, a educação ambiental, na qual pautaremos este trabalho, toma como ambiência as sociedades sustentáveis em detrimento do desenvolvimento sustentável. Acreditamos que a aliança entre literatura e educação ambiental contribui

para a criação de um novo mundo, que acolhe os diferentes, estabelecendo um diálogo com autores que também ressaltam a necessidade da busca pela sensibilidade humana diante de problemas ambientais graves que afetam todo o planeta.

A modernidade líquida tem atuação direta no que Benjamin (1997), na década de 30, flagrara já nos tempos da modernidade sólida, com o fim da experiência e da arte de narrar. Com vistas críticas ao capitalismo crescente, o filósofo observara que “uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (Benjamin, 1997, p. 197). A sobrevivência sem experiências, na perspectiva de Benjamin (1997), decorre de um mundo no qual “basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis” (Benjamin, 1997, p. 197). A ausência de experiência, conforme Benjamin (1997), estaria posicionada antes do que se denominou na contemporaneidade como sociedade líquida:

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes (1997, p. 198).

Desse modo, a linguagem oferece aos seres humanos a capacidade de expor suas emoções e angústias através das palavras, pois a capacidade de expressar os sentimentos por palavras favorece o autocontrole das emoções. As práticas leitoras servem às pessoas como um sentido à própria vida e experiências; contribui para um projeto de vida mais aberto, que nos leve a aceitar novas possibilidades, ver a vida de uma forma mais leve, ter mais esperança, visualizar um futuro melhor. A leitura, interpretação e discussão de textos literários têm um papel de reconstrução em todas as fases da vida, é por meio dela que se consegue compreender as próprias origens, conhecer e respeitar culturas diferentes. Nesse sentido, vale citar os estudos de

Bauman (2001) quando ele aborda que a modernidade sólida, reverenciada pelo poder neoliberal, não mais dá conta de compreender as ambiguidades do mundo e, portanto, cede espaço para a modernidade líquida, que considera as subjetividades dos sujeitos numa percepção ética e estética da sociedade. Para efetivar essa reflexão, o autor apresenta alguns pontos da sociedade capitalista com ênfase nas leis do consumo que detonam certas rupturas com a visão racional, crítica e objetiva do mundo, mostrando que é preciso dar espaço para uma nova percepção de sociedade mais justa, humana e sustentável.

No que tange à Língua Portuguesa e suas habilidades, de acordo com a BNCC (BRASIL, p. 477), “para orientar uma abordagem integrada das diversas linguagens e de suas práticas, a Área de Linguagem e suas Tecnologias define que os campos de atuação social são um dos seus principais eixos organizadores”; desse modo, de acordo com essa opção, essa área propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com as práticas de linguagem situadas em campos de atuação social diversos, vinculados ao enriquecimento cultural próprio das práticas de linguagem cidadãs. Essas demandas exigem que as instituições escolares ampliem as situações nas quais os jovens aprendam a ler, interpretar, escrever, argumentar, tomar decisões e fazer escolhas conscientes e reflexivas pautadas pelos valores da sociedade democrática e do estado de direito, orientados pela ética e o bem comum.

Uma das competências gerais da Língua Portuguesa diz respeito à contextualização sociocultural, considerando-a como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas. De acordo com a BNCC (BRASIL, p. 491), “a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio”, pois a literatura enriquece a percepção e visão de mundo do indivíduo. A literatura é um dos domínios da língua, assim, atua como instrumento de comunicação entre os indivíduos e traz consigo a representação da cultura, a expressão literária. Queremos destacar, no entanto, que não há nenhum elemento capaz de revolucionar ou de transformar o mundo em um passe de mágica. Vislumbramos trazer à tona essa perspectiva literária ligada à educação ambiental a fim de possibilitar a compreensão de que ser humano e mundo são indissociáveis e que o respeito ao meio ambiente é fundamental para a vida no planeta. Assim, discorreremos, na seção seguinte, sobre a importância da função humanizadora da literatura para a formação jovens.

2.2 A NECESSIDADE DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO SUBJETIVA E SOCIAL

Como afirma Michèle Petit (2019), a história é feita de narrativas e o ser humano precisa dessa fabulação para fugir do caos social. A leitura literária pode nos tocar emocionalmente, como também favorecer um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ambientais.

É preciso demonstrar no ambiente escolar que a leitura é um direito de todos e que ler literatura não configura um ato individualista; precisamos desconstruir preconceitos e mostrar que não é preciso temer as reflexões incitadas pelos livros. Nesse sentido, a obra é fruto de uma confluência entre iniciativa individual e condições sociais (Candido, 2006). Ler é uma ação de fruição que algumas vezes pode ser leve e, em outras, árdua; a leitura literária pertence ao campo dos sentimentos e das reflexões.

A literatura possui função humanizadora pois atua na própria formação do homem; é um importante fenômeno de civilização e, para tanto, depende do entrelaçamento de vários fatores sociais. A literatura é coletiva na medida em que requer certa comunhão de expressão, socialização e comunicação (Candido, 2006). Para Candido (2006, p. 147), “Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma expressão”. A função social da obra literária independe da vontade ou da consciência dos autores e leitores. Tal função é inerente à natureza da obra, à sua inserção no contexto de valores culturais e à sua expressão pela comunicação.

Desse modo, a formação de cidadãos leitores de textos literários deveria colocar-se como um dos objetivos fundamentais do ensino escolar, pois camadas profundas da personalidade se modificam com as leituras, de modo que as obras literárias atuam na formação de jovens tanto quanto a escola e a família (Candido, 1995). Porém, para que o trabalho com o texto literário se dê de forma eficaz, o professor deve ter conhecimento dele, pois só conhecendo bem o objeto a ser trabalhado em sala de aula é que será possível realizar essa tarefa.

No século XXI, a escolarização avançou, no entanto é importante refletirmos sobre a inadequada escolarização de literatura nos espaços escolares sem que se forme um leitor competente. Na maioria das vezes, isso ocorre devido ao modo como a literatura é trabalhada: de forma mecânica, através de exercícios, e também pelo

uso demasiado do livro didático nas aulas de literatura, utilizando trechos de obras literárias esporadicamente apenas para complementar atividades didáticas. No Brasil, o modelo de ensino de literatura acontece na seguinte forma: leitura do texto, apresentação de vocabulário, atividades de interpretação textual, atividades gramaticais e produção textual. No entanto, esse tipo de ensino, presente em muitos livros didáticos, não traz uma leitura que desperte a imaginação, a criatividade e a criticidade do leitor. Conforme Petit (2009), os projetos de leituras podem ajudar os jovens a encontrar várias possibilidades para as suas vidas, principalmente em ambientes periféricos, onde o contato frequente com as obras literárias pode garantir aos jovens e adolescentes um futuro melhor.

Quando se utilizam métodos e técnicas corretas dentro de um projeto organizado de leitura de textos literários, a escola consegue ensinar várias habilidades textuais, como interpretação e produção escrita. Nas sociedades modernas não há exclusão maior do que ficar privado da palavra escrita, sem poder expressar seus sentimentos e suas emoções; as práticas leitoras podem melhorar tanto a oralidade quanto a produção escrita. Petit (2009, p. 71) explica que

A linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes. Já disse antes que o que determina a vida dos seres humanos é em grande medida o peso das palavras, ou o peso de sua ausência. Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro, a passagem para o ato.

Nesse contexto, urge a necessidade, dentro das escolas, de projetos de leitura que incentivem práticas sociais e de cidadania. Como afirma Candido (1995, p. 180), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”. Essa humanização confirma no ser humano traços que são essenciais, como a aquisição do saber, a disposição para com o bem do próximo, o exercício da reflexão, cultivo do humor e observação do mundo ao seu redor.

As produções literárias, como destaca Candido (1995), são essenciais, pois satisfazem as necessidades básicas do ser humano — a palavra organiza o espírito e depois organiza o mundo. A literatura pode ser constituída pela construção de objetos autônomos, como estrutura e significado, pode manifestar emoções e a visão

de mundo dos indivíduos e dos grupos, e, ainda, pode funcionar como forma de conhecimento.

Através da leitura, adquire-se a noção de que existe outras pessoas em lugares distantes com costumes, culturas e histórias diferentes. A leitura proporciona outras formas de vínculos sociais e familiares distintos dos que já se conhece. Como afirma Petit (2009, p. 94), “Ler, como vimos, é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui e de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcritas em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos”. A leitura pode transformar a maneira de pensar, de se relacionar com a família; pode mudar a forma como observamos o lugar onde vivemos; pode, enfim, mudar o jeito de ver o mundo.

Através das obras literárias, podemos refletir sobre as nossas vivências enquanto seres humanos, construir experiências democráticas, garantir que o lugar onde vivemos necessita ser construído com direitos e deveres, e que, antes de tudo isso, seja um local de acolhimento para todos, com autonomia para viver no mundo de maneira sustentável, respeitando o meio ambiente, escolhendo os próprios caminhos e exercendo a cidadania. Sobre a leitura, Petit (2009, p. 100) enfatiza:

Quando ouvimos os leitores, percebemos que ler pode ser também um caminho alternativo que leva de uma intimidade um tanto briguenta à cidadania. Não é que ler torne a pessoa virtuosa, não sejamos ingênuos: sabemos o quanto a história é rica em tiranos ou em perversos letrados. Mas ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a ideia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros.

Faz-se necessário exercer a comunicação em uma língua em que ler, escrever, falar e ouvir ajudem a organizar experiências individuais e plurais em comunidades com que as pessoas estabeleçam relações para o desenvolvimento de todos e a sustentabilidade do local onde estão inseridas. A conversação deve ser do domínio dos indivíduos que pertençam à comunidade e que possam exercitar o diálogo de maneira igualitária, sem rebaixar o próximo, valorizar mudanças sociais e coletivas, visando à justiça ambiental para a equidade social, com participação democrática e sustentável de todos os indivíduos da comunidade.

De acordo com Candido (1995), quando pensamos em direitos, temos que reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós, é também indispensável para o próximo. Dessa forma, certos bens, como o alimento, vestuário,

casa, saúde entre outros, são fundamentais aos seres humanos. Nesse sentido, a literatura, que é coletiva e une os homens de um lugar e de um tempo histórico, também é um direito humano, que permite ao homem conhecer a si mesmo e a própria realidade, o que, conseqüentemente, direciona um poderoso despertar de senso crítico. Disso resultará um engajamento literário que parte de posições éticas, políticas, ambientais ou simplesmente humanísticas, formando no conjunto uma massa significativa que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos. Dessa forma, neste projeto se verificará a possibilidade de se trabalhar com a literatura e as utopias da educação ambiental com vistas à emancipação humana.

Importante ressaltar, sempre, que, com o enfoque no texto literário voltado à temática ambiental, não temos a pretensão de solucionar os problemas ambientais, visto que a eles está atrelado uma complexidade de outros fatores. Nosso objetivo é, sim, tecer diálogos entre a conexão do texto literário e a educação ambiental que contribuam para a percepção de que os sentidos e os caminhos destinados à questão ambiental podem ser diferentes, prezando pela sustentabilidade. Dessa forma, compreendemos que trabalhar com literatura nos tira do senso comum, e abre novas possibilidades de ver, tocar e sentir as coisas do mundo. É necessário deixar claro ao aluno que a leitura literária mudará a sua visão de mundo e lhe abrirá portas, permitindo que esse jovem seja dono do seu próprio destino. De acordo com Petit (2009), o ser humano é fruto da sua comunicação com o mundo, e a literatura pode nos ajudar a organizar essa comunicação; através dos livros, obtemos exemplos de convivências que podem nos ajudar a estabelecer melhor a relação com as pessoas que nos rodeiam. Trabalhos que envolvam o ler, escrever e falar podem compreender vários tipos de textos, desde os contemporâneos aos clássicos, pois muitos alunos só têm oportunidades de ler essas obras durante a escolarização.

É muito importante também dentro das escolas criar ambientes para as atividades leitoras, movimentar, ampliar o espaço das bibliotecas, que são locais de aprendizagem onde podem ocorrer clubes de leituras e divulgação de obras, onde os alunos podem ajudar com tarefas diárias, como organizar e catalogar os livros, montar peças de teatro e convidar autores para dar palestras. O bibliotecário precisa ser mais que um guardião de livros; deve ser alguém que fale sobre leituras feitas, sobre autores, e que possa indicar bons livros. É necessário também que os espaços das bibliotecas possam se expandir, sair dos muros escolares e tomar as cidades; que sejam espaço de cultura, leitura e lazer, representados por professores ou

bibliotecários que incentivem o gosto pela leitura, permitindo às pessoas o acesso a bens culturais mais amplos. Para a maioria dos jovens, o fato de ler ou frequentar bibliotecas amplia a sua visão de mundo, melhora a sua comunicação, sua vida escolar e ajuda a fazer melhores escolhas em suas próprias vidas (Petit, 2009). Projetos de leitura bem embasados, que possam nos conduzir à leitura atenta de textos literários, voltados para a temática ambiental, podem nos guiar para soluções viáveis em um mundo onde seja possível viver e respeitar o meio ambiente. Na próxima seção, abordaremos de que modo as experiências podem ser construídas através de trabalhos e relações estabelecidas com a leitura literária dentro da sala de aula; para isso, utilizaremos a teoria de Larrosa (2014).

2.3 A EXPERIÊNCIA DA LEITURA

A sociedade contemporânea está na era da informação, na qual tudo acontece muito rapidamente, em que não podemos perder tempo, em que a carga de trabalho também é excessiva. O mesmo ocorre dentro das escolas: o excesso de conteúdo, de informação e de prazos para a entrega de resultados sobrecarrega o trabalho com a leitura, impedindo, muitas vezes, alunos e professores de viver experiências, pois falta tempo para refletir, ouvir as outras pessoas, estabelecer ligações entre as leituras literárias e o cotidiano. Na escola, o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos, de modo que, também na educação, estamos sempre acelerados.

As boas experiências podem ser construídas através das relações com a leitura estabelecidas em sala de aula. Ler, falar, ouvir e observar a vida sem emitir juízo de valor ou preconceitos, pois o saber da experiência se estabelece entre as relações humanas e o conhecimento. É um saber individual, que será construído durante a vida de cada indivíduo.

Esse sujeito de formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre que aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem que seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo (Larrosa 2014, p. 23).

Dessa forma, a leitura prévia e compreensiva é fundamental para o trabalho com o texto literário. As práticas de leitura em sala de aula demandarão o conhecimento que o professor tem dos textos que ele vai trabalhar e o tempo que ele terá para preparar essas atividades, possibilitando experiências que serão construídas com os alunos através de reflexões sobre as leituras feitas e sobre a vida que esperamos viver.

Este trabalho apresentará aspectos da literatura que contribuem para a percepção de novos olhares sobre a sociedade atual na tentativa de mostrar a conexão entre a natureza e o ser humano, o que permite perceber que o meio ambiente coexiste dentro e fora de nós. Isso significa partir do princípio de que o ambiente está vivo dentro do ser humano e é intrínseco a ele, além de permitir que professores e alunos visualizem um mundo futuro melhor que o mundo presente, em que a relação entre o indivíduo, a sociedade e o meio ambiente não seja tratada de forma aleatória. Precisamos fortalecer a compreensão e o reconhecimento efetivo sobre a importância da biodiversidade para a vida no planeta. Larrosa (2014, p. 37) afirma que “(...) queríamos que os novos pudessem viver uma vida digna, um tempo digno, um mundo em que não dê vergonha viver”. Há pesquisas comprobatórias, do Ministério do Meio Ambiente, que o individualismo e o consumismo exacerbado são alguns dos vilões que comprometem a vida no planeta. Portanto, as leituras literárias com enfoque na educação ambiental efetiva devem pautar-se na formação de seres humanos ambientalmente responsáveis para atuarem na sociedade de maneira global, garantindo uma vida digna e ambientalmente sustentável.

Além disso, é urgente que o ser humano perceba o quão grande é a sua necessidade de compreender a catástrofe ambiental que ele está delineando por meio de ações que estão destruindo a biodiversidade no planeta. Desse modo, há necessidade de empreender ações alternativas, que forneçam vias para a construção de novas posturas e olhares no que tange à reciprocidade entre ser humano e natureza, na qual a razão não se desprenda da sensibilidade. Nesse sentido, a leitura literária é fundamental também para o entendimento de nossa época ou de outras passadas, conduzindo a experiências e reflexões sensíveis ao saber sustentável. Pode-se ensinar o saber das próprias experiências, o que é algo individual e não pode ser imposto de maneira autoritária ao outro; não devemos ditar a alguém o que ele deve dizer, pensar, ou fazer, mas levá-lo a refletir sobre as melhores formas para resolver os problemas pessoais, sociais e ambientais — atitudes que, muitas vezes,

só são descobertas durante a leitura. Através das obras literárias, espera-se que os seres humanos busquem argumentos sensíveis que efetivem a necessidade de diálogo em prol de sociedades mais justas e sustentáveis para, dessa maneira, formar as suas próprias experiências. Destacam-se as palavras de Larrosa (2014, p. 41) quando diz o seguinte:

O homem experimentado é o homem que sabe da finitude de toda a experiência, de sua relatividade, de sua contingência, o que sabe que cada um tem que fazer sua própria experiência. Portanto, trata-se de que ninguém deve aceitar dogmaticamente a experiência do outro e de que ninguém possa impor autoritariamente a própria experiência.

À escola é atribuída a função de despertar o gosto pela leitura, papel que poderia ser cumprido com legitimidade, pois o texto literário, nessa perspectiva, torna-se, por intermédio da palavra, um agente coerente de sentidos, com a capacidade de alertar para a ação destrutiva de injustiças humanas. Sendo assim, as instituições escolares e os projetos de leitura desenvolvidos nas escolas são a esperança de um futuro mais justo, igualitário, em que a natureza seja respeitada e os seres que moram na floresta possam viver com mais dignidade, pois as práticas de leitura devem ser libertadoras e reconstrutoras.

A interação com o texto literário pode desenvolver vários aspectos positivos nos jovens, como a imaginação, a curiosidade e a sensibilidade estética, e pode dar acesso a diferentes saberes sobre as culturas de povos e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real. A leitura literária deixa em cada um de nós uma bagagem de experiências que nos define como leitores e que se reflete em nossa formação e interações sociais. Sendo assim, o texto literário evidencia a capacidade de diversificar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la; desse modo, manifesta um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e os sistemas estéticos de uma cultura. Assim sendo, percebemos a relevância dos trabalhos com o texto literário para a educação escolar e formação social dos jovens.

A experiência é subjetiva, pertence ao nosso modo de ver o mundo, é formada pelos relacionamentos que temos, pelos lugares que visitamos e pelos livros que lemos. A literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade. Na verdade, todos nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. Então,

são necessárias essas experiências leitoras para que os jovens formem suas próprias opiniões, com capacidade de refletir sobre a realidade do mundo, podendo esclarecer o motivo de a sociedade ser e agir assim e ter a opção de mudar ou não essa realidade. Na próxima seção, abordaremos a capacidade transformadora da leitura literária através dos estudos de Larrosa (2014) e Petit (2009).

2.4 A LEITURA COMO TRANSFORMADORA

São evidentes, a partir do que vimos anteriormente, os vínculos entre a leitura e o local dos sujeitos e das comunidades no tabuleiro social. As experiências de leitura no ambiente escolar ajudarão os jovens a refletir sobre a sua posição social. De acordo com Petit (2009, p. 13), “A leitura contribui para que jovens se encaminhem no sentido mais do pensamento do que da violência”. É através do trabalho com a leitura literária que esse jovem terá acesso ao desenvolvimento das múltiplas linguagens. Nesse aspecto, a literatura poderá suscitar a importância da valorização do meio ambiente, o que compõe não só o mundo, mas também a identidade dos seres humanos.

Vale sempre ressaltar a importância de projetos de leituras em comunidades mais pobres e excluídas, como ribeirinhos e indígenas, pois isso pode mudar a realidade — a democratização da leitura transforma vidas. Segundo Petit (2009, p. 61), “Para a grande maioria dos jovens marginalizados, o saber é o que lhes dá apoio em seu percurso escolar e lhes permite constituir um capital cultural graças ao qual terão mais oportunidades”. Em algumas vezes, nem é necessária a leitura de várias obras; é possível ter lido poucos livros, mas já se ter uma experiência leitora em toda a sua extensão. O trabalho feito com um livro lá no passado é capaz de transformar o futuro e deixar o mundo muito mais inteligível. Dessa maneira, podemos trabalhar obras que contemplem a literatura e a educação ambiental; com vista à emancipação humana, acreditamos que a leitura literária, ao acionar dispositivos sensoriais, pode colaborar com uma visão menos utilitária da natureza e evidenciar percepções que irão contribuir com uma aprendizagem mais efetiva no cuidado com o planeta.

Nesse sentido, a educação coincide com o processo da formação humana, pois envolve a objetivação do gênero e a vida do indivíduo como um ser social que pensa e vive suas experiências através das palavras, na medida em que ela dá sentido ao que somos e ao que nos acontece. Como afirma Larrosa (2014, p. 17),

O homem é um vivente com palavras. E isso não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra.

Por isso, atividades que visam à representação das palavras e das variadas formas de linguagens devem ser repensadas dentro do ambiente escolar, pois podem libertar ou mesmo aprisionar o indivíduo. Segundo Larrosa (2014, p. 166), “a linguagem é o que nos faz iguais e livres, e também o que nos faz desiguais e submissos”.

Convém lembrar que um dos principais contatos com a leitura literária se dá no ambiente escolar pela intermediação de professores que, por vezes, tentam fazer com que o aluno perceba a força desse hábito e de seus múltiplos sentidos, além de sua capacidade de proporcionar um melhor entendimento do mundo em que vivemos, pois essas leituras podem auxiliar os jovens a refletirem sobre suas experiências, a serem mais autônomos e a se expressarem contra regimes repressores a que sempre estão sujeitos em sociedades capitalistas (Petit, 2009). Dessa forma, a leitura literária é capaz de transformar realidades.

Segundo Petit (2009, p. 39), “[...] com frequências jovens relatam como certos textos, nobres ou humildes – mas também filmes ou canções – lhes ajudaram a viver, a pensar em si mesmo [...]”. A leitura literária proporciona ao leitor entender suas próprias experiências, refletir sobre elas, conviver melhor com o cotidiano que se revela, e até mesmo mudar o seu destino; ler é, portanto, uma oportunidade de reflexão, de encontrar um tempo para si, mas também de pensar no próximo, nas nossas relações com o mundo, e imaginar outras possibilidades para experiências recorrentes em nossa vidas.

A literatura pode demonstrar formas muito mais expressivas da vida dos seres humanos do que simplesmente a aprendizagem, podendo revelar atos de submissão, arrogância e conformismo. Através da literatura, conseguimos alcançar um nível de linguagem através do qual possamos exercer a comunicação com os outros, que nos faça viver bem no mundo, compreender e sermos compreendidos. Da mesma forma, a linguagem serve para exercitar o diálogo; não para nos exaltarmos diante do outro, mas para termos atenção com a fala do outro (Larrosa, 2014).

A aniquilação da linguagem e do pensamento acontece através da proibição de livros, fechamento de bibliotecas, espaços culturais, impossibilitando formas de linguagem e cultura de um povo. Com a falência da linguagem, acontece uma intimidação do ser humano, pois se perde a capacidade de comunicação, reivindicação de direitos, expressão dos sentimentos e de se impor diante dos fatos. O diálogo e a conversação precisam expressar a liberdade; nunca pode ser diferente disso, pois a corrupção linguística massacra o pensamento, oprime os direitos individuais e destrói a cultura. “A falência da linguagem implica na falência de qualquer posição na qual poderia se manter a salvo, na qual poderia falar e pensar sem perigo, a partir da qual poderia se opor ou se impor a uma realidade” (Larrosa, 2014 p. 100).

Formar leitores é, antes de tudo, uma questão social, pois crescer em um ambiente onde há livros e conviver com pessoas que leem frequentemente faz toda a diferença para alcançar esse hábito. Contudo, a minoria dos jovens tem essa oportunidade, então a escola, através de projetos bem elaborados de leitura, deveria proporcionar, como seu principal objetivo, o incentivo a essa prática que será tão importante para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens. Sobre leitura, Petit (2009, p. 137) afirma:

Quem evita os livros vê neles algo de desencorajador, de austero, distante da vida. Enquanto o leitor sabe que eles podem ser fonte de infinito prazer. E para dar um pouco mais de leveza, gostaria de dizer que aqueles que tiveram acesso aos livros evocam, antes de tudo, o prazer de ler. Falam da leitura como um exercício vital (se a pessoa não lê, morre, ler alimenta a vida).

As artes, como a literatura, o cinema e a música, entre outras formas de cultura, podem mudar o nosso olhar, fazer-nos conhecer outras realidades, aproximar-nos de pessoas diferentes. O sujeito da experiência se torna uma pessoa aberta para novas formas de ver a realidade — está sempre atento, não é preconceituoso, não faz julgamentos e nem tenta colocar a realidade de acordo com as suas vontades ou gostos. Quando não vivemos as nossas próprias experiências, somos impedidos de ver o outro lado; com outras formas de viver e nos relacionar com pessoas diferentes do nosso meio social, ficamos cegos em nossos próprios ideais. É necessário sair da zona de conforto, ficar aberto às mudanças, principalmente quando algo tido como real deixar de ser real. Em certas ocasiões, precisamos transformar a nossa realidade e evitar preconceitos. Nas organizações escolares, as leituras, interpretações e as

conversas sobre leitura poderiam ser os principais conteúdos, pois isso já seria o bastante para ampliar a visão de mundo dos jovens (Larrosa, 2014).

A leitura é uma experiência transformadora e perigosa, tanto para quem ler, quanto para os mediadores de leitura, pois irá mudar o ritmo de vida dos leitores que passarão por transformações depois das experiências literárias. O mediador de leitura é aquele que acompanha o jovem em momentos de indecisões sobre a obra lida, mostra e indica obras pelas quais os jovens podem vir a se interessar, tendo sempre como princípio que os leitores evoluem com o tempo de acordo com o modo como são incentivados, por isso a importância do trabalho do mediador de leitura, que deve estar sempre atento aos jovens que visitam a biblioteca, acompanhar, observar o que eles estão lendo, indicar novos desafios para que progridam como leitores. Um livro fechado, uma biblioteca sem movimentação e uma escola sem projetos de leitura não irão incentivar os jovens a ler, por isso a importância do mediador, alguém que saiba direcionar esses jovens à leitura, que possa incentivá-los. “Quando um jovem vem do meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler, ou de aprender” (Petit, 2009, p. 148).

Portanto, o hábito da leitura é uma questão social, muitas vezes começa com a família, mas a escola, professores e bibliotecários têm papel muito importante nesse contexto. Os professores são os principais profissionais que podem despertar o gosto pela leitura, principalmente quando esses alunos nascem em famílias que não incentivam essa prática; nesse contexto, serão os maiores mediadores e incentivadores de leitura. Sempre, em todas as épocas e em variados tipos de sistemas escolares, observam-se professores que conseguem despertar o gosto pela leitura em seus alunos: eles são os protagonistas nesse processo. Entretanto, é preciso lembrar que, para esse professor incentivar a leitura, faz-se necessário, antes de tudo, que ele goste de ler e seja um leitor assíduo, de modo que poderá indicar leituras variadas, desde os clássicos à literatura contemporânea.

O conhecimento gerado dentro das escolas deveria ser aberto às mudanças e direcionado ao acolhimento dos estudantes. O aprendizado precisaria acontecer em torno de políticas de igualdades. As organizações escolares necessitariam ser lugares democráticos, onde as pessoas pudessem se desenvolver. O ler, o escrever, o pensar e o conversar precisariam ser atividades principais, pois ajudariam no desenvolvimento humano e social em âmbito global. O mediador de leitura e o professor seriam os intermediários dessas atividades para oferecer aos jovens os

mais variados gêneros, dos clássicos aos textos informativos; privilegiar todas as possibilidades de escolhas para não segregar nenhum gênero textual. Além disso, deve-se esclarecer aos alunos que os livros não são todos iguais, e que ler um romance é bem diferente de ler uma história de ficção, de modo que esses alunos necessitam estar preparados para esse universo de leitura, até para fazer as suas próprias escolhas, para descobrir qual é o seu gênero favorito. Como afirma Petit (2009, p. 161), isso é necessário “Para transmitir o amor pela leitura. E acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.”.

O importante da leitura de um texto é como entendemos esse texto, como essa leitura nos toca, como transforma nossas convicções sobre o mundo no qual estamos inseridos; a partir delas, devemos parar e fazer reflexões a respeito das mensagens que os livros nos deixam. A educação precisa priorizar o que conta como conhecimento legítimo, como a gestão de pessoas, observação dos problemas sociais, os padrões de boa convivência. Que atividades como ler, escrever e conversar façam sentido e sejam tarefas normais no cotidiano escolar. A inteligência nos torna iguais, mas a educação liberta. É através de uma educação de qualidade que nos tornaremos pessoas livres e respeitaremos o nosso próximo. Os espaços de conhecimento envolvem a leitura, escrita e conversação para o desenvolvimento da liberdade e da igualdade entre as pessoas; esse seria o objetivo da escola: ensinar os alunos a ler por si mesmos, escrever por si mesmos e, principalmente, a pensar por si mesmos (Larrosa, 2014).

A educação tem relação com o desenvolvimento da linguagem, que está articulada ao ler, escrever, ouvir e o falar. Dessa forma, a educação de qualidade ajudará a criar um ambiente escolar propício ao desenvolvimento da liberdade, igualdade, diálogo e assegurará aos jovens serem construtores dos seus próprios saberes. A sala de aula formaria um ambiente de diálogo entre iguais, e assim seguiria construindo um conhecimento contínuo, através do qual cada jovem possa escolher o que realmente deseja aprender, fazer suas próprias escolhas, o que será útil para a sua vida.

Quando ensinamos a ler, escrever e conversar, estamos ensinando esse jovem a fazer as melhores escolhas para a sua vida; a matéria prima desse estudo é o texto literário, que irá construir o discurso, o conhecimento, a igualdade e oportunidades. Quem ensina dessa forma não deve se preocupar com o que o jovem irá aprender, pois assim ele poderá aprender o que quiser. Dessa maneira, os professores devem

estabelecer em sala de aula experiências entre os livros, os jovens e a vida que possam transformar pensamentos. Através de conversas sem atritos, sem competições, é possível construir ambientes onde as pessoas convivam civilizadamente e onde consigam expor seus pensamentos sem agressão ao outro. Sobre o texto, Larrosa (2014, p. 142) afirma:

Ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa ou pessoas fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nossa maneira de viver.

Diante disso ler, escrever e pensar não podem ser dissociados: são atos que estão sempre unidos. Quando escrevemos, também lemos e fazemos reflexões, e isso pode mudar a nossa perspectiva sobre o mundo. Só se ensina a ler e escrever, lendo e escrevendo, e o pensar será construído através do que ouvimos, das leituras que escolhemos, das vivências e relacionamentos que temos. Como indivíduos capazes de ler, escrever, pensar e conversar, somos seres de linguagem e isso nos torna iguais e livres.

3 LITERATURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NOSSAS PÁGINAS, NOSSAS FOLHAS

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas considerações acerca da associação da literatura à temática da educação ambiental, fugindo da “Educação Bancária”, referida por Paulo Freire (1987), e apresentando sentidos ao que ensinamos e aprendemos na escola, colaborando para a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade e no meio onde vivem; este trabalho visa contribuir para promover uma tomada de consciência a respeito do universo amazônico que nos cerca. Nesse sentido, recorreremos aos textos de Michèle Petit (2013), que aborda o papel da leitura na formação do indivíduo, principalmente em contextos de crise ou de grande violência social. Dias (2016) e Krenak (2020) contribuem com reflexões para lidarmos com os principais desafios sobre as questões ambientais no mundo atual, além de enfatizarem o modo desastroso com o qual o ser humano vem tratando a natureza. Dorrico (2019) e Kambeba (2020), por sua vez, trazem a literatura indígena contemporânea e dinâmica, demonstrando o ativismo, a militância e o engajamento desses povos historicamente marginalizados e que são protagonistas da manutenção das florestas de forma sustentável. A literatura indígena faz girar reflexões e práticas com formas diversas de pensar o mundo (comprometidas com o meio ambiente), promove aproximação de saberes diversos, amplia possibilidades de manter a biodiversidade, sem a destruição dos ecossistemas, e incita novas formas de ensino e aprendizagem. Neste estudo também recorreremos a documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (Brasil, 2018) e o Referencial Curricular para o Ensino Médio de Rondônia — RCRO — EM (Rondônia, 2022)

É essencial trabalhar a educação ambiental na escola, pois o ser humano continuamente transforma a natureza sob uma ótica desenvolvimentista, em que os ganhos e os lucros financeiros têm mais valor do que o ecossistema amazônico e todos os seres que dependem dessa floresta para a sua sobrevivência. Por isso há necessidade de projetos escolares que despertem o respeito ao meio ambiente e visem preservar a vida, as culturas nativas da floresta e valorizem uma relação harmônica entre a natureza e o desenvolvimento econômico.

Nesse sentido, a literatura indígena incorpora a cultura, a oralidade e a identidade dos povos originários da floresta a uma visão que coloque a natureza fora de qualquer exclusividade utilitária; talvez possamos conter o fim em um mundo que

parece já ter mesmo acabado. Para Carola Saaverda (2021), o fim do mundo é um cenário que se estende não apenas à natureza, mas “a outras áreas, como política, artes, cultura e, obviamente, também à literatura” (Saaverda, 2021, p. 18). A questão é que esse mundo que termina talvez possa renovar-se sem que o fim das florestas venha a trazer a destruição alertada por Davi Kopenawa (2015) e referida por Saavedra (2021), a profecia de que, com o fim das florestas, o céu venha a cair sobre nós.

3.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR

A natureza foi transformada em fonte de mercadoria a ser comercializada globalmente e meio para as mais diversas formas de invasão e apropriação com a desculpa do desenvolvimento. O nosso país vem sofrendo com os problemas ambientais, que envolvem questões sociais, culturais e econômicas, desde a sua colonização, embora, na atualidade, o antropoceno tenha se constituído em prejuízo ao planeta quase à condição de não retorno — ou já nessa condição, considerando o que fora a realidade da era pré-industrial. Os recursos naturais são explorados visando apenas ao lucro, sem a menor preocupação com as consequências. Para Krenak (2020, p. 44), “estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedade”. A responsabilidade ambiental abrange todos que interagem com o ambiente.

Fazem parte dessa responsabilidade o consumidor e a comunidade, e são esses que devem ser conscientizados da sua importância como mantenedores e provedores, de recursos para controlar e vetar atitudes sociais inadequadas, que exploram áreas naturais.

A escolarização, mesmo no que se pese de sua base liberal, pode ser um instrumento fundamental para que haja o desenvolvimento de pensamento crítico e mudança de comportamento com o objetivo de tentar amenizar as adversidades ou talvez desvendar possíveis soluções para problemas complexos da sociedade, como as questões ambientais; essas, se tratadas na escola através de projetos literários, despertariam a consciência em relação à conservação de rios, matas e dos povos que vivem nessas regiões. Caso contrário, futuramente teremos a destruição total desse meio ambiente. A respeito disso, afirma Krenak (2020, p. 56) o seguinte:

Se torna gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. O que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano e chapá-lo de ideias para destruir o mundo. Para mim isso não é educação, mas uma fábrica de loucura que a pessoa insiste em manter.

Quando o indivíduo incorpora a suas ações novas condutas, o resultado se reflete em sua vida e incentiva novas posturas em relação ao meio ambiente. De acordo com Ramos (2001, p. 202) “a educação ambiental surgiu como uma estratégia da sociedade de fazer frente aos problemas ambientais entendidos como ameaças à qualidade de vida e à vida no planeta”. Nessa perspectiva, acreditando na efetividade das utopias da literatura e da educação ambiental, que respeita e dá lugar à diversidade presente no planeta, esta pesquisa visa contribuir para a reflexão sobre a necessidade de novos hábitos e conhecimentos no que tange à efetividade da dinâmica da vida e da sensibilidade pautadas através da Literatura Indígena, no olhar de uma educação ambiental que respeita a diversidade e acredita no poder da amorosidade diante das coisas do mundo.

Atualmente, a Educação Nacional, incluindo a educação ambiental, segue as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da Educação Básica, que estabelecem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), responsável por orientar a organização, a articulação, o desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino. Esse documento traz diretrizes nacionais para a educação ambiental.

Educação ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã responsável, crítica e participativa em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A educação ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para a cultura de sustentabilidade socioambiental. (Brasil, 1996, p. 535)

Do mesmo modo, a BNCC também agrega possibilidades de se trabalhar a educação ambiental nas escolas, em que o tema “meio ambiente” pode ser vislumbrado nas competências e habilidades da área de Linguagem e suas tecnologias, visando estimular de forma permanente e contínua o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e valores necessários para enfrentar os desafios socioambientais do século XXI.

O meio ambiente, com ênfase na educação ambiental e na educação para o consumo sustentável, é indicado como competência específica da área de Linguagens e suas tecnologias, de acordo com o Referência Curricular para o Ensino Médio de Rondônia – RCRO – EM:

Utilizar diferentes linguagens para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global (Rondônia, 2021, p. 118).

Em síntese, vivemos uma profunda, aguda e crescente crise socioambiental por conta de um modelo hegemônico de desenvolvimento, predatório em relação à natureza e insustentável por conta da dimensão e extensão dos mecanismos de depredação.

O ambiente escolar é considerado um lugar onde os indivíduos começam a ter consciência de suas atitudes; nesse contexto, revela-se de extrema importância trabalhar a educação ambiental. Só assim conseguiríamos evitar a destruição anunciada por Krenak (2020, p. 55): “Nós estamos, devagarinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri; veem o ciclo das árvores mudar”.

Desse modo, a educação ambiental assume um papel crucial na composição de um mundo socialmente mais justo, igualitário e ecologicamente equilibrado, condição tida como fundamental para a manutenção da vida no planeta. Este trabalho possibilitará formas práticas e tangíveis de se abordar na escola a educação ambiental destacando questões locais, da região amazônica, sob a perspectiva da literatura.

No caso do Brasil, pode-se considerar que o país vem sofrendo com os problemas ambientais, que envolvem questões sociais, culturais e econômicas, desde sua colonização. Os recursos naturais são e foram explorados, ou mesmo dizimados, visando apenas ao lucro, seja por parte dos antigos colonizadores, seja por parte dos atuais empreendedores e capitalistas extrativistas, sem a menor preocupação com as consequências. A educação é instrumento fundamental para que haja o desenvolvimento de pensamento crítico e mudança de comportamento com o objetivo de tentar amenizar os problemas ou, talvez, desvendar possíveis soluções para as questões complexas da sociedade, como as ambientais. A literatura, forma de

expressão sociocultural, deve ser uma ferramenta de expressividade sobre as questões sociais, capaz de significados reais através da compreensão de diferentes contextos construídos pelos próprios sujeitos. De qualquer forma, o elemento fundamental para a implementação de um novo modelo para os padrões de consumo somados ao crescimento populacional é a educação ambiental; essa concepção, bem como a importância dos povos originários para a manutenção da biodiversidade, será apresentada na próxima seção.

3.2 ANTROPOCENO, NATUREZA E EDUCAÇÃO

Antropoceno é um termo que combina as raízes das palavras em grego “anthropo” (humano) e “ceno”, que significa “novo”. Relaciona-se à influência humana sobre o planeta e sobre o funcionamento de seus ecossistemas, e pode considerar-se iniciada com a Revolução Industrial. Para Saavedra (2021, p. 15), “É o nome que alguns dão à (nova) era geológica que estamos vivendo e que se caracteriza pela atual e incontestável capacidade humana de destruir o planeta e tudo o que há nele (incluindo nós mesmos)”.

A destruição do antropoceno, em processo, não significa dizer que algo está a ser destruído, mas que muito já foi arrasado. O “fim do mundo” significou e significa a destruição estabelecida aos povos tradicionais, por uma guerra de conquistas que teve início com a catequese dos “pagãos”, com a caça às feiticeiras, dos colonialismos à globalização, quando os imperialistas nunca hesitaram em recorrer a genocídios de nações originárias para estabelecer sua soberania universal (krenak, 2020b). O antropoceno é o impacto do homem na Terra, exaurindo fontes da vida que nos possibilitaram saber e sentir que esse planeta era verdadeiramente a nossa casa e que deveríamos preservá-lo para as gerações futuras.

Um dos primeiros esforços internacionais para resolver os graves problemas ambientais foi a realização da *Conferência de Estocolmo* (que ocorreu na Suécia em 1972), reunindo representantes de 130 nações, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU). “A partir daí a preocupação com o ambiente tornou-se cada vez maior e a educação ambiental foi considerada um dos instrumentos mais importantes para promover as mudanças que se faziam necessárias” (Dias, 2016, p. 61). Contudo, ainda assim a crise ambiental no mundo seria agravada nos anos seguintes.

Em 1992, passados vinte anos, representantes de 170 países estiveram reunidos na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como “Eco – 92”, para discutir a crise ambiental do planeta. Dessa importante conferência surgiu a “Agenda 21”, um documento internacional de compromissos ambientais contendo recomendações para um novo modelo de desenvolvimento sustentável que enfatizava a importância da educação ambiental. Em agosto de 2023, ocorreu no Brasil a Cúpula da Amazônia, que busca um compromisso mútuo entre os líderes políticos que têm parte do bioma amazônico em seu território de zerar o desmatamento na Amazônia até 2030. Observo aqui a importância de se discutir as pautas ambientais, abordando problemas estruturantes, com a avaliação de diferentes aspectos para, de forma integrada, encontrarmos saídas para o desenvolvimento sustentável. Dias (2016, p. 64) destaca:

O desenvolvimento sustentável busca compatibilizar o atendimento das necessidades sociais e econômicas do ser humano com as necessidades de preservação do ambiente e dos recursos naturais, de modo que assegure a sustentabilidade da vida na terra. Procura melhorar a qualidade de vida humana, respeitando a capacidade de suporte dos ecossistemas. Acredita-se que o desenvolvimento sustentável seja a forma mais viável de sairmos da rota da miséria, exclusão social e econômica, consumismo, desperdício e degradação ambiental em que a sociedade humana se encontra.

Com os padrões atuais de produção e consumo, somados ao crescimento populacional e às injustiças sociais e econômicas vigentes, o desenvolvimento sustentável não é viável teoricamente. Em um mundo que consome mais do que o planeta pode sustentar, esse modelo de desenvolvimento é uma impossibilidade ecológica (Dias, 2016). De qualquer forma, o elemento fundamental para a implantação de um novo modelo é a educação ambiental. O Brasil já possui uma Política Nacional para a Educação Ambiental (Lei 9795/99), em que afirma que essa deve ser componente essencial para a educação nacional e estar presente em todas as modalidades do ensino. Dessa forma, a temática ambiental passa a ser obrigatória em todos os níveis do processo educacional, de forma integrada e interdisciplinar.

A modernização retirou grande parte das pessoas do convívio em suas comunidades da floresta e as colocou para viver nas cidades, em lugares onde passam todo tipo de privação. Como afirma Krenak (2020, p. 14b), a modernização “jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos”. As grandes corporações obrigam as pessoas

a viver modelos de vida urbanizados, e depois devoram as florestas, montanhas e os rios, espalhando um modelo de progresso que destrói o meio ambiente². Porém, a resistência desses povos da floresta, que estão sobrevivendo a praticamente cinco séculos de exploração, é que nos mostrará o futuro para a sobrevivência dos recursos naturais e para a nossa própria sobrevivência.

As gerações que foram privadas do convívio com a floresta estão sendo preparadas por um sistema educacional que as faz ignorar as consequências ambientais dos seus atos e objetiva torná-las consumidoras úteis e perseguidoras obsessivas de bens materiais. Imersas em uma luta cotidiana cada vez mais cheias de compromissos, não percebem como estão incluídas na trama global da insustentabilidade (Dias, 2016). Vivendo sobre essas condições, não reconhecem que dependem de uma base ecológica de sustentação da vida.

Nesse contexto, observa-se ainda a incapacidade de se acolherem os habitantes originários. De todas as formas, está-se à procura de mudar a sua cultura, tentando inserir nas tribos indígenas novos hábitos e costumes que são nocivos aos modos de vida dessa população e que são fatais mesmo à sociedade do lucro. Primeiro, destroem a língua dos povos originários, depois sua cultura e, após isso, tomam o seu território. Sobre as línguas indígenas, Krenak (2020, p. 23b) afirma:

Para a Unesco, 2019 é o ano internacional das línguas indígenas. Todos nós sabemos que a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas, um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletada. Sobram algumas de preferência aquelas que interessam às corporações para administrar a coisa toda, o desenvolvimento sustentável.

Precisamos ser críticos a essa ideia de homogeneidade criada pelo capitalismo (Krenak 2020b), que vem para destruir o meio ambiente e tomar as terras dos povos que vivem na floresta:

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem mais de 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos (Krenak, 2020, p. 31).

² A Amazônia sofreu em 2022 com o quinto recorde anual consecutivo no desmatamento, segundo o monitoramento por satélite do Imazon. Entre janeiro e dezembro, foram devastados 10.573 km², a maior destruição em 15 anos — desde que o instituto de pesquisa começou a monitorar a região, em 2008. Isso equivale à derrubada de quase 3 mil campos de futebol por dia de floresta.

De norte a sul deste país os povos indígenas estão em constante luta e resistência desde os primórdios da colonização para manter o seu território, e insistem para que o governo cumpra seu dever constitucional de assegurar os direitos desses grupos em seus locais de origem, que para eles é um solo sagrado. E o cumprimento desse direito significa “vida” não apenas às ancestralidades e seus povos, mas a todos seres humanos. As culturas preservadas sobre determinadas terras, que são suas, permitem a preservação de tudo que ainda não foi extinto pelo antropoceno.

O dilema para as sociedades indígenas no século XXI é tentar manter o seu último reduto onde a natureza ainda existe, onde podem suprir as suas necessidades alimentares e de moradia, sem criar uma dependência excessiva do Estado, capazes de gerir suas vidas. Isso porque a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização destas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira (Krenak, 2020b). Nesse conjunto, as pessoas se tornaram mercadorias, e isso gera a destruição em massa do meio ambiente, pois tudo é visto como recurso, sem importância real. Os povos originários que negam esse tipo de vida, não permitem a destruição da biodiversidade, são jogados para a marginalidade. Krenak (2020, p. 67b) enfatiza:

Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza. Na verdade, estão invocando novas formas de os velhos manjados humanos coexistirem com aquela metáfora da natureza que eles mesmos criaram para consumo próprio. Todos os outros humanos que não somos nós estão fora, a gente pode comê-los, socá-los, fratura-los, despachá-los para outro lugar do espaço. O estado de mundo que vivemos hoje é exatamente o mesmo que os nossos antepassados recentes encomendaram para nós.

Dessa forma, devemos pensar em qual tipo de mundo queremos deixar para as gerações futuras. Os indígenas não se sentem como uma natureza à parte, eles são parte da natureza. Desse modo, ao defender suas formas de viver, automaticamente estão defendendo o meio ambiente e toda essa biodiversidade que deve ser preservada. Pois, como afirma Krenak (2020b), o fim do mundo é a interrupção de um estado de prazer que não queremos perder; com esse modelo de desenvolvimento econômico, estamos cooperando para as catástrofes ambientais que estão destruindo este planeta. Nessa linha, ganha importância a Literatura

Indígena. Em uma arte em que se escreve das oralidades anteriores pode estar uma das chaves para a sustentabilidade do planeta.

3.3 A LITERATURA INDÍGENA E O RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

A preocupação com as questões ambientais adquiriu destaque nas últimas décadas e vem sendo discutida nos cenários econômicos, políticos, sociais e educacionais na esperança de chamar atenção para o problema. Nesse sentido, considero que o desenvolvimento sustentável seja a forma mais viável de preservação dos recursos naturais, de modo a assegurar as necessidades sociais e econômicas do ser humano e respeitar a capacidade dos ecossistemas.

Diante disso, na literatura indígena é possível encontrar um conhecimento milenar a respeito do meio ambiente; ela ensina e encanta ao mesmo tempo. As histórias indígenas são contadas de uma maneira pluridimensional e sem fronteiras. Essa literatura é capaz de ajudar a pensar a sustentabilidade, pois através dela conseguiremos ampliar esse conhecimento que pode salvar o planeta de um desastre ambiental e revelar uma nova visão dos acontecimentos atuais, uma vez que os povos originários possuem experiência necessária para reverter o caos em que se encontra o planeta.

A literatura indígena se manifesta no país a partir do reconhecimento do direito à identidade indígena e à cidadania brasileira trazido pela Constituição de 1998. O que os povos indígenas nos mostram através de sua literatura é que há formas de resistência que implicam a cooperação de todos a fim de garantir a nossa continuidade e das futuras gerações. Tal resistência se dá em diferentes níveis e implica descolonizar a mente, entender quem somos e o nosso lugar neste planeta. Isso não é uma tarefa fácil, mas os povos originários nos dão o exemplo, pois em seus territórios tradicionais as sociedades indígenas e o ambiente evoluíram conjuntamente e em equilíbrio.

Importa observar na existência da literatura de autoria indígena uma resposta à apropriação dos territórios que permite a existência de sua cultura. A literatura indígena é uma apropriação de uma ferramenta do dominador: a escrita. Para Eliane Potiguara (2019), a literatura indígena “nunca existiu”, nem existe, mas é uma “estratégia de luta”. Nas suas palavras, em obra organizada por Idjahure Kadiwéu:

Eu sempre considero que a gente precisou partir para a literatura porque não tinha outros espaços. Estava todo mundo ocupando nossos espaços. Eu vi centenas de pessoas escreverem sobre lendas indígenas, alterando o conteúdo do texto, o final das histórias. Escritores que não eram indígenas, que pegavam um mito e alterava para um texto escrito. [...] Aquilo que é feito por indígena, alguém tem que defender esse território também (Potiguara, 2019, p. 45).

Como resistência, amparada em suporte e ferramenta do “outro”, a literatura de autoria indígena contribui para a formação de um leitor consciente dos problemas ambientais enfrentados na região amazônica e desperta o senso crítico para as dificuldades e desafios aos quais estão expostos os povos originários. A leitura e interpretação de textos desse tipo deve adentrar os muros escolares, pois através deles reconheceremos o respeito à floresta e aos seres que vivem e cuidam das matas e dos rios. Lendo, ouvindo e falando sobre os ensinamentos que vêm da floresta amazônica seremos capazes de educar e evitar muitos desastres ambientais. Como afirma Kambeba (2020, p. 29b),

As escolas da cidade precisam ensinar o jeito certo de se referir aos povos originários, mas não o chamando de “índio”, mas tratando-os pelo nome de suas nações específicas. Buscar conhecer cada povo na sua especificidade é importante para a educação escolar de crianças não indígenas. Assim, é preciso fazer o caminho da volta, do conhecimento das identidades e ancestralidades indígenas para a narração de sua memória. No século 21, nosso arco e flecha são a educação e a literatura.

A música, a poesia e a literatura cabem em todos os lugares e é importante para o professor estabelecer conexões com seus alunos e, através dos textos, fazer com que esses vivenciem outros lugares, com diferentes povos, respeitem outras culturas e se permitam novas descobertas, sentimentos, emoções, sem medo de arriscar viver o novo. A literatura dos povos originários pode despertar o senso crítico para a preservação ambiental e o respeito à situação dos povos da floresta, por isso são importantes para a formação do indivíduo; dessa forma, teremos oportunidades de conhecer, valorizar e preservar a multiculturalidade em nosso país, pois com tantas diferenças existentes, como características próprias do povo brasileiro, a leitura, reflexão e o pensar crítico devem ser incentivados nas salas de aula para o próprio desenvolvimento dos alunos como pessoas que respeitam o meio ambiente e os povos que vivem na floresta.

A literatura tem a função de ajudar as pessoas a se reconstruírem mesmos estando em contextos sociais desfavoráveis; através dela podemos nos organizar, dar

sentido às nossas vidas e montar locais apropriados de liberdade, onde poderemos encontrar soluções para escapar dos impasses que nos permeiam e fazer com que todas as populações tenham garantidos os seus direitos e cultura (Petit, 2013). Nesse sentido, a contribuição da literatura para a educação ambiental se revela na importância em criar e recriar territórios de hipóteses, e em evidenciar a necessidade de um novo pensar, em que questões humanas estejam ligadas às questões ambientais.

A autoria na literatura indígena é oral e coletiva. Essa forma de literatura está ligada aos saberes imemoriais e ao patrimônio milenar e coletivo de cada tribo. Atualmente, os autores indígenas têm retomado essas narrativas para recontá-las de maneira mais sensível, com compromisso político, espiritual, social e cultural. Segundo Kambeba (2020. p. 90b), “As narrativas sempre contadas pelos mais velhos, passadas de geração em gerações, registradas em textos ilustrados, são fundamentais para o aprendizado de uma nova geração”. É a literatura como forma de expressão sociocultural. Assim, não se pode reduzir a literatura à apresentação de períodos e de recursos literários, mas trabalhá-la sobretudo como uma ferramenta de expressividade sobre as questões sociais. Atualmente, a educação tende a se preocupar em proporcionar aos educandos significados reais através da compreensão de diferentes contextos construídos pelos próprios sujeitos. Sobre as formas de pertencimento sociocultural, Petit (2013. p. 113) enfatiza:

A leitura pode sacudir crenças bem estabelecidas até então, desvirtuar uma representação do mundo baseado numa oposição entre “eles” e “nós”. Porém, se às vezes, pode relaxar, certos vínculos comunitários, também convida a outras formas de vínculo social, a outras formas de pertencer a uma sociedade.

A relação entre a educação ambiental e a literatura estimula a criatividade, a fantasia, a imaginação e a sensibilidade, que são elementos pertinentes para que se reflita sobre o caos em que estamos jogando o planeta. A leitura de textos provenientes da literatura indígena nos possibilita visualizar e compreender as potencialidades do saber literário em prol de sociedades sustentáveis, portanto fornecem abertura para entrelaçar esses saberes à educação ambiental.

A região amazônica, ao contrário do que pensamos, sempre foi habitada pelos povos originários que vivem dos produtos da floresta sem destruir os seus recursos naturais. Esses povos nunca foram isolados; mesmo antes da invasão europeia,

existia uma grande população na Amazônia, com língua, cultura e organização política. Povos de etnias diferentes já se relacionavam, ao contrário do que afirmava o “colonizador”; as sociedades indígenas eram economicamente organizadas, e valorizavam a ideia de coletivo. Contudo, nas aldeias, hoje, vive-se um outro tempo: os produtos da cidade ganharam espaço, os povos indígenas saem para estudar nas cidades, tudo isso é necessário para defender o seu território. Como afirma Kambeba (2020. p. 49b), “Estudamos na escola da aldeia e da cidade, adentramos a universidade, produzimos literatura, música, arte e cinema”. Porém, a cultura indígena que é ensinada na floresta pelos seus ancestrais nunca deve ser esquecida; a contribuição dos povos originários para os saberes da cidade, manutenção do meio ambiente, é a base civilizatória para a formação do Brasil.

Ligar mundos, ser ponte para o outro, é tarefa que requer humildade e sabedoria; assim caminham os povos da floresta, buscando demarcar seus territórios, lutando contra o sistema que quer vê-los desapropriados de terras produtivas, ricas em minérios, madeira de lei, onde se entende que precisa ser construída uma hidrelétrica ou hidrovía (Kambeba, 2020b). Desta forma vivem os povos originários: entre a floresta e a cidade, aprendendo a linguagem, cultura e legislação dos colonizadores para defender seus territórios com o objetivo de que seus parentes que precisam, ou querem, continuem a viver protegidos dentro das aldeias e não venham cair na marginalidade e nas periferias das cidades.

Nesse sentido, devemos aprender e ensinar nossos alunos a respeitar os povos da floresta e seus territórios, pois observamos em suas práticas as melhores formas de utilizar o meio ambiente sem destruí-lo. Antes, porém, é preciso deixar para trás estereótipos de que os indígenas são pessoas “preguiçosas”, que não têm cultura, higiene e vivem de forma “primitiva”. Através da literatura, podemos desconstruir esses preconceitos e entendermos a cultura, os costumes dos povos originários e aprendermos novas formas de preservação da natureza. Kambeba (2020b) destaca que o educador deve motivar seus alunos a descobrir a literatura indígena da região amazônica, estabelecer conexões entre essa literatura e o cotidiano dos estudantes; isso nos permitirá novas descobertas, sentimentos, emoções sobre o lugar onde vivemos, sem medo de arriscar viver o novo, porque o risco nos motiva a confiarmos em nós mesmos.

Levar para a sala de aula uma literatura que represente as lutas e tradições dos povos originários e a pluralidade cultural é contribuir para o conhecimento de histórias

passadas que estão presentes nas narrativas indígenas, muitas vezes provenientes da oralidade. A Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica das relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno possibilidades de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. Nessa perspectiva, os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular e, pautado nela, o Referencial Curricular para o Ensino Médio de Rondônia – RCRO – EM, inferem sobre a relevância de considerar saberes locais na construção do currículo escolar:

Assim, por intermédio do contato com os textos literários, o estudante será conduzido ao conhecimento dos valores regionais, hábitos, costumes, línguas, que auxiliarão na busca do reconhecimento de sua identidade local. Nesse contexto, também se possibilitará a aceitação das diferenças e da valorização dos diversos discursos que compõem as sociedades contemporâneas, consideradas como minorias: mulheres, etnias e os variados grupos, que vêm se tornando notórios na literatura da Amazônia (Rondônia, 2021, p. 104).

Dessa forma, é de grande importância mostrar aos alunos a diversidade cultural existente no país por meio da literatura, aguçando a imaginação e a vontade dos alunos em buscar novas fontes de leitura, tornando os leitores abertos à alteridade e à necessidade de contatos identitários. Uma das competências gerais da Língua Portuguesa diz respeito à contextualização sociocultural, considerando-a como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais, e como representação simbólica de experiências humanas, manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social, de acordo com a BNCC:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para *fruição e conhecimento*, ao lado da literatura africana, *afro-brasileira*, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. Essa tradição, em geral, é constituída por textos clássicos, que se perfilaram como canônicos – obras que, em sua trajetória até a *recepção contemporânea*, mantiveram-se reiteradamente legitimadas como elemento expressivo de suas épocas (Brasil, 2018, p. 524).

Diante disso, torna-se cada vez mais importante trabalhar atividades com o objetivo de desenvolver práticas de leitura que contemplem as habilidades literárias

em prol do desenvolvimento integral do estudante, analisar pensamentos e saberes de diferentes grupos, povos e sociedades (incluindo os indígenas), levando em consideração o respeito às suas formas de apropriação da natureza, extração e transformação dos recursos naturais, organização social e relações de trabalho. Muitas vezes o leitor, ainda não familiarizado com a percepção e o modo de viver dos povos originários, tende a colocar essas narrativas em frascos que, via de regra, estão relacionados ao folclore, ao exotismo, a um olhar romântico, bastante distante do que significam de fato; faz-se necessário não cair no reducionismo de encarar a literatura indígena apenas como mitologia, retirando dela todo seu potencial de ciência, integração entre o ser humano e a natureza, ancestralidade, simbologia, cultura e encantamento.

3.4 AS AUTORAS INDÍGENAS

Neste trabalho, foram escolhidos para *corpus* de pesquisa e de ação os livros *Saberes da floresta*, de Márcia Wayna Kambeba (2020), e *Eu sou Macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico (2019), obras que tematizam e consagram o meio ambiente sob o olhar dos povos originários, que, desde o início da colonização lutam para manter o seu território e a preservação da natureza onde vivem de forma sustentável. A seleção das obras levou em consideração a faixa etária dos alunos e também observei a temática dos textos com o objetivo de garantir que a opção por essas autoras fosse efetivamente ao encontro das noções sobre a preservação do meio ambiente, pois este projeto pretende contribuir para promover uma tomada de consciência a respeito do universo amazônico que nos cerca.

Desse modo, o respeito à floresta e aos seus povos assume um papel crucial na composição de um mundo socialmente mais justo, igualitário e ecologicamente equilibrado, condição tida como fundamental para a manutenção da vida no planeta. Este trabalho possibilitará formas práticas e possíveis de se trabalhar na escola a educação ambiental, abordando questões locais sob a perspectiva da literatura indígena.

3.4.1 Márcia Wayna Kambeba e os saberes da floresta

A obra de Márcia Wayna Kambeba está presente neste trabalho pois traz uma visão descolonial sobre as populações indígenas, sua cultura e ensinamentos que são capazes de manter a preservação da floresta. Com uma linguagem fluida revelando traços da história oral e da literatura de cordel, ela parte dos próprios versos e de um olhar filosófico e político para refletir sobre a educação ambiental e a identidade nas aldeias. Como neste trecho do poema (Vozes da floresta):

Os indígenas mantêm esse diálogo
Acordam com o cantar do sabiá
Maria judia cantou aculá
Conhecem o tempo do vento
A subida e descida das águas
E convivem obedecendo as vozes da floresta
Que a noite canta para dormirem
Na sua cama que é puçá.
(Kambeba, 2020, p. 15)

A literatura de Kambeba (2020) nasce com o objetivo de partilhar saberes da floresta e fazer girar reflexões e práticas comprometidas com formas diversas de pensar o mundo, as relações, os modos de aprender baseados nos ensinamentos e vivências que a floresta pode proporcionar. A produção poética da autora se apresenta como um fio que abre caminhos, promove aproximações entre os saberes das comunidades originárias e as populações que vivem nas cidades, amplia possibilidades de visões de mundo e incita novas formas de aprendizados. A respeito da produção poética de Kambeba (2020), Julie Dorrico (2020, p. 14) destaca no prefácio do livro *Saberes da Floresta*: “É preciso instruir-se como os povos ameríndios para viver no mundo e educar. Isso é tão verdadeiro que não podemos mais ignorar os fatos”.

Atualmente a autora escreve poemas, contos, resenhas, ensaios e críticas sobre a preservação da natureza, a luta dos povos indígenas para manter sua cultura e seu território. “Vivemos sobre a proteção de uma vasta floresta chamada Amazônia, berço de grandes culturas, ricas em saberes que podem contribuir com a sociedade não indígena” (Kambeba, 2020, p. 15). Marcia Wayna Kambeba é indígena do povo Omágua/Kambeba no Alto Solimões (AM). Nasceu na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna; mora hoje em Belém (PA) e é mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista,

seus poemas rimados guardam as semelhanças com o cordel e as narrativas orais tradicionais na cultura dos povos originários do Brasil.

Em seus textos, Kambeba (2020) transmite sua ancestralidade para compreendermos a íntima relação entre a floresta e seus povos, uma literatura que encanta e desperta reflexões sobre o respeito a natureza. No livro *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade*, a autora faz uma conexão entre sua origem indígena e a vida na cidade, apresenta a história de seu povo em poesias repletas de emoção. Na obra *Saberes da Floresta*, Kambeba (2020) promove uma aproximação entre sua ancestralidade, a floresta e seus diversos saberes, mostrando-nos a importância sobre as várias formas de pensar o mundo e a preservação do meio ambiente. Em *Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta*, Kambeba apresenta 25 poemas narrativos que recontam a tradição oral recebida pela autora de seus ancestrais, ritos e lendas de diversas culturas nativas da Amazônia.

Essa literatura nos faz refletir sobre a importância da ancestralidade e oralidade para a cultura dos povos originários em uma luta descolonizadora para manter intactos os seus territórios e, com isso, proteger o meio ambiente. Através desses textos, temos muitos exemplos de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões dos saberes repassados aos seus pela oralidade. A literatura indígena é um convite a desbravar o universo da cultura desses povos sempre com respeito e equidade.

3.4.2 Julie Dorrico e o outro calendário

A autora Julie Dorrico é pesquisadora e curadora de literatura indígena; descendente do povo Macuxi, nasceu em Guajará-Mirim, em Rondônia; é doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS e Mestre em Estudos Literários pela UNIR/RO. Pesquisa Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. Autora do livro *Eu sou macuxi e outras histórias*, que será utilizado como *corpus* de análise nesta pesquisa. Como afirma Dorrico (2019), a cultura indígena se propaga e se mantém, há milênios, pela tradição oral. Narrativas, rituais sagrados, costumes e a própria língua são transmitidos a partir da conversa e da contação de histórias. Nessa obra, Dorrico (2019, p. 108) descreve:

Este ano destaca-se a resistência a perseguição explícita aos territórios e direitos indígenas. Mas queremos *contar a história do outro calendário*, aquele de 1500, esse que vive no corpo, na memória e na história dos sobreviventes do que se chama hoje de Brasil. Queremos contar a história do orgulho do pertencimento étnico, das belas-palavras, das avós e dos avôs, da roda de conversa em volta da fogueira, de que afinal, humanos florestas, animais, somos todos gente (Grifo nosso).

A autora procura em sua obra resgatar a identidade e a cultura dos povos indígenas; dessa forma, logo no prefácio do livro, Daniel Munduruku (2019) faz um alerta para cada um de nós identificarmos o caminho da ancestralidade e trabalhar as nossas memórias que é a chave da descoberta do ser:

Julie Dorrico fez o caminho de esvaziar-se para ser preenchida pela memória e pelo pertencimento. Estas duas coisas estão presentes nos escritos poéticos e imagéticos que as palavras escritas agora dão forma. Ela nos presenteia com um mergulho em suas memórias ancestrais e contemporâneas para nos ajudar a criar coragem de trilharmos o mesmo caminho, aceitarmos o que há de originário em cada um de nós e fazermos o caminho de volta, da aceitação, do desprendimento, da ancestralidade.

O livro é composto por contos e poemas que nos trazem as memórias de gerações passadas, dos povos originários e da força indomável de uma natureza da qual nascemos e temos que respeitar para manter a integridade de toda a nação brasileira. Essa literatura nos traz a reflexão de problemas que atingem as sociedades indígenas há décadas, mas que também afetam as florestas e destroem todo um ecossistema. Como no poema “*O homem do ouro*” (Dorrico, 2019, p. 77):

Quando a draga queen aportava no barranco, íamos buscar papai.
Ele sempre nos encontrava sorridente com uma pepita de ouro.
Aquele ouro me deixava feliz porque mamãe e papai sorriam mostrando os dentes.

Durante nove anos,
Eu tive o afeto de meu pai.
Mas ele enlouqueceu,
Como todo homem do ouro
Que não espera maldição
De matar os outros envenenado aos pouquinhos.

Enquanto meu pai ficava cada vez mais rico
Mais o rio-gente morria, bem devagarinho sufocado pelo mercúrio.
E quanto mais morria,
Mais gentes-árvore, gentes-peixe, gentes-barranco, gentes-gente morriam com ele.

Até que um dia foi meu pai que morreu
Primeiro, de tristeza;
Depois, da vida mesmo.

primeiro de tristeza;
depois, da vida mesmo.

Agora eu sei: a felicidade do meu pai não era boa.

Hoje eu sinto que toda a felicidade que não é boa, depois mata.
Foi assim com meu pai.
São as mesmas histórias que eu escuto dos homens de ouro:
Se tornam outros, ocos, pouco.

Outros, ocos, pouco.
Outros, muito ocos, pouco, e depois morrem.
Queria que não fosse verdade, mas é.

Dessa forma, o livro *Eu sou macuxi e outras histórias* nos leva a vivenciar problemas que atingem o meio ambiente através de história que atravessam várias gerações indígenas, porque Dorrico (2019) não conta só a história de seu povo, os macuxis, mas também a história de diversos parentes; com o orgulho do pertencimento étnico, pretende nos ensinar o que já deveríamos saber: “de que afinal, humanos, floresta, animais, somos todos gente” (Dorrico, 2019, p.8). Então, nos seus textos, está muito presente a relação com a natureza, a busca pela sobrevivência dos povos originários que sofrem desde a colonização com a ambição do ser humano.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos que caracterizam este trabalho, descrevemos o tipo de pesquisa desenvolvida, o cenário, o perfil dos participantes e a explicitação dos instrumentos utilizados para coleta de dados; além disso, esse delineamento será amparado pela concepção sobre pesquisa-ação de Michel Thiollent (2011), na obra *Metodologia da pesquisa-ação*, e pelos conceitos de Prodanov e Freitas (2013), em *Metodologia do trabalho científico*.

Nesta pesquisa, utilizei como *corpus* de análise as obras *Saberes da Floresta* (Jandaíra), de Marcia Wayna Kambeba (2020), e *Eu sou Macuxi e outras histórias* (Caos e Letras), de Julie Dorrico (2019), todos livros de literatura brasileira contemporânea escritos por autoras indígenas da região amazônica. A seleção das obras levou em consideração a temática dos livros, situações de comunicação em que os estudantes pudessem se envolver com a literatura, com o objetivo de garantir que a opção por essas autoras fosse, efetivamente, ao encontro das noções abordadas pelos alunos e dos conceitos sobre a preservação do meio ambiente, pois esse projeto visa contribuir para promover uma tomada de consciência a respeito do universo amazônico que nos cerca.

O projeto de dissertação foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo por se tratar de uma pesquisa-ação envolvendo alunos, sujeitos de pesquisa, conforme autorização do Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo – RS, sob o protocolo nº 64694922.5.0000.534, através do parecer nº 5904955 de 22/02/2023.

A abordagem escolhida para esse trabalho depende não só da reflexão, mas também da ação, e tem como ponto de partida situações concretas, vivenciadas por um grupo e pela própria pesquisadora. A pesquisa tem como objetivo discutir a formação do leitor associada à educação ambiental de forma propositada por pesquisa-ação. De acordo com Thiollent (2011), o método da pesquisa-ação consiste:

Em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros de situações problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que seja formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas ou políticas (Thiollent, 2011, p. 7).

Nesse sentido, possibilita que o pesquisador intervenha em uma problemática (social, educacional, técnica, entre outras), analisando e anunciando. Esta pesquisa, em seu objetivo, classifica-se como exploratória, ou seja, “tem por finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a definição do tema da pesquisa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51-52). Dessa forma, a pesquisa mobiliza os participantes a fim de construir novos saberes e buscar estratégias visando encontrar soluções para os problemas que cercam os sujeitos.

O presente trabalho envolve, também, levantamento bibliográfico e se caracteriza por uma abordagem qualitativa, pois a pesquisadora irá desenvolver conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões coletados nos dados por meio de questionários para diagnóstico. Assim, Prodanov e Freitas (2013, p. 54) referem que a pesquisa bibliográfica se fundamenta “em material já publicado, constituído principalmente de livros, revistas publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográficos”. Contudo, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), é de extrema relevância a verificação da veracidade dos dados obtidos.

Do ponto de vista científico, a pesquisa-ação, conforme orienta Thiollent (2011), é uma proposta metodológica e técnica que oferece elementos para organizar a pesquisa social aplicada sem excessos da postura convencional ao nível da observação, processamentos de dados e experimentação. Sendo assim, a pesquisa-ação introduz uma maior flexibilidade na concepção dos meios de investigação concreta, e tem por finalidade possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora. Ela facilita a busca de soluções de problemas por parte dos participantes, aspecto em que a pesquisa convencional tem pouco alcance (Thiollent, 2011).

Quanto à natureza, será uma pesquisa aplicada, pois as práticas que serão desenvolvidas visam interceder diretamente na formação leitora dos sujeitos participantes; do mesmo modo, este estudo poderá proporcionar conhecimentos e atitudes voltadas à conservação do meio ambiente, uma vez que a literatura é um importante instrumento para se trabalhar a educação ambiental de forma reflexiva, crítica e significativa dentro da escola.

As práticas leitoras envolverão inicialmente entrevista com os alunos participantes do trabalho com o objetivo de averiguar as condições leitoras desses a fim de promover um trabalho diferenciado. Depois disso, serão promovidas leitura, compreensão, pesquisa no laboratório de informática e produção textual a partir dos poemas das obras literárias selecionadas e suas respectivas autoras. Essas práticas, que utilizarão em média doze aulas, serão importantes para incentivar a busca de experiências leitoras e irá cooperar para a formação de leitores literários críticos à sua realidade. As etapas do projeto serão registradas em um diário de bordo, que possibilitará a reflexão e auxiliará nas intervenções e avaliações do processo da pesquisa.

O objetivo do diário de bordo é ampliar o tecido de nossos registros de forma detalhada, com a finalidade de enriquecer nossas informações sobre as atividades e ações propostas, e também as relações estabelecidas entre os sujeitos da pesquisa e a reflexão mais refinada sobre as intencionalidades e alcance do trabalho proposto. O diário de bordo será o registro das ações diárias e de todos os detalhes relevantes que desencadearam o comportamento dos alunos durante a pesquisa, suas formas de interação, identificando e registrando as habilidades e dificuldades surgidas, como os jovens comunicam suas percepções, ofertando a possibilidade de reflexão acerca da intencionalidade de cada atividade proposta. Além de tudo, o diário de bordo é uma excelente fonte de pesquisa para auxiliar nas avaliações das nossas práticas em sala de aula, pois oferta uma espécie de retrospectiva das ações e atividades realizadas.

Ao final de cada prática leitora, os alunos apresentarão uma produção textual orientada e assistida pela pesquisadora, o que permitirá averiguar os pretensos efeitos nos sujeitos dessas práticas leitoras. Por meio de todo o processo de mediação leitora e dos textos produzidos pelos sujeitos participantes da pesquisa, será feita a compilação dos dados, haverá uma comparação do processo inicial até o processo final das produções textuais dos alunos, com a finalidade de averiguar os resultados dessas práticas, as representações construídas e suas contribuições na vida leitora dos participantes da pesquisa.

4.1 O ESPAÇO DA PESQUISA

A E.E.E.F.M. Carlos Drummond de Andrade está localizada na periferia do município de Presidente Médici – RO, em um terreno que antes era utilizado como

depósito clandestino de lixo. O local foi comprado pela Secretaria Estadual de Educação com a finalidade de construir uma escola que atendesse às expectativas da comunidade local, já que a região não dispunha de escolas próximas e, no período, havia diversas crianças fora do ambiente escolar. A escola foi inaugurada em junho de 1989 e recebeu o nome em homenagem ao grande poeta mineiro, considerado um dos mais importantes escritores do modernismo brasileiro.

No ano de 2023, a instituição tem dezoito turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, em um total de seiscentos alunos. Atende hoje estudantes do próprio bairro, de bairros vizinhos e da zona rural. Diante disso, o ambiente escolar é composto por alunos de diferentes condições familiares, econômicas, sociais, culturais e religiosas.

A escola possui uma biblioteca que vem melhorando seu acervo periodicamente, mas que também funciona precariamente como sala de leitura. Com os recursos recebidos pela escola, sempre que possível, adquirimos livros, especialmente de literatura, além dos que recebemos do MEC, os quais contribuem para ampliação do nosso acervo e melhoram o repertório leitor de nossos alunos, embora saibamos que isso ainda está longe do ideal. Os alunos são incentivados pelos professores a utilizar o espaço da biblioteca, onde podem levar exemplares dos livros para ler em casa.

Há um laboratório de informática com dezenove computadores com acesso à internet, mas com conexão lenta. A escola tem doze salas ambientes com material didático-pedagógico organizados por disciplinas. Na sala de Língua Portuguesa, além de móveis como mesas, cadeiras, armários, estantes e quadro branco, também temos uma TV de 65 polegadas, *notebook* com acesso à internet de qualidade razoável e livros de literatura.

A escola possui, ainda, uma área gramada e uma área livre arborizada onde os alunos costumam brincar, além do pátio, onde há alguns espaços para tênis de mesa. Possui também a quadra poliesportiva coberta, onde acontecem as aulas de Educação Física.

Observa-se que não há áreas comuns de lazer no bairro onde a escola se localiza, e que, para muitas famílias, a escola é o principal ambiente que oferece possibilidades de acesso ao conhecimento formal e de contato com a diversidade cultural e social ao aluno. De modo geral, a escola tem boa aceitação na comunidade, sendo considerada pela maioria dos alunos e pais como uma boa instituição.

A E.E.E.F.M. Carlos Drummond de Andrade é uma instituição de ensino organizada e que a cada dia tem procurado melhorar seu desempenho. Por meio do Projeto Político Pedagógico, a escola norteia as atividades pedagógicas com metas e objetivos bem definidos para elevar o desempenho acadêmico dos alunos e melhorar as práticas pedagógicas da escola. Desse modo, entendemos que a escola deve ser dotada com atividades práticas e experiências coletivas para os alunos que incentivem a leitura, fortaleçam a interação social e criem uma relação de respeito entre o indivíduo e o meio ambiente.

Com a nova organização curricular apresentada na Base Nacional Comum Curricular e no Referencial Curricular de Rondônia, a escola passa a implementar as diretrizes para aprendizagem e formação integral dos alunos, estimulando o protagonismo dos jovens, atendendo aos objetivos e necessidades de nossa realidade. O respeito à igualdade, diversidade cultural e ambiental destacadas na BNCC são valores que buscamos implementar na rotina da escola. Nesse sentido, as ações desenvolvidas para contemplar os objetos de aprendizagem e as habilidades e competências previstas na BNCC têm como objetivo formar cidadãos participativos, criativos, solidários e autônomos.

A missão da Escola Carlos Drummond de Andrade está de acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), que é promover uma educação de qualidade, formar cidadãos críticos capazes de interagir socialmente e de respeitar o meio ambiente. Esse cenário impõe à escola importantes desafios frente à formação dos alunos, reforçando o seu compromisso de estimular a reflexão acerca do conhecimento, incorporando as novas linguagens midiáticas e digitais, instituindo novas metodologias de estímulo à leitura literária e fortalecendo o compromisso da escola como espaço formador. Nesse contexto, percebemos que a missão e os objetivos regidos pela escola nos auxiliam na execução das práticas leitoras que unem literatura e educação ambiental, pois favorecem o despertar do interesse dos jovens estudantes pela leitura literária e práticas que preservem a biodiversidade no planeta, consequentemente facilitando para que os objetivos propostos nessas práticas sejam alcançados.

Dessa forma, é responsabilidade social da escola oferecer um ensino de qualidade e possibilitar um futuro mais promissor para os seus alunos. É junto a essa realidade pedagógica que a pesquisa-ação fará suas observações, interações, intervenções, reflexões e conceitualizações, já que o foco é o 2º ano do Ensino Médio

da escola em questão. Esse é, portanto, o contexto em que se encontra a escola; na próxima seção, verificaremos os sujeitos da pesquisa.

4.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os alunos da E.E.E.F.M. Carlos Drummond de Andrade participantes desta pesquisa pertencem à turma do 2º ano do Ensino Médio. A turma apresenta em sua composição 31 (trinta e um) discentes devidamente matriculados e frequentes no turno matutino, sendo 17 (dezessete) do sexo feminino e 14 (catorze) do sexo masculino. A faixa etária varia entre 15 (quinze) e 17 (dezessete) anos de idade. Trata-se de uma turma que não apresenta problemas de indisciplina. A maioria dos estudantes cursou o Ensino Fundamental em escola pública. A escola e a turma mencionada foram escolhidas pelo fato de constituírem o espaço de trabalho da pesquisadora, o que facilitou a aplicação da pesquisa-ação em todas as etapas que a constituíram.

Devido ao baixo desenvolvimento industrial e econômico da cidade, constatamos que parte das famílias de nossos alunos passa por dificuldades financeiras devido à falta de emprego, sendo que o sustento da casa ainda fica a cargo de uma ou até duas pessoas, mas com uma renda de até 2 (dois) salários-mínimos. Algumas famílias sobrevivem de recursos de programas do Governo Federal. Outro fator que contribui para o desemprego é o baixo nível de escolaridade dos pais: cerca de 42% possuem apenas o Ensino Fundamental, embora o índice de pais alfabetizados tem aumentado consideravelmente ao longo desses anos. Apesar da baixa renda, 75% das famílias dos alunos moram em casa própria, uma vez que o bairro foi construído por um projeto da prefeitura que contemplou com casas populares as famílias com baixo poder aquisitivo.

Os alunos em questão não têm acesso a livros literários em outros locais da cidade, já que não existem no município biblioteca pública nem livrarias; assim, fica claro que não há outro local além da escola para a promoção e incentivo à leitura. Por isso, o trabalho de leitura será feito especificamente com essa turma para proporcionar a esses alunos o contato com o texto literário.

Igualmente, as práticas leitoras buscarão atingir uma aprendizagem significativa e promover a consciência acerca de assuntos relacionados às questões ambientais, uma vez que o público alvo da pesquisa reside na região amazônica.

Desse modo, este estudo, através da literatura, pretende proporcionar conhecimentos, reflexões e atitudes voltadas à conservação do meio ambiente.

Diante das considerações apresentadas, em seguida, realizaremos a análise, primeiramente, mediante a sistematização dos dados obtidos no questionário (Apêndice A), com o objetivo de compreender melhor a realidade dos alunos enquanto leitores, dando ênfase à leitura literária com a temática voltada para a conservação do meio ambiente. O questionário possibilitará que os sujeitos leiam as questões, reflitam sobre elas e, a partir disso, forneçam suas respostas, permitindo a ativação da memória e a capacidade de reflexão sobre suas ações e sobre a relevância delas. Para a coleta de dados, foi empregado um questionário contendo 21 questões sobre a leitura dos participantes, influências leitoras, preferências, suporte e frequência de leitura, principalmente literária. Para citar os alunos, serão utilizadas as iniciais de seus nomes, de modo que não sejam identificados.

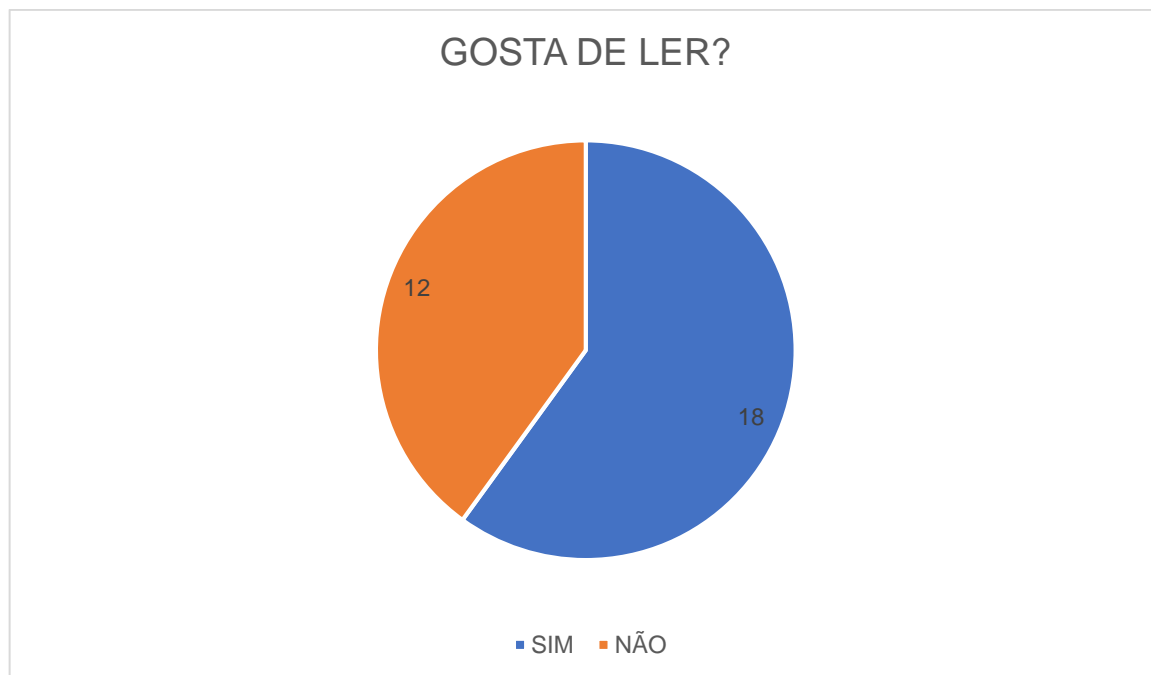
4.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O cenário da pesquisa foi delineado a partir da observação da pesquisadora em atividades organizadas através de práticas leitoras com os estudantes, todas registradas em um diário de bordo e de dados coletados por meio da aplicação de um questionário composto por questões abertas e fechadas que foi respondido por 30 alunos (um dos alunos participantes faltou ao dia da aplicação).

Através da análise dos dados do questionário, podemos identificar as influências leitoras, preferências, suporte, frequência e hábitos de leitura dos participantes da pesquisa.

A primeira questão buscou saber se os participantes da pesquisa gostam de ler e obteve os seguintes resultados (Figura 1):

Figura 1 – Gráfico correspondente às questões 1 e 2

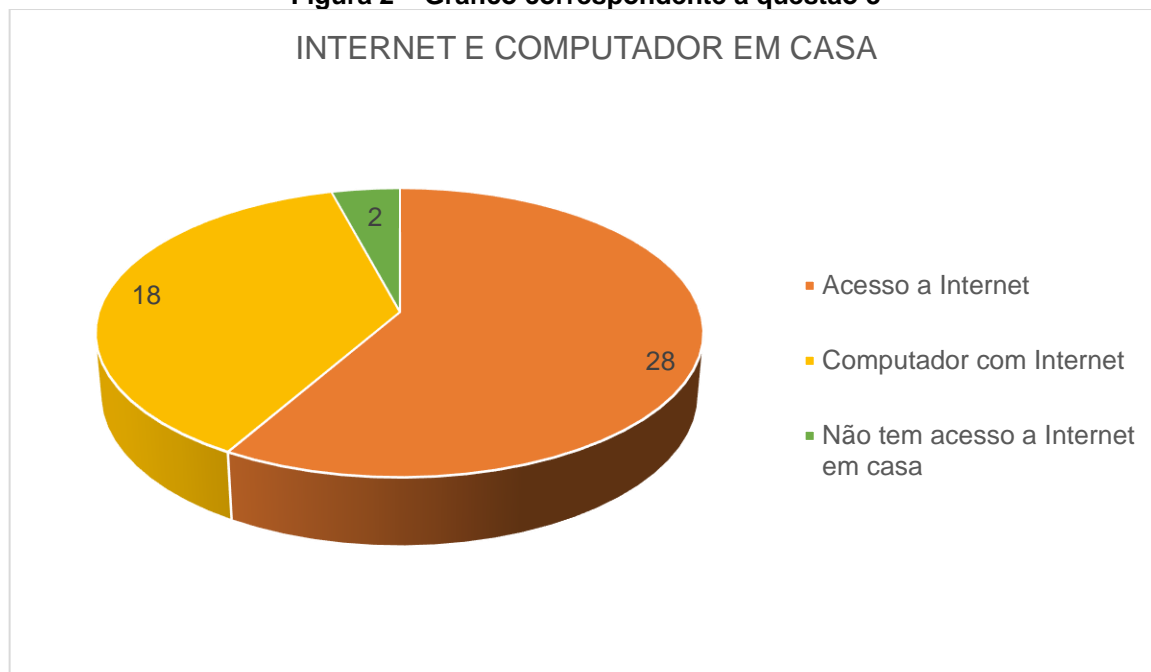


Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico acima demonstra que, dentre os trinta alunos da turma pesquisada, dezoito afirmaram gostar de ler e doze afirmaram não gostar, ficando evidente a desmotivação desses alunos pela leitura.

A questão 3 objetivou investigar se os alunos possuem computador e Internet em casa (Figura 2).

Figura 2 – Gráfico correspondente à questão 3

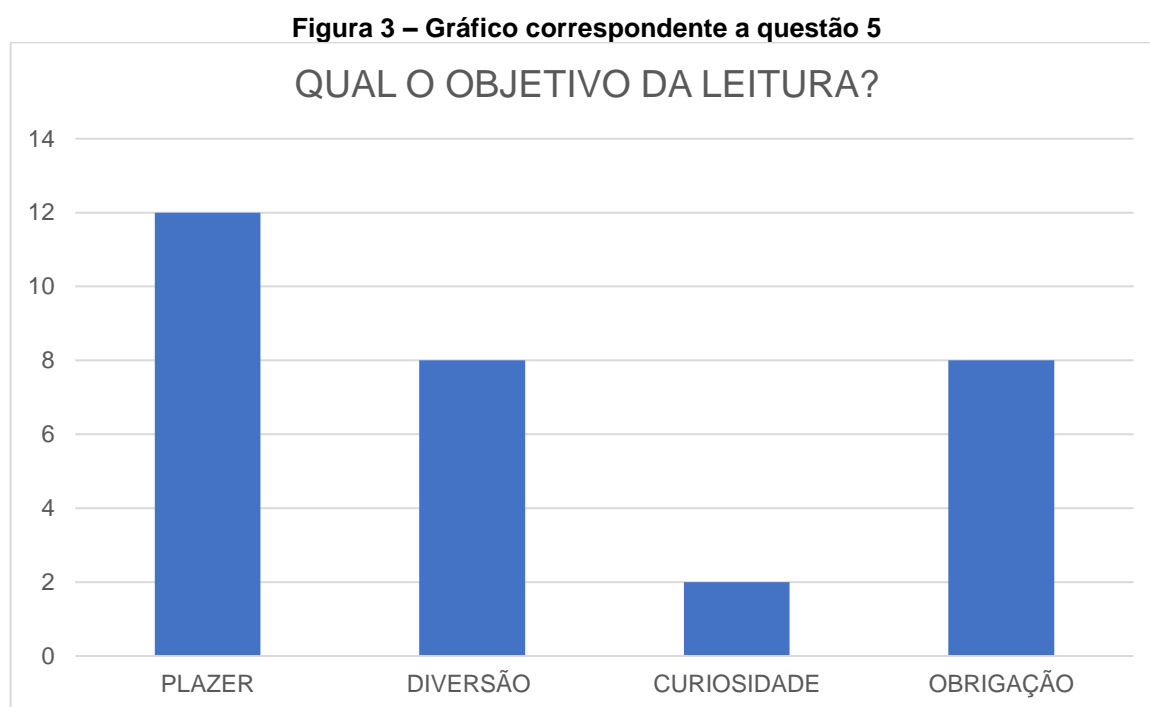


Fonte: elaborado pela autora.

O gráfico demonstra que, dos trinta alunos investigados, vinte e oito têm acesso à internet em casa; destes, dezoito têm computador com internet, o restante acessa a rede por meio de celular ou *tablet*. Apenas dois alunos responderam no questionário que, em casa, não têm nenhum acesso. Na escola, todos esses alunos, principalmente os que não têm acesso à internet em casa, podem acessar a rede no laboratório de informática para desenvolver seus trabalhos e atividades.

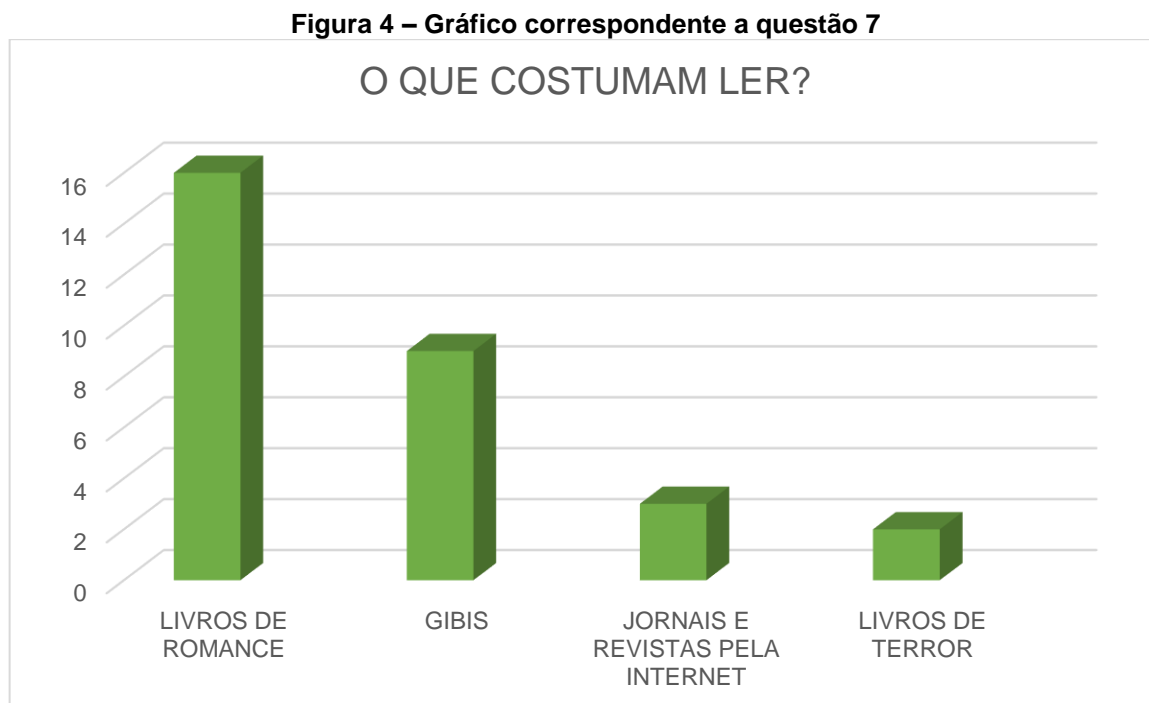
A questão 4 indagou sobre a participação dos alunos em redes sociais; observa-se que todos os alunos possuem redes sociais, mesmo os que não têm internet em casa acessam as suas redes sociais em locais públicos, casas de amigos ou familiares.

A questão 5 buscou descobrir com quais objetivos os sujeitos leem, obtendo-se os resultados descritos no gráfico a seguir (Figura3):



As respostas mostram que doze alunos leem por prazer, oito por diversão, dois por curiosidade e oito dos alunos pesquisados leem por obrigação; estes afirmaram que só leem quando é exigido pela escola, fortalecendo a ideia de imposição ao invés de uma leitura prazerosa e voluntária. Na questão 6, porém, quando questionados sobre quem despertou nos estudantes o gosto pela leitura, a maioria afirma que foram os professores.

A questão 7 buscou esclarecer o que os alunos costumam ler, obtendo as seguintes respostas (Figura 4):

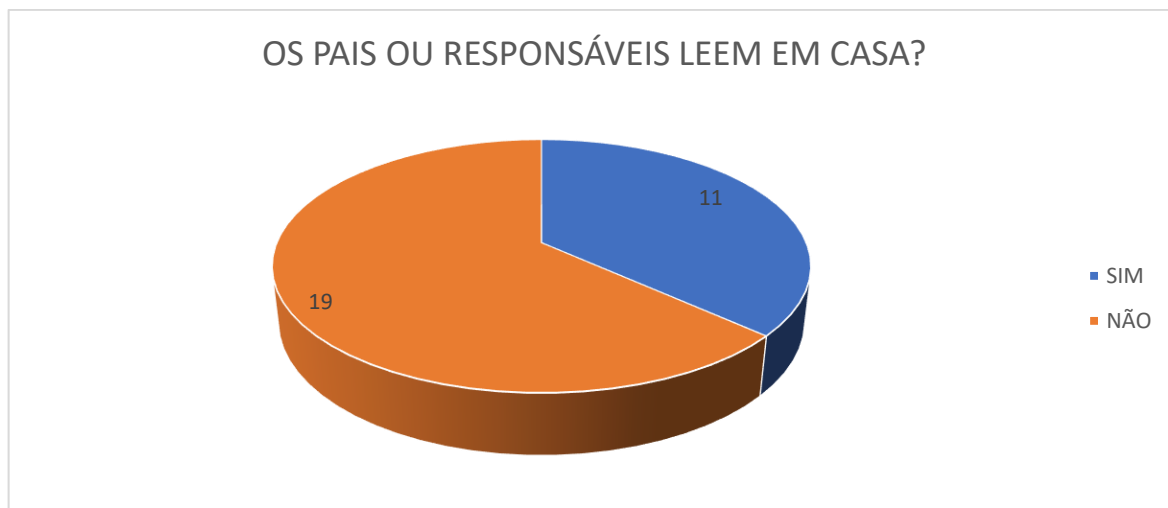


Fonte: elaborado pela autora.

Os dados apontados no gráfico evidenciam que dezesseis alunos costumam ler livros de romance, enquanto dois alunos costumam ler livros de terror. Evidencia-se nessa questão que alguns dos alunos não costumam ler livros, pois nove alunos leem gibis e três apenas sites jornalísticos pela internet.

A questão 8 buscou saber se os pais dos entrevistados têm o hábito de ler. Os resultados apontaram que a maior parte dos pais não costuma ler em casa (Figura 5):

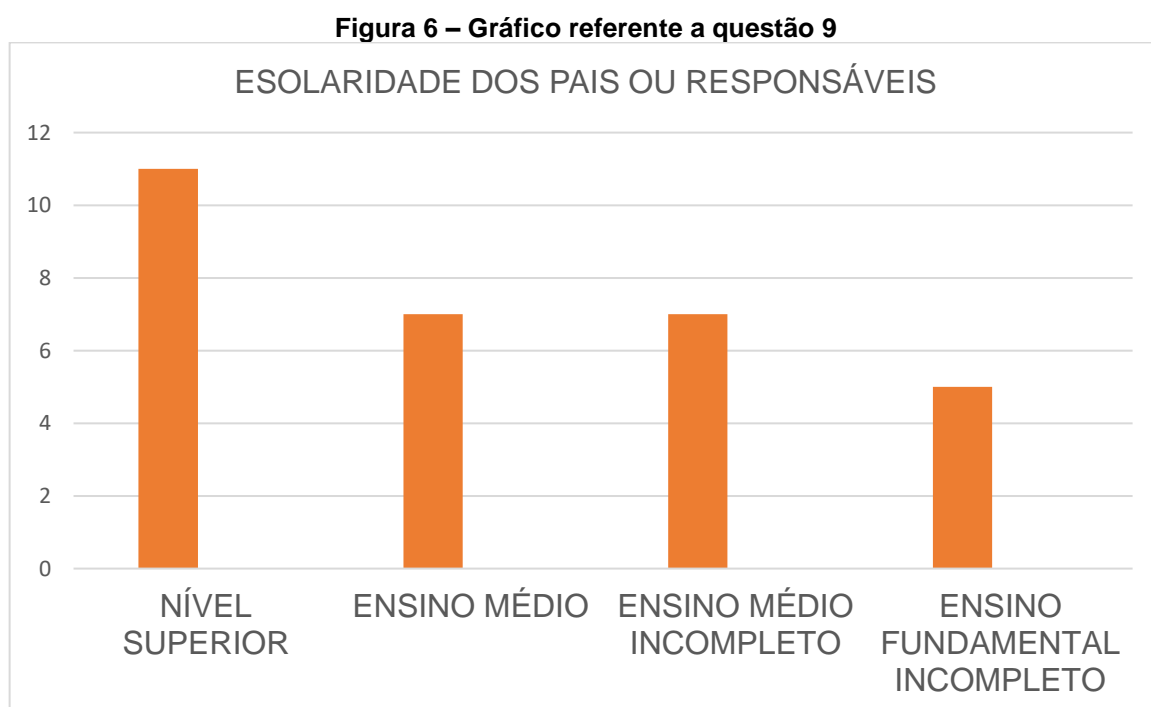
Figura 5 – Gráfico referente a questão 8



Fonte: elaborado pela autora.

Os dados apontam que, dentre os trinta alunos entrevistados sobre a leitura de seus pais e responsáveis, apenas onze afirmaram que esses costumam ler em casa; destaca-se que essa leitura consiste em jornais, revistas e a Bíblia. É importante salientar que, provavelmente, o fato de os pais não lerem em casa desestimula os filhos a ler.

Destaca-se, também, por meio da questão 9, que, de acordo com a maioria dos entrevistados, a escolaridade dos pais é baixa, sendo que apenas onze afirmaram que seus responsáveis têm nível superior (Figura 6).

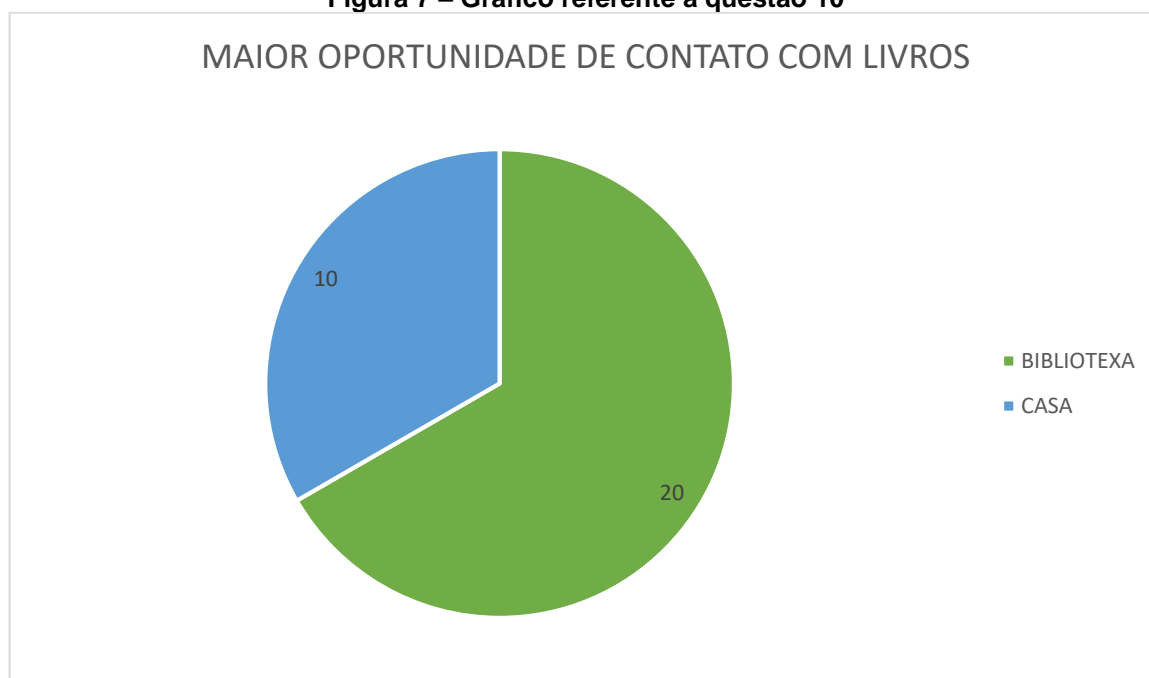


Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados revelaram que, dos pais ou responsáveis dos sujeitos da pesquisa, onze têm nível superior, sete Ensino Médio, outros sete têm o Ensino Médio incompleto, e cinco não concluíram o Ensino Fundamental. Talvez uma das justificativas para os pais não serem leitores é que a maioria deles tem baixa escolaridade, o que não se justifica em todos os casos, pois até mesmo os pais com Ensino Superior também não se mostram leitores. Entretanto, mesmo a baixa escolaridade da maior parte dos pais não impede que muitos deles incentivem os filhos a ler, provavelmente porque as famílias são de classe baixa e esperam que seus filhos tenham uma vida melhor, visualizando isso através do estudo.

As questões seguintes buscaram entender onde os alunos têm maior oportunidades de leitura e como é a leitura de obras literárias no ambiente da escola. A questão 10 pretendeu verificar onde os alunos têm mais oportunidades de entrar em contato com a leitura literária; observou-se os seguintes resultados (Figura 7):

Figura 7 – Gráfico referente a questão 10



Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados revelaram que, mesmo uma parte dos alunos afirmando que tem livros em casa, a maioria deles revela que o lugar onde tem mais oportunidade de acesso aos livros, principalmente os literários, é na biblioteca escolar. Esse dado coloca em evidência a importância da biblioteca como um espaço escolar relevante na promoção da leitura.

As questões 12 a 14 buscaram saber qual é o suporte de leitura mais utilizado pelos alunos; observa-se que a maioria (especificamente vinte alunos) utiliza o suporte físico para as suas leituras.

As questões 15 a 17 buscam verificar se os alunos conhecem ou se já leram alguma obra literária de autores da região amazônica; nessas questões, os resultados foram surpreendentes, pois nenhum dos alunos entrevistados leu ou conhece obras ou autores dessa região, o que justifica a importância deste projeto, pois estudar e conhecer autores e obras do lugar onde se mora significa compreender as relações que ali acontecem e a sua conexão com o mundo, pois as obras literárias de autores da região amazônica refletem a relação com a natureza, costumes, cultura e crenças dos povos da floresta.

As últimas questões tiveram como objetivo averiguar quais as maiores barreiras para a frequência dos alunos na leitura. A maioria (15) apontou o fato de terem que trabalhar, seja em casa ou para terceiros, o que tira o tempo que poderia ser dedicado à leitura. Contudo, o desinteresse também foi apontado por boa parte dos sujeitos (9), mostrando a necessidade de uma ação motivadora no trabalho com a leitura. Alguns dos alunos investigados apontaram outros motivos, como a lentidão na leitura (6).

Os dados obtidos deixam clara a existência de uma baixa frequência, quantidade de leitura, falta de tempo para ler, ficando evidente a necessidade de ações que proporcionem o acesso a obras e autores da região amazônica para a valorização da cultura local e consciência ambiental. Essas ações devem proporcionar o acesso e o trabalho dos alunos envolvidos nesta pesquisa com as tecnologias, materiais, espaços e leituras de obras literárias dessa região, de acordo com a faixa etária, interesses e necessidades leitoras, de modo que se sintam estimulados para ler por vontade própria. É preciso silenciar para ler e ouvir as vozes da floresta, cada cor, movimento... o canto dos pássaros e animais. As vozes da floresta servem de alerta para evitar muitos desastres, para educar, curar e orientar (Kambeba, 2020).

4.4 AS AÇÕES DA PESQUISA

As ações da pesquisa foram desenvolvidas no contexto desta dissertação através de práticas leitoras voltadas à intencionalidade de se trabalhar a literatura e a educação ambiental. A abordagem escolhida para esta pesquisa depende não só das reflexões, mas também da ação. A pesquisa tem como ponto de partida situações

concretas, vivenciadas pela própria pesquisadora e por um grupo de alunos do 2º ano do Ensino Médio. Trabalhou-se com alunos nessa faixa etária pois, a partir dessa etapa, os estudantes começam a exercer o seu protagonismo na escola, ou seja, percebem que é necessário que atuem e tomem atitudes de relevância pessoal e coletiva, visando a um bem comum dentro da sociedade na qual estão inseridos.

Vale ressaltar que as ações da pesquisa vão ao encontro do que é proposto em umas das competências gerais da BNCC (Brasil, 2018) no que tange à disciplina de Língua Portuguesa: argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbitos local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (Brasil, p. 499, 2018).

O ciclo de ações da pesquisa foi elaborado como estratégia didático-pedagógica, buscando atingir uma aprendizagem significativa e promoção de consciência crítica acerca de assuntos relacionados às questões socioambientais. Para o desenvolvimento das práticas leitoras que farão parte deste trabalho, tomou-se como base o *Caderno de atividades* da Jornada Nacional de Literatura (http://editora.upf.br/images/ebook/caderno_atividades_2019.pdf), organizado por Verardi e Rettenmaier (2019); essa ferramenta tem a finalidade de estimular professores a desenvolver práticas leitoras. Não se trata de uma receita, mas de modelos de sequências didáticas que podem ser desenvolvidas pelos professores de modo a estimular alunos para o trabalho com obras literárias. Espera-se que os alunos se tornem agentes de mudança no meio em que vivem.

Nesta pesquisa, selecionei como *corpus* a análise as obras *Saberes da Floresta* (Jandaíra), de Marcia Wayna Kambeba (2020), e *Eu sou Macuxi e outras histórias* (Caos e Letras), de Julie Dorrico (2019), todos livros de literatura indígena, pois a relação de respeito que o sujeito indígena estabelece com a natureza tem a intrínseca ligação com o sagrado. Por meio desses textos, percebemos que não há apenas vidas

na floresta, mas que a floresta é a própria vida. As práticas leitoras deste trabalho buscam a ligação entre a literatura e a educação ambiental direcionada aos valores sociais, éticos e à cumplicidade entre os seres no sentido de pertencimento à natureza.

Dessa forma, utilizei uma abordagem qualitativa que tem por intuito analisar, descrever e compreender os fatos que envolvem a realidade local por meio de pesquisa-ação, que tem como principal característica a intervenção, em que o “conhecer” e o “agir” acontecem simultaneamente, colaborando ou participando em projetos sobre problemas reais e vividos por atores sociais bem definidos; assim se presta à ação educativa, como conscientizadora com os envolvidos no processo (Thiollent, 2011).

Apliquei um questionário aos alunos para a caracterização e descrição de seu perfil leitor por meio de questões relacionadas a suas preferências e carências leitoras, incentivo à leitura, contato com meios multimidiáticos, qualidade de obras que leem durante o ano, tempo dedicado à leitura, entre outros levantamentos. Desenvolvi o questionário contendo 21 questões, estruturado em forma de perguntas objetivas, múltipla escolha e resposta aberta.

As atividades ocorreram em espaços formais (a escola, sala de aula, laboratório de informática, biblioteca), bem como em espaços não formais (visita de campo fora do ambiente escolar), e foram utilizados recursos tecnológico, como as redes sociais (*Classroom, Youtube, Instagram, WhatsApp*), com o objetivo de integrar, compartilhar e aproximar alunos, conteúdos e informações. Assim, as ações foram para além do espaço da sala de aula e buscaram despertar a atenção dos alunos para a realidade além dos muros da escola.

Quadro 1 – Cronograma de atividades da pesquisa

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DA PESQUISA		
ETAPAS	PERÍODO DE DESENVOLVIMENTO	ATIVIDADES
I	03/2023	Aplicação do questionário
II	03/2023	Análise dos dados do questionário
III	04/2023	Elaboração das práticas leitoras

IV	05-07/2023	Realização das práticas leitoras na escola
V	08/2023	Análise dos dados, atividades e resultados das práticas leitoras

Fonte: elaborado pela autora.

4.4.1 Prática leitora 1 – descrição

A primeira prática leitora foi desenvolvida com a obra *Eu sou Macuxi e outras histórias*, da autora Julie Dorrico (2019). O trabalho com essa obra foi feito em sala de aula e teve o objetivo de proporcionar aos alunos a importância de conhecer a literatura indígena, já que esse tipo de literatura não fazia parte das leituras dos sujeitos desta pesquisa, como foi possível observar por meio do questionário aplicado. Nessa obra, a autora procura resgatar a identidade, a cultura e a ancestralidade dos povos indígenas por meio de contos e poemas. Através dos textos, fica clara a força indomável de uma natureza da qual nascemos e temos que respeitar para manter a integridade de toda a nação brasileira.

Etapas propostas:

- Apresentação de algumas informações sobre a autora;
- Apresentação do vídeo pelo *Youtube*: A literatura indígena conhecendo outros brasis, Julie Dorrico;
- Leitura compartilhada de *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico (2019);
- Pesquisa no laboratório de informática sobre a importância da literatura indígena e as características da obra de Julie Dorrico (2019);
- Explicação da pesquisa escrita e em roda de conversa na sala de aula;
- Debate sobre a obra e os temas presentes nela (ancestralidade, a luta pela sobrevivência dos povos originários, preservação do meio ambiente etc.);
- Leitura e interpretação do poema “*O homem do ouro*”, de Julie Dorrico (2019);
- Reflexão sobre a ligação da literatura à realidade e à sustentabilidade;
- No laboratório de informática, pesquisa dos sujeitos sobre notícias de jornal com a temática do seguinte poema de Dorrico (2019) “Efeitos do garimpo ilegal nas terras indígena”;

- Em sala de aula, socialização da pesquisa e reflexão sobre o descaso com os territórios e culturas indígenas presentes no Brasil e, principalmente, em nossa região amazônica;
- Ao final da socialização, redação de um texto argumentativo com o tema “Efeitos do garimpo ilegal nas terras indígenas”.

Após o trabalho com a obra *Eu sou Macuxi e outras histórias* e com o texto “O homem do ouro”, os alunos realizaram duas atividades de produção textual. A primeira atividade consistiu em uma pesquisa no laboratório de informática da escola sobre os aspectos e as consequências do garimpo ilegal em nossa região. A segunda atividade aconteceu em sala de aula com a realização individual da produção de um texto argumentativo sobre os efeitos do garimpo ilegal nas terras indígenas em nossa região.

Por meio das atividades de leitura e produção textual, a expectativa era de que os alunos se familiarizassem com o universo da literatura indígena e que observassem a importância dessa literatura para a preservação da cultura dos povos que vivem na floresta e para a manutenção da preservação ambiental. Como afirma Dorrico (2020, p. 107), somos uns só, “humanos, florestas, animais, somos todos gente”.

4.4.2 Prática leitora 2 – descrição

A segunda prática leitora foi desenvolvida com a obra *Saberes da Floresta*, de Márcia Wayna Kambeba (2020), com o objetivo de mostrar que a Amazônia é o berço de grandes civilizações, culturas ricas em saberes que podem contribuir com a sociedade não indígena na preservação do meio ambiente.

Etapas propostas:

- Vídeo do *Youtube* com apresentação de algumas informações sobre a autora Márcia Kambeba (2020);
- Apresentação do livro *Saberes da Floresta*, de Márcia Kambeba (2020);
- Leitura compartilhada em sala dos textos do livro;
- Questionamento aos alunos sobre a variada estrutura dos textos presentes na obra como ensaios, depoimentos, contos, poesias, cordel etc;
- Leitura e interpretação do poema “*Povo do medo*”, de Márcia Kambeba (2020);

- Discussão sobre a questão da ancestralidade, cultura, destruição de territórios e assassinatos dos povos originários;
- Reflexão coletiva sobre a questão da ancestralidade das comunidades originárias, pois a região amazônica já era habitada antes da chegada dos colonizadores da região sul e centro-oeste;
- Visita programada ao Museu Arqueológico Regional de Rondônia dos povos originários para a reflexão sobre a questão da ancestralidade presente nesta região;
- Questionamento aos alunos se já observaram na região vestígios arqueológico da presença dos povos originários que habitaram esse lugar em épocas passadas;
- Escrita de um relato sobre a visita ao museu, observando as marcas de ancestralidade presentes em nosso município.

Como atividade de produção textual, os alunos foram motivados a escrever um relato sobre a visita feita ao Museu Regional de Arqueologia de Rondônia e a relacionar, no relato, a observação da presença de vestígios arqueológicos na região em que vivem, como arte rupestre e escrita pictográfica. As expectativas da pesquisadora diante da realização da prática foram de que os alunos percebessem que essa região fora habitada por comunidades ancestrais, que deixaram marcas da sua existência e cultura em diversos pontos do município.

Além disso, objetiva-se fazer os alunos perceberem que ainda hoje existem, nessa região, povos que vivem da floresta com uma cultura muito diferente da nossa e que isso precisa ser valorizado para a manutenção do meio ambiente e preservação da vida no planeta. Por meio da produção escrita, a expectativa foi de que os alunos pudessem refletir sobre a ancestralidade e luta dos povos originários, já que a Amazônia nunca foi, como se ouviu, um vazio demográfico: existiam extensas áreas habitadas por povos indígenas; com o tempo, esses povos foram desenhando suas memórias, história construída com muita luta, escritas de um tempo que atravessou gerações e que hoje é uma forma de resistência pela arte da escrita literária (Kambebe, 2020).

4.4.3 Prática leitora 3 – descrição

A terceira prática leitora foi desenvolvida com os poemas “*Vozes da Floresta e Temor pela Amazônia*”, da autora Márcia Kambeba (2020), com o objetivo de permitir que os alunos pudessem refletir sobre a urgência da preservação do meio ambiente e, principalmente, da Floresta Amazônica, além de buscarem alternativas para o desenvolvimento sustentável.

Etapas propostas:

- Leitura individual dos poemas “*Vozes da Floresta*” e “*Temor pela Amazônia*”, de Kambeba (2020);
- Discussão sobre a destruição da Floresta Amazônica e o desenvolvimento econômico da região;
- Conversa sobre os impactos ambientais do agronegócio na Amazônia;
- Pesquisa, no laboratório de informática da escola, sobre quais ações podem ser feitas para preservar a floresta e manter o desenvolvimento sustentável na região amazônica;
- Explicação da pesquisa na sala de aula;
- Apresentação das características do gênero “videopoema”;
- Produção de videopoemas a partir das poesias pertencentes aos livros das autoras Márcia Kambeba (2020) e Julie Dorrico (2019);
- Compartilhamento dos videopoemas em um canal do *Youtube*, criado para o compartilhamento de conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura;

Com as atividades de leitura, interpretação dos poemas e de pesquisa no laboratório de informática da escola, o objetivo foi aproximar os alunos de assuntos que fazem parte de seu cotidiano, como o impacto ambiental do agronegócio nessa região, buscando discutir ações que promovam o desenvolvimento sustentável.

Além disso, a expectativa da prática realizada com as produções do videopoema a partir das poesias pertencentes às autoras indígenas objetivou trabalhar com a leitura, interpretação, oralidade e também com a recriação poética por intermédio dos recursos multimodais.

4.4.4 Prática leitora 4 – descrição

A quarta prática leitora foi realizada com o conto “*A castanheira*”, da autora Julie Dorrico (2019). O objetivo do trabalho com o texto foi fortalecer nos estudantes a

compreensão e o reconhecimento efetivo sobre a importância da biodiversidade na vida do indivíduo. Além disso, objetivou-se demonstrar a conexão entre a natureza e o ser humano, o que permita perceber que o meio ambiente coexiste dentro e fora de nós.

Etapas propostas:

- Leitura do poema “*A Castanheira*” de, Julie Dorrico (2019);
- Reflexão sobre o fato de que muitas pessoas não veem mais árvores no seu cotidiano;
- Debate sobre a importância para o planeta de manter essa floresta em pé e sua biodiversidade;
- Visita à ONG Garça – Grupo ambientalista e ao viveiro municipal;
- Conversa com ambientalistas responsável pela ONG sobre a relevância das matas ciliares para manter a preservação ambiental nessa região amazônica e sobre o plantio de mudas de árvores nativas da região amazônica;
- Produção de poemas e ilustrações em sala de aula, com base nas leituras, com a temática “Preservar a Amazônia é preservar a vida no planeta!”;
- Construção de um mural interativo com textos e ilustrações dos alunos no pátio da escola.

Nessa prática, após a leitura e interpretação do conto “*A Castanheira*”, de Julie Dorrico (2019), os alunos fizeram uma visita à ONG Garça, que faz a manutenção da limpeza das margens do Rio Machado e seus afluentes, e ao viveiro municipal, que produz mudas de árvores nativas para o reflorestamento de áreas degradadas da região, principalmente matas ciliares. Durante essa visita os estudantes, plantaram mudas de árvores nativas em locais que serão preestabelecidos pela ONG.

Com relação às atividades desenvolvidas e à produção textual, a expectativa era que sentimentos sobre preservação do ecossistema amazônico fossem manifestados nos alunos diante das situações lidas e observadas por eles, e, durante o processo de escrita, ampliar seu conhecimento, pois o texto literário, nessa perspectiva, torna-se, por meio da palavra, um agente coerente de sentidos, com a capacidade de alertar para a ação destrutiva do meio ambiente. Pretendemos assim instigar um novo olhar sobre a natureza.

As práticas descritas foram desenvolvidas com o objetivo de colocar os sujeitos participantes desta pesquisa em contato com obras contemporâneas e inovadoras,

que despertem o gosto pela leitura e tenham relação com a realidade amazônica na qual os alunos estão inseridos.

Dessa maneira, as atividades propostas nessas práticas pretendem contribuir para a formação de leitores literários e construção de vozes que efetivamente respeitem e deem ênfase à dinâmica da vida, pois há outros sentidos e conhecimentos que poderão surgir através da literatura indígena, como a possibilidade de acionar a sensibilidade do ser humano na recriação de percepções que venham tornar ainda mais efetiva a educação ambiental.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, relatarei as práticas leitoras realizadas com os sujeitos envolvidos nesta pesquisa, alunos da E.E.E.F.M. Carlos Drummond de Andrade. Após cada prática, apresentarei as produções textuais dos alunos com a finalidade de analisar os resultados. A partir das representações construídas e suas contribuições na vida leitora dos envolvidos, buscarei analiticamente elementos presentes na expressão textual que traduzam a sensibilidade dos jovens para as questões socioambientais. Todas as ações realizadas durante a pesquisa, bem como os posicionamentos dos alunos diante delas, foram registrados no diário de bordo para posterior relato e análise dos fatos.

5.1 DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS LEITORAS

Nesta seção, é relatado o desenvolvimento das quatro práticas leitoras na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlos Drummond de Andrade, no estado de Rondônia, com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, observando as representações construídas por meio das leituras e das práticas leitoras com os alunos envolvidos.

5.1.1 Prática de leitura 1 – *Eu sou Macuxi e outras histórias*

O livro *Eu sou Macuxi e outras histórias*, da autora Julie Dorrico (2019), está organizado em dez histórias, em verso e prosa. Através dessas histórias, refletimos sobre as vivências em uma terra onde o ar que se respira é puro, onde podemos caminhar pela mata afora. Nesta obra, Dorrico (2019) não conta só sobre o seu povo, os macuxis, mas também os hábitos, costumes e ancestralidades da floresta e da gente que lá habita. A autora faz questão de contar que, além de serem filhas e filhos de Makunaíma e outros deuses, eles também representam a terra, os animais, a mata e o rio.

Inicialmente, disponibilizei, na plataforma *classroom*, informações sobre a autora e a literatura indígena através do vídeo “*A literatura indígena conhecendo outros brasis*” – Julie Dorrico; após isso, em sala de aula, iniciamos uma conversa. Perguntei aos alunos se conheciam a autora ou se já haviam lido algum dos textos

dela, mas, apesar de Dorrico (2019) ser do nosso estado, nenhum dos alunos nunca sequer havia ouvido falar nem da autora, nem de sua obra.

Então fizemos uma leitura coletiva da obra e, na sequência, uma roda de conversa com os alunos para falarmos sobre os temas presentes nos textos. Já de início a aceitação foi excelente, apesar de nunca terem lido literatura indígena, mas as temáticas dos textos eram bem familiares aos alunos, como garimpo ilegal, desmatamento, dificuldades enfrentadas pelos povos da floresta.

Os alunos, em sua maioria, mostraram-se preocupados com as agressões à floresta e aos povos que vivem nela. I.V.S.K. afirma que o calor aqui aumentou muito, e isso se deve ao desmatamento ilegal; C.I.P.S. disse que perto do sítio de sua família havia uma mina de água que secou devido ao desmatamento que atingiu o local; G.G.F. lembrou-se de que nesse período do ano fica até difícil de respirar por causa da fumaça das queimadas ilegais; J.O.V. ressaltou que achou interessante a forma como a autora chama todos de “gente” no texto, como “gente árvore”, “gente rio”, “gente pássaro” — essa é uma forma de mostrar que, dentro da floresta, em um ecossistema, todos são importantes para a manutenção do meio ambiente. Por sua vez, K.V.B.D. achou importante como a forma de viver das comunidades originárias, narradas nos textos, não agridem o meio ambiente, e salientou a importância de observarmos os costumes desses povos para diminuirmos as agressões à floresta. Contudo, ainda escuto algumas falas intolerantes que são fruto de raízes preconceituosas, como os depoimentos de V.V.B.S. e V.W.C., que afirmaram que os indígenas são um grupo muito preguiçoso e que só sobrevivem porque são sustentados pelo governo.

A roda de conversa foi bem animada e os alunos se mostravam interessados em expor suas opiniões a respeito do assunto. Observei que alguns alunos, ao ouvirem os demais, ficaram pensativos analisando a possibilidade de os colegas terem razão. A afirmação de Jorge Larrosa (2014. p. 110) vem ao encontro desse momento:

E nos colocar no caminho de olhar do outro, de dizer de outro modo e de pensar de outro modo. Para que esse modo de olhar, de dizer e de pensar nos faça encontrar talvez uma realidade que mereça esse nome e na qual nos sintamos viver.

A leitura da obra foi seguida com a interpretação do poema “*O homem do ouro*”, Jullie Dorrico (2019). Selecionei esse texto para a análise porque o tema é comentado com frequência na mídia e mesmo entre os moradores da região: a questão do garimpo ilegal. O texto literário nos traz a reflexão desse problema que atinge as sociedades indígenas há décadas, destruindo as florestas e poluindo todo um ecossistema amazônico, como os rios, peixes, animais e até mesmo os seres humanos através da contaminação por mercúrio. A literatura pode ter uma profunda relação com a realidade. Por meio da reflexão, como afirma Petit (2009, p. 19), “a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma outra manobra, ajuda a construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar”. Nesse sentido, diante do diálogo e do compartilhamento de ideias sobre o poema, os alunos aprendem a considerar outros tipos de interpretação diferentes das suas, de modo a enriquecer o seu desenvolvimento pessoal, pensamento crítico e ajudar a refletir estratégias que mirem um desenvolvimento econômico sustentável, sem a destruição da floresta.

Logo depois da leitura e interpretação do poema, os alunos foram ao espaço do laboratório de informática, onde propus uma pesquisa de notícias que evidenciassem as práticas ilegais de garimpo em nossa região. Após a pesquisa, fizemos uma socialização dos textos encontrados, e pedi aos alunos que fizessem a ligação dessas notícias ao tema proposto no poema de Dorrico (2019). Os sujeitos destacaram alguns aspectos das notícias encontradas que lhes chamaram a atenção em relação às atrocidades e destruições florestais que estavam relacionadas ao garimpo ilegal e que haviam sido interpretadas pela obra da autora indígena.

Observei que, durante a interpretação do poema e a pesquisa de notícias no laboratório, os alunos estavam envolvidos em uma rede de compartilhamento de ideias e compreensões de mundo sobre as questões ambientais. Debateram e refletiram sobre o descaso com os territórios e culturas indígenas presentes no Brasil e principalmente em nossa região amazônica.

A aluna R.M.S. observou que o verso “*Até que um dia foi meu pai que morreu*” lhe tocou profundamente, pois ela também havia perdido o pai muito cedo, e esse acontecimento marcou muito a sua vida. A mesma aluna mostrou uma reportagem sobre a contaminação por mercúrio nos peixes da bacia amazônica, lembrando que esses, muitas vezes, são os únicos alimentos das comunidades ribeirinhas. J.O.G. trouxe uma reportagem em que duas crianças indígenas morreram afogadas no rio

Madeira, pois estavam fugindo de ataques de garimpeiros em sua aldeia, e mostrou que, assim como Dorrico (2019) afirma no poema, o garimpo ilegal mata e destrói tudo em sua volta; algo desse tipo não pode trazer felicidade a ninguém. L.G.B.C. trouxe uma reportagem que fala sobre os maquinários utilizados por garimpeiros, e levantou a seguinte questão: como máquinas tão caras chegam a lugares tão distantes como, por exemplo, as terras do povo yanomami? O aluno destaca que os garimpeiros, em sua maioria, são pessoas muito pobres, então quem financia esse material? Esses foram questionamentos que surgiram durante a socialização da pesquisa. Dessa forma, os debates em sala de aula proporcionaram para muitos alunos o contato com leituras e pontos de vistas diferentes, havendo a possibilidade de se concordar ou não; de qualquer forma, foi um momento enriquecedor, uma oportunidade que irá transformar um pouco (ou até completamente) suas ideias.

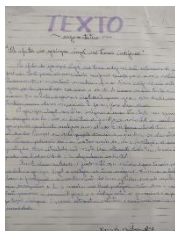
Com base nas leituras e debates feitos em sala de aula, os alunos escreveram textos argumentativos com o tema “*Efeitos do garimpo ilegal nas terras indígenas*”, através dos quais puderam expressar sua opinião a partir das leituras, pesquisas e pontos de vistas dos colegas. Na análise dos textos produzidos pelos alunos, identifiquei ideias que se repetiram no mesmo texto e em produções diferentes. Inferimos que os conceitos que mais se repetiram, ou seja, mais lembrados nas produções textuais, dão indícios dos fatos que marcaram a aprendizagem desses após a participação na prática leitora. Constatou-se uma mudança de alguns alunos na visão relacionada à preservação do meio ambiente e cultura das comunidades originárias, relacionando a literatura contemporânea, contextualizada com o mundo que a cerca, com o que suscitou o interesse dos sujeitos pelo texto literário. A seguir, apresento exemplos de textos produzidos pelos alunos que participaram dessa prática leitora:

TEXTO 1 – Aluna R.C.A.

Os efeitos do garimpo ilegal nas terras indígenas são extremamente prejudiciais, tanto para as comunidades indígenas, quanto para o meio ambiente. Primeiramente, é importante reconhecer que as terras indígenas são protegidas por lei, garantindo aos povos o direito de viverem em seus territórios nacionais. No entanto, o garimpo ilegal não apenas ignora esses direitos, como também causa danos irreparáveis a fauna e flora dessas áreas.

O garimpo ilegal nas terras indígenas é uma atividade que opera à margem da lei, sem nenhum tipo de fiscalização ambiental ou social. Os garimpeiros geralmente realizam as suas atividades de forma clandestina, sem as devidas licenças e autorizações necessárias, o que leva ao desmatamento ostensivo, poluição dos rios, contaminação do solo, devastação de reservas e destruição dos povos que vivem na floresta.

Diante dessa realidade, é fundamental que medidas sejam tomadas para o combate desta atividade, principalmente em terras indígenas. É necessário fortalecer a fiscalização e o monitoramento das áreas afetadas, punindo aqueles que desrespeitam a lei e invadem as terras protegidas. Além disso, é importante promover a conscientização e o diálogo entre os garimpeiros e as populações indígenas, buscando alternativas sustentáveis e econômicas para essas comunidades.

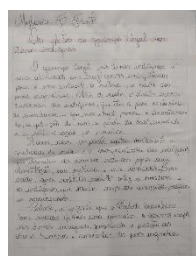


TEXTO 2 – Aluno M.S.S.

O garimpo ilegal nas terras indígenas é uma atividade que traz graves consequências para o meio ambiente, a cultura e a saúde dos povos originários. Além de violar os direitos constitucionais dos indígenas, que deveria ter a posse exclusiva de suas terras, o garimpo ilegal provoca o desmatamento, a poluição dos rios, a perda da biodiversidade e a contaminação por mercúrio.

Assim, esses impactos afetam diretamente a qualidade de vida e a sobrevivência dos indígenas que dependem dos recursos naturais para a sua alimentação, cultura e identidade. Desse modo, gera conflitos violentos entre os invasores e os indígenas, que muitas vezes são ameaçados, coagidos ou assassinados.

Portanto, é urgente que o Estado brasileiro tome medidas efetivas para combater o garimpo ilegal nas terras indígenas, garantindo a proteção ambiental e os direitos humanos dos povos originários.



Os textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa evidenciaram preocupação em relação às questões ambientais e aos povos originários. Os alunos comentaram com frequência em seus textos sobre os danos ocasionados à natureza e aos territórios indígenas. Destaca-se ainda que essa prática leitora estimulou e gerou interesse nos sujeitos pela leitura, o que ocasionou um maior envolvimento desse público com a literatura. Há ainda um aspecto importante: a nomenclatura. Os alunos passaram a utilizar termos como “povos originários”, “indígenas”, associados a expressões como “biodiversidade” e “proteção ambiental”. De certa forma, a consciência sobre uma questão está relacionada ao seu melhor referir sobre ela, com terminologia atenta, apartada de preconceitos e de nomenclaturas generalistas. Além de mudança nas representações, podemos constatar, através das produções dos alunos, um

desenvolvimento humanista nesses sujeitos em relação às questões ambientais e aos povos que vivem e sobrevivem da floresta.

5.1.2 Prática de leitura 2 – *Saberes da Floresta*

Nesta prática, trabalhamos com a obra *Saberes da floresta*, de Márcia Kambeba (2020), que, através de uma linguagem fácil e espontânea, revela-nos traços da história oral e da literatura de cordel, em que um olhar filosófico e político reflete sobre educação ambiental e identidade nas aldeias. Seus poemas têm a finalidade de partilhar saberes da floresta e fazer girar reflexões e práticas comprometidas com formas diversas de pensar o mundo, com as relações, com os modos de aprender baseados nos ensinamentos e com as vivências que a floresta pode proporcionar. Além de trazerem uma visão decolonial sobre as populações indígenas, sua cultura e ensinamentos são capazes de manter a preservação da floresta.

Na plataforma *classroom*, disponibilizei o vídeo “*Márcia Kambeba – culturas indígenas*” e o livro de poemas dessa autora, *Ay Kakyri Tama – Eu moro na cidade*, para que os alunos conhecessem e se familiarizassem com sua obra.

Em sala de aula, fizemos uma leitura compartilhada da obra *Saberes da Floresta* em que os alunos puderam observar os variados gêneros textuais presentes, como ensaios, depoimentos, contos, poesia e cordel. Essa estruturação dos textos e a temática da obra chamaram a atenção dos alunos. A aluna F.L.S. comentou que sentiu facilidade para entender os textos, pois parece que a autora conversa com ela. O aluno A.A.S. ressaltou que não havia pensado na importância dos povos originários para a manutenção da floresta, como é exposto no livro. Através da literatura, o aluno passa a refletir sobre si mesmo e sobre outras culturas; como nas palavras de Petit (2009, p. 72), “A leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência”. Nesse exercício de reflexão, através do texto literário, os estudantes exploram outras possibilidades e experiências de vida, valorizam as diferenças e buscam uma melhor compreensão do futuro.

O trabalho com a obra foi seguido pela leitura compartilhada do poema “*Povo do medo*”, de Márcia Kambeba (2020), e posterior debate sobre as questões da

ancestralidade, assassinatos de lideranças indígenas e destruição da cultura e território dos povos originários, assuntos abordados no poema:

POVO DO MEDO

Antes do descobrimento do Brasil
 Não havia grades nem cercado
 Cada povo convivia com o vizinho
 Pele pintadas, corpos nus,
 Dias bons para viver.

Do barro à panela
 Chá de pau de canela
 Açúcar a cana dava
 O mais queria da terra brotava.

Estamos no século 21
 Aldeias amedrontadas
 E o toque de recolher?
 Novamente o invasor
 Ditas regras, nos diz o que fazer.

O cacique foi assassinado
 O guardião da natureza foi derrubado
 Seus direitos violados
 Quem irá nos defender?

A luta é por território
 Proteção e biodiversidade
 Mas é difícil andar na cidade
 Sem temer a brutalidade.

Somo entraves para o capitalismo
 Mas não se pode ficar no comodismo
 E continua o grito por resistência
 Mas a maldade não para.

Não guardo segredo
 E minha voz dispara
 Mataram mais um guajajara
 Onde foi? No maranhão
 Lutava por seu pedaço de chão
 De que foi? Foi a bala da ambição.
 (Kambebe, 2020, p. 66)

Durante o debate, os alunos se posicionaram compartilhando as suas representações. G.G.F. disse que todos os dias, na TV, observa notícias de invasões de terras que pertencem aos indígenas e que, em Rondônia, são muito comuns a perseguição e a morte de representantes das comunidades originárias. J.O.V. destacou que, no passado, todas essas terras pertenciam às comunidades indígenas, que hoje são expulsas dos seus territórios por causa de atividades econômicas como mineração, agricultura e pecuária. V.V.B.S. expôs que foi com o pai e alguns amigos

pescar perto da reserva do povo Arara, e que alguns indígenas foram até eles, de forma bastante hostil, para alertar que não deveriam passar da faixa de demarcação da reserva. F.S.L. rebateu o colega, afirmando que são mais de quinhentos anos de exploração e que os indígenas precisam mesmo proteger o seu território.

Após essa atividade, acompanhei os sujeitos da pesquisa a uma visita agendada ao Centro de Pesquisa e Museu Regional de Rondônia, onde eles foram recepcionados pela diretora e secretária do local, que perguntou quais dos alunos já visitaram o Museu Regional, já que ele fica em nosso município; porém, dos trinta alunos, apenas cinco já haviam visitado as dependências do museu. A diretora nos apresentou todo o espaço, mostrando o acervo que foi encontrado em nosso município e região — são esculturas, pedras com desenhos rupestres, instrumentos de trabalho que teriam sido utilizados por comunidades indígenas no passado.

Na sequência, os estudantes foram encaminhados aos laboratórios para conhecer o trabalho dos arqueólogos, onde puderam verificar a presença de urnas funerárias que foram trazidas de sítios arqueológicos da região e são estudadas naquele local. Os alunos ficaram muito curiosos em relação a esse trabalho, principalmente sobre a função exercida pelos arqueólogos; fizeram várias perguntas sobre a localização das urnas por populares, identificação da área, processo de retirada e transporte desse material funerário pelos funcionários do museu até o laboratório. Tudo foi muito bem explicado: a diretora afirmou que é secular o conhecimento acerca dos povos que habitaram a região amazônica, principalmente os Tupinambás, e que, com o avanço da colonização, foram cada vez mais empurrados para o interior do país, além de hipóteses de povos que migraram da América espanhola fugindo dos colonizadores, e todo esse acervo do museu é prova de que esta terra era habitada por povos originários, mesmo antes da colonização. Ainda durante a pesquisa, a turma foi agraciada com o livro *Arte rupestre em Rondônia*, da pesquisadora Maria Coimbra de Oliveira, que foi responsável pela montagem e organização do Museu Regional em nosso município. A visita ao museu foi uma experiência enriquecedora para todos nós, pois tivemos a oportunidade de verificar a importância desse lugar para a pesquisa arqueológica, de conhecer peças do acervo que foram coletadas nessa região e imaginar como viviam aqui comunidades originárias ancestrais.

Esse encontro com o passado foi relevante para esses jovens, pois a grande maioria deles são netos de colonizadores que chegaram a Rondônia na década de 70 vindos de estados do sul e sudeste para fazer a colonização de um território que era

considerado por muitos como um vazio demográfico. Muitas dessas terras amazônicas, porém, já eram ocupadas e mantidas por populações indígenas que, como vimos, deixaram nelas as suas marcas. Nesse sentido, Krenak (2020, p. 90b) se posiciona, destacando que “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com a sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas nesse mundo maluco que compartilhamos”. Posteriormente, em sala de aula, os sujeitos da pesquisa fizeram um debate sobre a visita, em que cada um pode expor aquilo que aprendeu, que gostou ou não gostou sobre o dia da visita. Em seguida, foi solicitado que escrevessem um breve relato sobre o que aprenderam, observando as marcas de ancestralidade que verificaram no museu, mas que se espalham por todo o nosso município. Foram obtidos os seguintes resultados referentes à visita ao Museu Regional.

V.V.B.S. destaca que “gostou muito da visita ao museu, foi uma atividade mais descontraída. Logo na entrada já podemos observar rochas e fotografias de sítios arqueológicos, logo depois podemos observar panelas e vasos de barro que eram utilizados para o armazenamento de água. Urnas funerárias, ossadas, machadinhas, brinquedos etc. Além disso, as salas de artefatos reservas, onde trabalham os arqueólogos, foram disponibilizadas para que nossa turma pudesse apreciar”.

R.C.F.K. descreveu a visita da seguinte forma: “Eu achei a visita legal, saímos um pouco do ambiente escolar. Vimos artefatos de povos ancestrais, a diretora do museu explicou sobre o trabalho que é realizado naquele local, e o quanto é difícil encontrar arqueólogos para trabalhar ali, no momento tinham apenas dois, mas precisa de mais. Todas as peças encontradas na região vão para aquele museu. Vimos também artefatos que ainda não foram retirados das rochas, por falta desse profissional. Lá tem muitos materiais como brinquedos, potes de barros, machadinhas, arcos e flecha e pinturas antigas”.

F.L.S. disse o seguinte: “Eu já havia ido ao museu muitas vezes, mas nunca tinha observado dessa forma os objetos que têm ali. Com a visita acompanhada pela escola e monitorada pela professora pude ver, conhecer e entender a importância da ancestralidade presente em nossa região, onde vemos o reflexo do passado e de como os povos sobreviveram. Como era a sua cultura, o que utilizavam para caçar, pescar e sepultar os seus mortos. O que achei mais interessante foi como eles faziam representações da sua vida através dos desenhos, faziam esculturas de animas e construam panelas de barro. Foi um dia muito legal”.

Y.S.S. destaca que: “É muito bom quando a escola leva os alunos para conhecer outros lugares. Em relação a visita no museu, achei bem interessante os vasos e utensílios utilizados pelos povos indígenas, saber que Rondônia é palco de circos arqueológicos me deixou ainda mais apaixonada pela região. Entretanto, o que mais me chamou atenção o arco indígena exposto na parede, sempre gostei desse tipo de artefato, então vê-la ali foi uma realização”.

N.K.S. disse que “Gostou bastante da visita, ver os utensílios utilizados por indígenas que habitavam esse lugar a muitos anos atrás. A parte favorita foi ver os restos mortais nas urnas funerárias e ouvir a explicação da diretora sobre a cultura e que crenças desses povos”.

L.K.C.K. afirma que: “A visita ao museu despertou muito interesse e curiosidade. Isso porque eu fico imaginando como era antigamente, a vida desses povos, além disso, é muito cativante poder estar vendo pessoalmente os seus desenhos, invenções e aprender sobre sua cultura, enfim fiquei até com vontade de fazer faculdade de arqueologia. Gostaria de ter passado mais tempo, para ver melhor as urnas funerárias, aprender mais sobre esses povos que habitaram esse lugar, ver outras invenções de barro, tinha panelas que estavam sendo montadas, parecendo peças de quebra cabeça, foi legal. Quero voltar outras vezes ao museu para conhecer mais sobre outras culturas, foi uma experiência única”.

Dessa forma, observamos, pelos relatos dos alunos, que muitos aspectos da cultura indígena chamaram a atenção deles, pois retrataram principal interesse pelos objetos que eram utilizados para o trabalho, brinquedos que eram construídos para a distração das crianças e, principalmente, toda a religiosidade envolvida nos sepultamento dos mortos, que é retratado no modo como se encontram as urnas funerárias. Certamente a visita ao Museu Regional foi uma prática enriquecedora para a valorização de povos com culturas bem diferentes das nossas, já que, até hoje, seus descendentes vivem e preservam a floresta. Como afirma Krenak (2020, p. 80), “Assim, aqueles povos que somos obrigados a ver como sobrevivência de nosso passado humano – povos forçados a sobreviver no presente em meio a ruínas de seus mundos originários – se mostram inesperadamente como imagem de nosso futuro”. A valorização da ancestralidade e a luta dos povos originários são fundamentais para a manutenção do meio ambiente e preservação da vida no planeta.

5.1.3 Prática de leitura 3 – Vozes da Floresta / Temor pela Amazônia

Os poemas *Vozes da Floresta e Temor pela Amazônia*, da autora Márcia Kambeba (2020), têm como temática a preservação do meio ambiente e principalmente a proteção da floresta amazônica, de modo que o trabalho com essas poesia possibilitou aos alunos a percepção de que os aparatos utilizados para a defesa e proteção da natureza continuarão ineficazes enquanto a relação entre o indivíduo, a sociedade e o meio ambiente for tratada de forma aleatória, dissociada, e também enquanto a ganância pelo capital, de forma crescente e desordenada, continuar a interferir negativamente no que ainda resta da floresta. Como afirma Kambeba (2020, p. 124) em seus versos:

VOZES DA FLORESTA

A cigarra cantou
Anunciando o verão
O canto do sapo traz a chuva,
Tempo da inundação
Se a andorinha voa baixo
A chuva vem aí
A formiga se agita
Tem medo de que a água
Sua casa possa engolir.

Murucutu cantou no galho do pau
Logo se pensa é prenúncio
Doença, tristeza, um mal.
É a natureza falando
Tentando um contato ancestral
Com o homem da terra
Animal de consciência racional.

Os indígenas mantêm esse diálogo
Acordam com o cantar do sabiá
Maria Jadia cantou acolá
Conhecem o tempo do vento
A subida e descida das águas
E convivem obedecendo às vozes da floresta
Que a noite canta para dormirem
Na sua cama, que é puçá.
(p. 15)

TEMOR PELA AMAZÔNIA

Para que vender nossa Amazônia?
Temos muito o que “temer”
Tememos que um dia não haja
Rio limpo para correr.

Tememos pelo fim de nossas árvores
O Agronegócio nos faz “temer”
Tirar do solo a matéria orgânica
Fará a população microbiana morrer.

A onça assustada mergulhou
Sumiu na lama da devastação
A preguiça apressada
Morreu de intoxicação.

Os encantados estão tristes
Como pássaros se fazem ouvir
É lamento de raça e de vida
Que canto? Onde canto?
Quem vai sentir?

Salve a Amazônia!
Que guarda encanto e beleza
Onde a nossa natureza
Produz o ar
E o mundo respirou.

Salve a Amazônia!
Para não “temer” o que tememos
Para não morrer de calor
O mundo precisa entender
A Amazônia no seu esplendor.

Árvore em pé, animais vivos
Povos nas aldeias, no seu lar
E uma casinha espelhada na água.

Sozinha? Não sei
Por perto tem a mata, rio
O boto para nadar
Um templo para cuidar.

Esse contato íntimo entre a literatura e a educação ambiental despertou nos sujeitos da pesquisa o entendimento de que também somos responsáveis pelo caos que ora vivenciamos, além de tê-los feito refletir através da estética do texto literário e de ações que contemplem o desenvolvimento sustentável e a diversidade humana presentes na região amazônica.

Fizemos a leitura e a interpretação dos poemas no ambiente da sala de aula; em seguida, iniciamos uma conversa com base nos temas que os alunos destacaram, como preservação da floresta, desenvolvimento econômico sustentável e os impactos do agronegócio na região amazônica.

Sobre o texto, a aluna R.M.S. comentou que a preservação da floresta é um tema frequente nos poemas dessa autora, e que se respeitássemos a natureza como os indígenas a respeitam, diminuindo o consumismo, teríamos menos desmatamento e poluição das águas. J.O.G. observou que, através da leitura dos poemas, pôde perceber a grande conexão dos povos originários com a floresta, e o grande temor que eles têm em relação à destruição da natureza; nós, os não indígenas, não

entendemos que a destruição da Amazônia significa a extinção de vários ecossistemas. N.K.S. lembrou que existem leis no país que inibem o desmatamento, mas que muitas vezes, por falta de vigilância, não são cumpridas. F.L.S. denunciou que, nos arredores da cidade, há uma serra magnífica, lugar onde vivem pássaros e diversos animais silvestres, e até uma nascente de água, mas que estava sendo toda devastada para atividade pecuária justamente pelo atual prefeito, que só parou com o desmatamento local porque foi multado pelo IBAMA. Na sequência os alunos salientaram que as leis devem ser cumpridas com rigor, e que, para isso, deveria ser implementada na escola uma disciplina que tratasse de educação ambiental, de modo que todos viessem a conhecer a importância da preservação do meio ambiente para que conseguíssemos manter essa floresta em pé.

No espaço do laboratório de informática, os alunos pesquisaram sobre o impacto do agronegócio para essa região do país e sobre práticas de desenvolvimento econômico sustentável. Eles tiveram a oportunidade de ler notícias e estudos sobre esse tema. Em sala de aula, fizeram a socialização do que foi encontrado durante a pesquisa.

A aluna R.O.S. observou durante a pesquisa que o maior responsável pelo desmatamento ilegal na região é realmente o agronegócio, que ocasiona uma grande perda da vegetação nativa, além da devastação de terras indígenas. T.G.A.S. destacou que, para resolver o problema da ilegalidade, é necessário atacar a impunidade, responsabilizar e penalizar as pessoas que cometem crimes ambientais. V.W.C. salientou que o governo, juntamente com grandes empresas, tem um papel importante no desenvolvimento sustentável através de políticas públicas e do compromisso ambiental.

No geral, durante a pesquisa e explanação de ações, os alunos chegaram a vários pontos comuns em relação a ações que devem promover o desenvolvimento sustentável, tais como: a implementação de mais projetos envolvendo a educação ambiental nas escolas para motivar a sociedade civil a fazer escolhas inteligentes evitando o consumismo; fazer o descarte consciente do lixo, tanto doméstico quanto industrial; apoiar a iniciativas que visem à preservação da natureza e ao desenvolvimento sustentável. Em sua pesquisa, os alunos também salientaram a importância de empresas e governos incentivarem atividades econômicas ecologicamente sustentáveis, como as agroindústrias e o turismo ecológico, destacando o fortalecimento de unidades de conservação ambiental. Uma das

principais ações que figurou em praticamente todas as pesquisas é a valorização e o respeito pelas comunidades originárias, pois, como afirmaram os estudantes, nas áreas habitadas por essas comunidades, as atividades econômicas são sempre sustentáveis, e podemos observar a preservação e o respeito pela natureza.

A próxima atividade desta prática foi a confecção de videopoemas em que os estudantes puderam utilizar os textos das autoras indígenas, estudadas durante o projeto, ou algum outro, que lhes representasse uma experiência de leitura significativa. Para a confecção dos videopoemas, os alunos exploraram recursos multimodais diversos, como os usos de cores, imagens, sobreposições de letras, fotos, fundo musical, entre outras tantas possibilidades em relação às quais os estudantes mostraram bastante domínio. Alguns alunos se organizaram em grupos, outros preferiram fazer a atividade individualmente; porém, pude observar nessa prática um trabalho em equipe muito solícito entre os alunos, pois os que tinham mais domínio das tecnologias ajudavam outros alunos que estavam com algumas dificuldades, de modo que todos conseguiram participar da atividade proposta. Foram confeccionados treze videopoemas, que foram baixados e hospedados em um canal do Youtube criado para o compartilhamento de conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. Dessa forma, os *links* das produções poéticas ficaram bastante acessíveis, o que facilitou o seu compartilhamento em redes sociais diversas como, por exemplo, *Instagram* e grupos de *WhatsApp* da turma, que se tornaram espaços diários para o compartilhamento e conseqüente lugar de apreciação artística das produções.

Conforme é possível observar nas diferentes produções dos alunos, foi impossível delimitar o que deveria ser feito ou como a atividade deveria ser elaborada; os alunos utilizaram a sua criatividade, o que fomentou suas produções a partir do hibridismo entre arte poética e o texto multimodal. De acordo com Santaella (2005, p. 39),

Não obstante os limites entre uma realização artística e não artística estejam cada vez mais difusos, o que ainda continua a funcionar como um traço distintivo da arte está na intencionalidade do artista em criar algo que não sofre os constrangimentos de quaisquer outros propósitos a não ser os da própria criação.

Comprovando o processo de desterritorialização e a infinidade de possibilidades propiciadas atualmente pela conexão entre arte e mídia, escolhi seis

produções para apresentar o hibridismo constante no processo de criação e ressignificação subjetiva, o que exigiu diferentes recursos para a interpretação do texto poético:

1°- Aluna F.L.S. poema *Minha pena vermelha* – Márcia Kambeba

https://www.youtube.com/watch?v=96c47GcxImc&ab_channel=L%C3%ADnguaLiteraturaTecnologias

2° Alunos A.F.F.S, L.G.B.C poema *Silêncio Guerreiro* – Márcia Kambeba

https://www.youtube.com/watch?v=qY_3LmWSiHg&ab_channel=L%C3%ADnguaLiteraturaTecnologias

3° Aluna K.S.B. poema *Natureza em chama* – Márcia Kambeba

https://www.youtube.com/watch?v=5kcMZv98ih0&ab_channel=L%C3%ADnguaLiteraturaTecnologias

4° Alunos A.B.L.P, L.K.C.K poema *O poeta foge* – Julie Dorrico

https://www.youtube.com/watch?v=LAdcGijDZqw&ab_channel=L%C3%ADnguaLiteraturaTecnologias

5° Aluna T.G.A.S poema *À Drummond* – Julie Dorrico

<https://www.youtube.com/shorts/E4t-5KxppiE>

6° Alunas J.O.G, T.G.D. poema *Vozes da floresta* – Márcia Kambeba

<https://www.youtube.com/shorts/q8UYa7YDHDQ>

Os vídeos apresentam aspectos interessantes. O que tem por base “*Minha pena vermelha*” enseja a dramatização da condição identitária por atuação de uma aluna. De certa forma, identidade e alteridade estão associadas a uma mesma causa: a preservação da vida. Em “*Silêncio Guerreiro*”, está em jogo uma iconografia de telas: na leitura da poesia ao fundo de uma sequência de imagens e *emojis* que deliberadamente se chocam com o conteúdo do poema, que louva a oralidade e o originário, mas uma vez provocando em um mesmo encontro a identidade e alteridade. O trabalho com “*O poeta foge*” está em outra linha: encena uma ação

metalinguística que representa o poeta e sua solidão; faz parte desse tipo de trabalho a ação sobre o próprio “corpo” da condição da poesia e do poeta. Tal referência se repete no trabalho com “*À Drummond*”, poema que, de certa maneira, retrilha a reflexão existencial que é própria do poeta mineiro. Por fim, com o vídeo a partir de “*Vozes da floresta*”, os alunos fizeram uma colagem de pequenas cenas, delas redefinindo os espaços, suas imensidões, seus perigos; na linha dessa redefinição; os alunos aparecem caminhando por esse espaço que já virou poesia.

Por meio das exemplificações, foi possível perceber que os estudantes fizeram uso de inúmeros recursos multimodais, como figuras, sons, letras, imagens e tantos outros elementos que serviram de base à produção artística de um videopoema. Portanto, essa prática do multiletramento literário oportunizou aos estudantes contactar a literatura e reconstruir significados a partir de ferramentas digitais que já fazem parte do seu convívio social. Dessa forma, eles compreenderam o uso social do gênero digital ao mesmo tempo que foi favorecida a sua formação de leitor (multi) literário, já que, através da literatura, foram levados a pensar sobre temas polêmicos que fazem parte do seu cotidiano, como os impactos ambientais do agronegócio nessa região, buscando refletir sobre ações que promovam o desenvolvimento econômico sustentável.

Essa experiência de reconstrução textual também favoreceu o desenvolvimento da prática do trabalho coletivo, representando um avanço na intercomunicação dos integrantes da turma, ficando demonstrado, para os sujeitos da pesquisa, que a interação entre os colegas gera conhecimentos, respeito, opiniões, lembranças e constrói vínculos. Por meio das descobertas e construções feitas pelos sujeitos através do texto literário, o aprendizado aconteceu de forma instigante e divertida. Ao mesmo tempo, houve, por parte dos alunos, um crescimento pessoal proporcionado pelo acesso às tecnologias; a aprendizagem ocorreu de forma distinta em relação ao que acontece no ambiente escolar, que habitualmente desvincula ensino e tecnologia.

5.1.4 Prática de leitura 4 – *A castanheira*

O texto “*A castanheira*”, da autora Julie Dorrico, traz como principal reflexão a ausência de árvores na vida cotidiana das pessoas; ela questiona em que momento os seres humanos se acostumaram a não perceber a presença das árvores. Todos os

dias florestas são destruídas e achamos isso normal; a sociedade não está percebendo o desaparecimento desse ecossistema tão importante para a preservação da vida no planeta, como retrata Dorrico (2019, p. 81):

A Castanheira

Fazendo ponte entre um ponto e outro
Atraquei, como um barco velho, no antigo ponto de minha vida.
Nesse retorno passei pelas antigas ruas que em minha juventude eu tinha percorrido.
Decidi visitar meus parentes karitiana, um dos povos que se alojam na cidade para resolver assuntos médicos ou burocráticos, ou só dar uma volta em Porto Velho.

Chegando lá, com muito entusiasmo, cumprimentei os vendedores de artesanato para estabelecer alguma simpatia.

Escolhi um cocar e um arco e flecha recebido pelas mãos daqueles sobreviventes.
Eles só aceitavam dinheiro, e eu, muito desligada da condição de pobre dos estabelecimentos da Funai, só tinha comigo o cartão de crédito.

Foi então que me lembrei da existência do Banco do Brasil ali pertinho naquela região. A mulher karitiana como lendo meus pensamentos prontamente me avisou:

- Tem um banco aqui perto dá pra ir caminhando!

Eu agradei e fui em direção ao carro para chegar nas duas quadras indicadas pela parente. A essa altura já não sabia mais andar duas quadras que, na minha cabeça pareciam a extensão não de um bairro, mas de uma cidade.

Na saída do estacionamento encontrei um grupo de jovens karitiana conversando entre si, pedi licença e

Novamente perguntei onde era o local que eu procurava.

O rapaz olhou pra mim e respondeu:

- Sabe aquela castanheira ali? Você vai até ela, vai reto e depois você dobra a esquerda. Ao dobrar a rua, você vai logo ver o banco.

Eu olhei para frente, pressionei os olhos, vi as paredes de concreto cinzas, vi a rua deserta, senti o sol refletindo sobre a rua e as paredes, mas não enxerguei a castanheira.

Logo o rapaz se deu conta de que eu não conhecia uma castanheira. Com um olhar incrédulo, sinalizou com o braço alguns metros a minha frente e disse:

- Moça, é aquela árvore ali, a única que tem na quadra.

Era uma árvore grande. Bem grande. Naquele momento eu reconheci a castanheira Envergonhada, agradei e fui em direção ao meu destino.

Por que não vejo mais árvores?

Quando foi que deixei de perceber as gentes-florestas?

Quando?

E você?

A ruptura entre os seres humanos e a floresta nos impede de visualizar outro mundo que nos complementa, tornando-nos mais sensíveis e éticos em relação às responsabilidades ambientais. Dessa forma, deixaríamos de cooperar para a catástrofe que a civilização tecnocapitalista desencadeou na vida do planeta, como anuncia Krenak (2020).

Na sala de aula, fizemos uma leitura do texto de Dorrico (2019) e, em seguida, uma roda de conversa na qual os alunos puderam compartilhar as suas interpretações. Eles ressaltaram a importância da floresta para a manutenção da vida

no planeta, e observaram que muitas pessoas, mesmo no Brasil, vivem em grandes centros urbanos e já não conseguem enxergar as florestas e conviver com árvores. A aluna F.L.S. comentou que a nossa geração vive como se fosse a última, e muitos de nós pensam que não têm a responsabilidade de deixar a floresta em pé para as próximas gerações. R.M.S. falou sobre as mudanças climáticas, os ciclones tropicais, o calor extremo que estamos vivendo; isso tudo é fruto desse desmatamento acelerado e da falta de respeito com o meio ambiente. A.A.S. complementou que o ser humano perdeu sua essência, tudo gira em torno do dinheiro e isso está levando à autodestruição. A.B.L.P. disse que estamos inseridos em um sistema muito capitalista, em que as pessoas são incentivadas ao consumo e depois ao descarte de montanhas de lixo. L.G.B.C. destacou que cuidar da floresta é uma questão ética — como cuidar da própria vida. Durante essa conversa entre os alunos, foi possível observar que a interpretação do texto literário possibilitou aos sujeitos da pesquisa perceberem a importância da sensibilidade; isso pautado em uma sociedade em que apenas os valores mecanicistas parecem ter validade, de forma a aguçar o seguinte sentimento: ao cuidar da natureza, está se cuidando do próprio eu, pois os seres humanos estão entrelaçados em um processo no qual nada está solto, pelo contrário, tudo interage.

Em outra atividade dessa prática, realizamos uma visita agendada à ONG Garça e ao viveiro municipal; ambos ficam às margens do rio Machado. O objetivo da visita foi sensibilizar e conscientizar sobre a participação voluntária em ações que envolvam as questões ambientais. Saímos da escola bem cedo, no ônibus escolar; no local, fomos recebidos pelo ambientalista responsável pela área, que convidou os alunos a fazerem uma trilha pela mata às margens do rio Machado. Os alunos aproveitaram bastante a caminhada, já que a maioria não conhecia o local; o ambientalista, durante a trilha na mata, explicava sobre as espécies nativas, animais e frutos silvestres daquela região. Chegamos a um local com árvores muito altas que formavam uma clareira na mata; ele então explicou que aquele lugar era onde os seringueiros, há muitos anos, montavam acampamentos para a retirada da seringa, e que hoje serve para as pessoas que vão passar os fins de semana, aproveitar a natureza, e montam barracas para acampar.

Na sequência, continuamos a caminhada e passamos para a outra margem do rio, onde os alunos puderam observar, com muita atenção, o trabalho desenvolvido pelos ambientalistas no local: o plantio de árvores nativas para a formação de matas

ciliares, além da manutenção e limpeza das margens do rio Machado. Nesse local, o ambientalista deu uma palestra aos sujeitos da pesquisa sobre a problemática do consumismo e do descarte de lixo, que, quando não é feito de maneira adequada, vai parar no leito do rio, acarretando muitos transtornos para o meio ambiente. Os alunos foram convidados a ajudar a plantar mudas de árvores em locais determinados pelo ambientalista nas proximidades do rio. Além disso, também visitamos o viveiro municipal, que fica ao lado da ONG Garça, onde a agrônoma responsável explicou sobre o objetivo do viveiro: a confecção de mudas de árvores nativas para o reflorestamento das matas ciliares da região. Nesse local, os alunos fizeram um serviço voluntário e encheram várias sacolinhas com terra para ajudar na confecção de novas mudas. Foi uma atividade muito prazerosa, que envolveu bastante os alunos, os quais puderam contemplar a natureza e ter contato com pessoas que se preocupam e trabalham diretamente para a preservação do meio ambiente. Ao final, agradecemos ao ambientalista e à agrônoma que nos acompanharam e nos deram a oportunidade de participar dessas atividades; os profissionais elogiaram muito os alunos, disseram que ficaram surpresos com o comportamento, comprometimento e interação deles durante a ação.

Na escola, pude perceber o sucesso dessa prática. Os alunos comentaram por dias, com muita empolgação, a respeito dessa atividade: que apesar de terem ficado muito cansados, apesar de a caminhada ter sido longa, o contato com a natureza, as belas paisagens e tudo que aprenderam foi compensador. G.S.S. falou que muitas vezes tinha ido à ONG, mas nunca havia feito aquela trilha, e que a floresta e o rio formam paisagens muito bonitas. M.W.F. observou que as trilhas só podem ser feitas quando o ambientalista está acompanhando, porque alguns lugares ali podem ser perigosos, e nem sempre há esse profissional à disposição, motivo pelo qual poucas pessoas conhecem o local. V.V.B.A. disse que o lugar é muito preservado e bonito, mas ele ficou cansado, pois são quase três quilômetros de trilha. R.L.M. lembrou-se de que o ambientalista havia dito que quando eles começaram a limpeza das margens do rio, foram retirados objetos grandes, como sofá e fogão, por isso a importância da conscientização da comunidade sobre o descarte correto do lixo. M.S.S. refletiu sobre a importância do trabalho voluntário nesses locais, e afirmou que ficou muito feliz em ter ajudado a plantar as mudas de árvores. R.O.S. disse que não sabia que havia um viveiro no município, e falou sobre a importância de eles doarem mudas para a comunidade; ficou contente em ter ajudado, pois percebeu que no local há poucos

funcionários. A maioria dos alunos não sabia da existência do viveiro municipal, e nem que eles doavam mudas para a população local; foi importante conhecer esse lugar e poder divulgar essa prática para a comunidade.

Nesse contexto, pelas falas e produções dos alunos, notei que a maioria nunca havia participado de uma ação voluntária, e que ficaram honrados em poder ajudar nesses locais; até prometeram aos profissionais que voltariam. Percebi, ao final dessa atividade, que os alunos estão valorizando mais a preservação da natureza, dando uma importância maior às questões ambientais; em suas falas, eles manifestam preocupação com o descarte do lixo, degradação ambiental, com a necessidade da conservação dos recursos naturais e de harmonia nas relações homem e natureza.

Na sala de aula, para finalizar essa prática, foi proposto aos sujeitos da pesquisa produzir ilustrações e poemas com o tema “Preservar a Amazônia é preservar a vida no planeta”. O objetivo dessa atividade foi estimular os alunos a refletirem sobre tudo que aprenderam durante as práticas leitoras. Os estudantes puderam consultar textos e anotações feitas ao longo de todas as atividades realizadas. A maioria dos alunos criou mais de uma produção, entre ilustrações e textos, mas, apesar de o envolvimento de toda a turma, quatro alunos não se interessaram por escrever, mesmo com o apoio da professora pesquisadora e dos colegas, que sempre eram muito prestativos em ajudar. Este relato é importante, pois nem sempre nós, professores, conseguimos o engajamento de 100% da turma, por mais diversa e dinâmica que seja a atividade. A seguir, apresentamos alguns exemplos de textos e ilustrações produzidos pelos alunos que participaram dessa prática leitora:

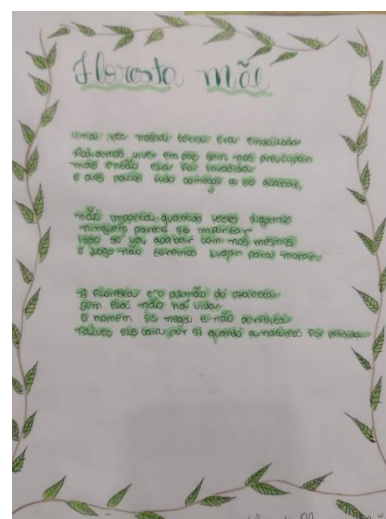
TEXTO1 – ALUNA: J.A.G.

Floresta mãe

Uma vez nossa terra era imaculada
Podíamos viver em paz sem nos preocupar
Mas então ela foi invadida
E aos poucos tudo começou a se acabar.

Não importa quantas vezes digamos
Ninguém parece se importar
Isso só vai acabar com nós mesmos
E logo não teremos lugar para morar

A floresta é o pulmão do planeta
Sem ela não há vida
O homem branco se nega e não acredita
Talvez ele caia por si quando a natureza for toda perdida.



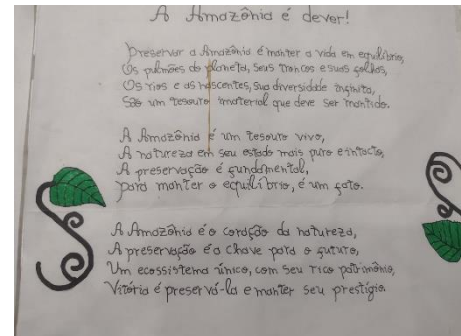
TEXTO 2 – ALUNA: Y.S.S.

A Amazônia é dever

Preservar a Amazônia é manter a vida em equilíbrio,
Os pulmões do planeta, seus troncos e suas folhas,
Os rios e as nascentes, sua diversidade infinita,
É um tesouro imaterial que deve ser mantido.

A Amazônia é um tesouro vivo,
A natureza em seu estado mais puro e intacto,
A preservação é fundamental,
Para manter o equilíbrio, é um fato.

A Amazônia é o coração da natureza,
A preservação é a chave para o futuro,
Um ecossistema único, com seu rico patrimônio,
Vitória é preservá-lo e manter o seu prestígio.



TEXTO 3 – ALUNO: L.K.C.K.

Natureza

Preservar a natureza é nosso dever,
Para que a vida no planeta possa permanecer,
Nas matas e nos rios existem vidas,
Pena que nem sempre ela é enaltecida

Devemos cuidar da natureza,
Deixando a água fluir pela correnteza,
Permitindo que os animais tenham liberdade,
Cuidando da nossa biodiversidade.

Temos que ter o devido respeito,
Assim como os povos indígenas têm feito,
A natureza nós devemos admirar,
Para que a vida fique mais fácil de se lidar

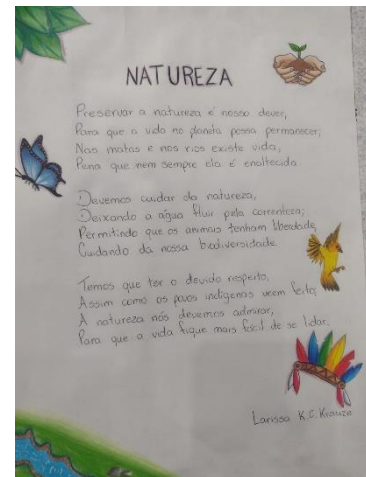
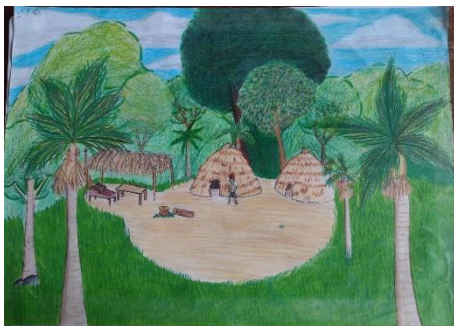


Ilustração 1 – Povos originários e a floresta



Aluno: V.V.B.S.

Ilustração 2 – Floresta em chamas



Aluno: F. L. k.

Ilustração 3 – Ancestralidade



Aluna: F.L.S

Ilustração 4 – Povos originários



Aluno: L.G.B.C

Ilustração 5 – Desmatamento e Consumismo



Aluno: L.G.B.C

Ilustração 6 – Povos da floresta



Aluna: L.K.C.K

Os poemas aqui registrados seguem uma organização semelhante: são compostos por três estrofes com quatro versos cada, e a temática é a preservação da floresta amazônica. Observamos também que os poemas se relacionam aos textos das autoras indígenas, estudados durante as práticas leitoras. No “*Floresta mãe*”, a aluna mostra o medo que assola os povos originários devido à invasão dos seus territórios e à destruição da floresta. Em “*A Amazônia é dever*”, existe uma argumentação sobre a importância da preservação e do cuidado com a Amazônia. No poema “*Natureza*”, o aluno alerta para a preservação da biodiversidade, e adverte que nós temos que cuidar da floresta assim como os povos indígenas têm feito em seus territórios.

Em relação aos desenhos, observamos o modo como os alunos retratam as leituras das obras literárias feitas durante as práticas leitoras; fica evidente que prestaram atenção aos textos e foram tocados por eles. A “Ilustração 1” mostra as moradias dos indígenas na floresta e o modo como vivem em consonância com a natureza. A “Ilustração 2” representa o contraste entre a natureza em chamas e a preservada, uma referência às queimadas que tanto destroem as florestas nessa

região. A “Ilustração 3” representa a ancestralidade: uma menina observa através de uma janela de vidro como viviam as populações originárias na Amazônia, enquanto que a “Ilustração 4” revela os utensílios e moradias utilizados por esses habitantes, uma clara referência à temática presente nos textos de Kambeba (2020) e, também, às observações feitas pelos alunos durante a visita ao Museu Regional de Arqueologia. A “Ilustração 5” estabelece a relação entre desmatamento e consumismo, o uso desenfreado dos bens de consumo, representado em primeiro plano pela moça, provoca o desmatamento da floresta, a poluição das águas dos rios e a morte dos animais. A “Ilustração 6” é uma representação dos povos que vivem na floresta e sua relação como mantenedores do meio ambiente sustentável; na figura central, podemos observar a representação da mulher indígena com um olhar profundo e realista; em seu entorno, encontram-se os símbolos de ancestralidade, água, terra, fogo e ar, como um sinal para a preservação da vida no planeta.

Essa atividade apresentou o enlace pedagógico entre literatura e educação ambiental, e favoreceu a sensibilização dos jovens para as questões socioambientais locais. Através dos textos e de suas produções artísticas, esses jovens puderam expressar o conhecimento adquirido e compartilhado durante este trabalho. Na análise das atividades propostas, ficou claro que a literatura pode sim ser um instrumento para se trabalhar a educação ambiental na escola. A escolha da literatura indígena foi um diferencial para este projeto, pois são obras que tratam de questões ambientais dentro do nosso contexto local, dando mais significado para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, ressaltamos as potencialidades da literatura como instrumento para a promoção da educação ambiental na escola.

5.2 LER E AGIR: FOLHAS TANTAS E SUJEITOS LEITORES

A pesquisa teve seu impacto social no momento que proporcionou uma imersão leitora, ambiental e tecnológica aos sujeitos; foi um trabalho libertador que promoveu, para os estudantes, incentivo à produção de conhecimentos atrelada ao seu mundo interior, propiciando vislumbrar outras aprendizagens politicamente inversas à desordem vigente, inaugurando novos procedimentos, ações e formas de se ver o mundo.

Os alunos, no decorrer das práticas e das produções, alcançaram mudanças visíveis em seu interesse pela leitura. Na primeira prática, o contato dos sujeitos com

a própria cultura e com a de outros habitantes do local onde vivem, por meio das temáticas abordadas nas obras de literatura indígena, aproximou-os do seu real contexto, levando-os a alcançar seu desenvolvimento como leitores e aumentando seu interesse pela ação de ler. Por estarem mais próximos de sua realidade, puderam verificar a importância da literatura para a preservação da cultura dos povos que vivem na floresta, da manutenção e da conservação do meio ambiente.

A segunda prática leitora contribuiu para promover mudanças significativas no mundo interior dos alunos, pois puderam refletir e posicionar-se criticamente diante da questão dos territórios e da ancestralidade dos povos da floresta que habitam essa região, com uma cultura muito diferente da nossa, que deve ser respeitada e valorizada para a manutenção do meio ambiente e preservação da vida no planeta. A terceira produção textual aumentou ainda mais o interesse dos alunos pela leitura, pois tiveram que ler, pesquisar textos que se adequassem às suas expectativas e dos colegas, e também ao trabalho com a produção midiática de videopoemas. Essa atividade promoveu a interação, o sentimento de amizade e a colaboração entre os participantes do grupo da pesquisa, aguçando o prazer proporcionado pela leitura e gerando mudanças na visão do trabalho com o texto literário através do uso de recursos tecnológicos e redes sociais. A quarta e última prática envolveu a transformação humanística dos sujeitos, pois as atividades buscaram despertar sentimentos sobre a preservação do ecossistema amazônico diante das situações lidas e observadas por eles durante todo o processo. No final da última prática, no auditório da escola, fizemos as apresentações dos trabalhos realizados pelos alunos, que mostraram seus textos, desenhos, videopoemas e fotos das etapas do projeto para toda a comunidade escolar. Observa-se, assim, que o desenvolvimento das produções contribuiu para o crescimento dos alunos, promovendo transformações em seu lado humanístico, em seu interesse pela leitura e em sua relação com outras culturas e formas de arte.

Os resultados obtidos foram extremamente relevantes tanto à pesquisa quanto aos alunos, que, afastando-se da rotina escolar que normalmente lhes é imposta, tornaram-se mais autônomos e confiantes nas suas capacidades, reunindo alegria, entusiasmo, aprendizagem e tecnologias no trabalho com textos literários. A partir da realização deste estudo, foi possível comprovar que, por meio da leitura, em suporte digital e impresso, e por meio da produção de textos sobre aspectos embasados no

cotidiano dos alunos, as ações de ler e de escrever tornam-se mais significativas e adquirem mais qualidade.

Este trabalho também foi de extrema importância para a unidade escolar onde aconteceu a pesquisa, pois foi contemplado pelo “Programa de Melhoria na Qualidade de Ensino-Excelência”, realizado pela Seduc, que concede financiamento a equipamentos como TV, *notebook*, impressora e coleções de livros, entre outros materiais necessários para ações interdisciplinares que promovem a leitura e a interpretação nas diferentes formas de linguagem, incluindo metas voltadas para a elevação dos índices dos indicadores de aprendizagem alinhados com o Referencial Curricular do Estado de Rondônia e em conformidade com a BNCC. Desse modo, entende-se que existem possibilidades de transformação das práticas educativas atuais, e que podem ser realizadas ações diferenciadas nas escolas, promovendo trabalhos que possam interligar literatura, educação ambiental e tecnologias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou unir a literatura e a educação ambiental para promover uma reflexão e conscientização sobre o meio ambiente. Dessa forma, almeja-se contribuir para a construção de outras vozes que efetivamente respeitem e deem ênfase à dinâmica da vida e valorizem um modo de viver sustentável, respeitando a floresta e seus habitantes. Além disso, pretende-se despertar e fomentar o interesse dos alunos pela leitura literária de uma maneira que faça sentido para os estudantes. Situamos a literatura como um produto da sociedade que revela condições de entender e apreciar outras culturas, além de perceber diferenças e semelhanças em relação à sua própria cultura, de modo que o trabalho literário se torna uma forma de representação do mundo. Sustentamo-nos teoricamente em Antonio Candido (2006), que considera a literatura uma forma de expressão cultural e afirma que essa possui função humanizadora, pois é algo que atua na própria formação do ser humano.

A educação ambiental envolve a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades e competências no contexto individual ou coletivo voltado para a conservação do meio ambiente. O uso de textos literários mostrou potencialidade como instrumento para se discutir e trabalhar a educação ambiental na escola.

Nesse sentido, o caminho trilhado neste estudo voltou um olhar especial para o trabalho com textos literários de autores da região amazônica com foco na literatura indígena, pois essa é uma fonte valiosa para ensinar sobre as questões ambientais, como a importância da conservação da biodiversidade no planeta, o uso sustentável dos recursos naturais e a proteção da vida. Como afirma Krenak (2020), a sabedoria ancestral dos povos da floresta nos ajudará a evitar o fim do mundo. A literatura indígena é um meio de resistência e uma forma para refletir sobre a pluralidade cultural brasileira, fonte valiosa de conhecimento sobre tradições, costumes e relações dos povos nativos com o meio ambiente. Pode ser usada como uma ferramenta para promover o diálogo, preservar as tradições e ensinar muito sobre as questões ambientais.

Este estudo, inscrito na linha de pesquisa de Leitura e Formação do Leitor, teve como temática a educação ambiental com estudantes do 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlos Drummond de Andrade, em Presidente Médici, Rondônia. Por meio de práticas leitoras multimodais visando à formação de leitores literários em suportes diferenciados, pretendeu-se motivá-los em

relação à leitura e evidenciar a importância do professor como referência na formação e na mediação leitora, o que envolveu a temática ambiental com *corpus* na produção estética das autoras Julie Dorrico (2019, 2020) e Márcia Kambeba (2020).

Dessa maneira, o objetivo geral se constitui em discutir propositivamente a formação do leitor associada à educação ambiental através da metodologia de pesquisa-ação, através da qual foi possível contribuir de forma significativa para a transformação da realidade dos sujeitos pesquisados. O estudo se concentrou na investigação de um tema de grande importância para os estudantes: a formação de leitores por meio da leitura literária de obras de autores da região amazônica com a temática em educação ambiental. Esse propósito foi alcançado, já que, através das produções dos alunos e rodas de conversas, constatamos que eles tiveram a oportunidade de se familiarizar com a literatura indígena amazônica e de refletir a respeito de temas cotidianos, ações de preservação do meio ambiente e valorização dos povos que vivem na floresta. A partir do delineamento do objetivo geral, foram traçados objetivos específicos que, por sua vez, correlacionam-se com os resultados obtidos na pesquisa:

- a) Refletir sobre a formação do leitor e sobre a leitura literária na juventude. Nesse contexto, concluímos que as práticas de leitura foram desenvolvidas de forma significativa, estimulando o interesse dos alunos pela literatura e fortalecendo, nos jovens, os princípios éticos e humanos para se atuar de forma consciente no mundo.
- b) Discutir a relação entre a formação do leitor literário e a consciência ambiental, em específico pelo contato com a literatura amazônica de produção literária de Julie Dorrico (2019, 2020) e Márcia Kambeba (2020). Durante as práticas leitoras, observei que os jovens se identificam com a temática das obras de literatura amazônica, pois puderam refletir sobre desafios encontrados em nosso cotidiano. Dessa forma, as atividades desenvolvidas nas oficinas de leitura ajudaram os jovens a estabelecer relação com o seu contexto social. Através da leitura de textos de literatura amazônica, os jovens passaram a buscar soluções para problemas locais, como o desmatamento, queimadas e calor extremo.
- c) Apresentar atividades que estabeleçam relações entre literatura e identidade com estudantes de escola pública do 2º ano do Ensino Médio, em território amazônico, para que compreendam a importância da

consciência ambiental na sociedade contemporânea em articulação aos elementos estéticos particulares das autoras em questão. Nesse sentido, observamos que as práticas de leitura possibilitaram aos alunos refletir sobre o lugar onde moram, repensar suas ações e elaborar novas experiências a partir da leitura literária. Constatamos que a escolha da literatura indígena amazônica estabeleceu uma conexão próxima entre o texto e o cotidiano desses jovens, despertando o interesse dos alunos pela literatura.

Para o alcance desses objetivos, delimitamos a fundamentação teórica em Candido (1995, 2006), Petit (2009) e Lajolo (2009) no que se refere à necessidade da literatura e formação do leitor literário; Bauman (2001) e Larrosa (2014) em relação à experiência da leitura e sociedade líquida; Dias (2016) e Krenak (2020) no que diz respeito à literatura e educação ambiental; e Kambeba (2020) sobre a literatura indígena e o respeito ao meio ambiente. Além disso, também recorreremos, neste estudo, a documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) e o Referencial Curricular para o Ensino Médio de Rondônia – RCRO – EM (2022) para verificar a importância e os desafios da inserção literária no Ensino Médio.

Nesta conclusão, ressalto que o ambiente escolar ainda é um espaço privilegiado de leitura; o professor é um referencial para os jovens e para as famílias, atuando como um dos principais mediadores entre os alunos e o livro impresso ou digital. Nesse sentido, observei a importância do texto literário como um instrumento que contribui para a conquista da cidadania e da liberdade individual. A escola e os espaços, como a biblioteca, contribuem para o processo de formação do leitor.

Considerando os dados apontados na entrevista com os alunos participantes da pesquisa, foi possível constatar ainda que alguns se sentem desestimulados para a leitura, principalmente a literária. Os dados apontam que, dos trinta alunos entrevistados, mais de 50% não têm nenhum estímulo em casa para a leitura. Além disso, a pesquisa também mostrou que mesmo entre os pais que afirmaram costumar ler em casa não há o hábito de ler textos literários, apenas notícias e a Bíblia. Petit (2009) destaca a importância da família desde a infância como mediadora de leitura, para tornar a criança, mais tarde, uma leitora. A autora destaca, também, que não basta apenas proporcionar o contato das crianças com os livros, sendo relevante que

elas vejam os adultos lendo e, ainda, que haja trocas de experiências relacionadas aos livros.

Os dados do questionário permitiram evidenciar que a biblioteca escolar é o local onde os alunos têm mais oportunidade de convivência com os livros; a maioria necessita desse espaço para o contato com as obras literárias. Durante a aplicação das práticas leitoras os alunos, várias vezes foi observado que seria interessante que o município investisse em bibliotecas públicas por se tratar de uma grande fonte de riquezas, pelos livros que contêm, e por serem espaços formadores de sujeitos conscientes e esteticamente sensíveis. Na análise das pessoas que mais indicam livros, os professores receberam destaque, sendo apontados por todos os alunos por servirem de exemplo e de meio de contato com as obras.

Em relação ao suporte que usam para a suas leituras, a maioria dos alunos afirmou que leem em material impresso por ser o que há à disposição. Contudo, durante a aplicação das práticas leitoras, adotamos também leituras em suporte digital, o que foi bem recebido pelos sujeitos da pesquisa, pois há a necessidade de estar em contato com leituras diferenciadas. Quando foram questionados se conhecem ou já leram alguma obra literária de autores da região amazônica, todos os alunos afirmaram não conhecer os autores e obras da nossa região, então aqui refletimos e acreditamos na importância dessa pesquisa, pois estudar e conhecer autores e obras do lugar onde se mora significa compreender as relações que ali acontecem e sua conexão com o mundo. Além disso, as obras literárias de autores da região amazônica refletem a relação com a natureza, costumes, cultura e crenças dos povos da floresta.

Desse modo, este trabalho foi construído através do desenvolvimento de quatro práticas leitoras que demonstraram níveis distintos de representação entre os alunos, o que define o envolvimento diferenciado que cada jovem assume com a obra literária. As representações dos alunos foram definidas pela bagagem individual que cada um já possuía antes da leitura das obras, sendo que algumas foram ampliadas por influência das estratégias de leitura empregadas neste estudo, desde a seleção cuidadosa dos textos até a análise conduzida nas rodas de conversas, que, aliás, foram essenciais na aproximação entre o texto e o leitor.

No contexto de realização das práticas leitoras e, principalmente, das produções textuais, foram verificadas mudanças nas representações construídas inicialmente pelos alunos; esses foram apresentados às autoras indígenas e às suas

obras *Eu sou Macuxi e o outras histórias*, de Julie Dorrico (2019), e *Saberes da Floresta*, de Márcia Kambeba (2020). Os alunos puderam se familiarizar com o universo da literatura indígena e verificaram a sua importância para a preservação da cultura dos povos que vivem na floresta, além da importância da manutenção do meio ambiente sustentável. Através desses textos literários, os estudantes aferiram que na região amazônica existem povos vivendo da floresta com uma sabedoria ancestral, e que são fundamentais para a preservação da vida no planeta.

Assim, constatou-se, por meio da realização das práticas leitoras, que os sujeitos foram envolvidos não apenas em um mundo de obras, mas no vasto universo da cultura literária, o que promoveu seu amadurecimento e seu desenvolvimento não apenas como leitores, mas também como seres humanos que observam e refletem o mundo a sua volta. Todas as práticas leitoras foram socializadas por meio de discussão em rodas de conversa, estimulando a leitura individual e a coletiva. A cada leitura, os estudantes se envolviam mais com os textos literários, pois conseguiam verificar as temáticas das obras nos contextos de suas próprias vidas, e no nosso cotidiano amazônico. Quanto à metodologia utilizada, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, visto que o objetivo não era quantificar o conhecimento, mas avaliar se os estudantes se sentiram motivados à leitura literária. Essa percepção foi observada por meio das produções dos estudantes e durante as discussões nas rodas de conversas.

Dentre as ações realizadas, as que mais fizeram sucesso entre os alunos foram as atividades práticas, através das quais puderam sair do ambiente escolar e fazer visitas a outros estabelecimentos, como o Museu Regional de Arqueologia e a ONG Garça. Essas atividades apresentaram o enlace pedagógico entre a literatura e a educação ambiental, o que favoreceu a sensibilização dos jovens para as questões socioambientais locais. Tal aspecto pode ser percebido durante as rodas de conversa sobre as obras lidas; através dos textos, produções artísticas e midiáticas os jovens puderam expressar o conhecimento adquirido e compartilhado nesta pesquisa.

Além disso, outras ações que envolveram bastante os alunos foram aquelas realizadas na sala de informática, onde podiam usar os computadores da escola e os seus próprios celulares com disponibilidade de internet. Desse modo, o estudo revelou que a tecnologia, integrada ao método de formação de leitores, permitiu o andamento de um projeto de sensibilização artística e de aprofundamento interior dos sujeitos. Percebi que as práticas de leitura desenvolvidas tiveram papel decisivo, inclusive, na

formação daqueles leitores menos estimulados, os quais passaram a ver a leitura com outros olhos, com encantamento. Mesmo os sujeitos que se sentiram desestimulados participaram ativamente, expondo suas experiências leitoras e seus pontos de vistas. O estímulo foi conquistado de modo evidente por meio das produções textuais, já que todos os alunos, sem exceção, demonstraram grande interesse e contentamento ao realizá-las. Observei que essas atividades práticas que envolveram a leitura e interpretação dos textos literários fizeram da escola um ambiente mais atrativo aos olhos dos alunos, e, com isso, os jovens conseguiram se conectar mais às ações da pesquisa.

Os resultados obtidos mostram que a literatura indígena amazônica despertou o interesse do público da pesquisa, pois os textos abordam temas próximos à realidade dos estudantes, e isso foi fundamental para estimular o gosto pela leitura literária. A literatura unida à educação ambiental contribuiu para a formação de jovens leitores críticos e engajados socialmente na defesa de um meio ambiente sustentável.

Conclui-se, nessa perspectiva, que a leitura de textos literários de autores da região amazônica é capaz de formar leitores críticos sobre a realidade que os cerca e contribuir para a consciência ambiental. As experiências leitoras proporcionadas neste trabalho exercem um papel singular no que concerne à apropriação da leitura, obtendo resultados extremamente positivos na formação de leitores. Contudo, essas experiências leitoras oportunizadas exigem continuidade, a fim de que não se percam os leitores conquistados.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Benjamin, Wlaler. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221 (Escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases** - Lei 9394/96-Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em:
<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>.
Acesso em: 8 nov. 2023

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1999. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 8 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Três estrelas, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Aldo de Lima (Org.). In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, p. 169-191, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura literária**. São Paulo: Contexto, 2021a.

COSSON, Rildo. **Como Criar Círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021b.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2021c.

CULTURAL, Itaú. **Culturas indígenas – Márcia Kambeba**. You Tube, 21 de setembro de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=maZLixWP4Yw&t=15s&ab_channel=Ita%C3%BA_Cultural. Acesso em 30 de setembro de 2023

DESCOLA, Felipe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 31, 2016.

DIAS, Genebaldo Freire. **Antropoceno**: Indicação à temática ambiental. 2º Edição. São Paulo. Gaia, 2016

DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. São Paulo: Caos e letras, 2019.

DORRICO, Julie. **Mapa Brava**: mapeamento, pesquisa e crítica. Recife, 2020. Disponível em: <https://www.mapabrava.com.br/poemas-rondonia>. Acesso em: 11 jun. 2022.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo: Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. **Projeto Político Pedagógico**. Secretaria de Estado de Educação, Coordenadoria Regional de Ensino de Ji-Paraná- RO, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2017.

FISHER, Luis Augusto. **Duas formações, uma história**: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. 2020. Disponível em: https://prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPLcompactado.pdf. Acesso em: 11 dez. 2022.

KADIWÉU, Idjahure (Org.) **Tembetá Conversas com pensadores indígenas**. Rio de Janeiro. Azougue Editórial. 2019.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Kumiça Jenó: Narrativas Poéticas dos Seres da Floresta**. São Paulo: Uderline Publishing, 2021

KAMBEBA, Marcia Wayna. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020b.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *In*: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola as alternativas do professor**. 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Coleção: Experiência e Sentido.

MUNDURUKU, Daniel. Prefácio. *In*: DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. São Paulo: Caos e letras, 2019.

OLIVEIRA, Elizabete. **A educação ambiental e Manuel de Barros: diálogos poéticos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leitura: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Elisabeth Christmann. Educação Ambiental: origens e perspectivas. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 201-208, 2001.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RONDÔNIA. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular para o Ensino Médio de Rondônia**. Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/seduc/programas-e-projetos/novo-ensino-medio/referencial-curricular/>. Acesso em: 15 dez. 2021

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável. Ensaios para depois do fim**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SANTAELLA, Lucia. As comunicações e as artes estão convergindo? **Revista Farol**, n. 6, p. 20-44. 2005.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental.

Educação: Teoria e Prática, vol. 9, n. 16, p. 24-35, 2001.

TEDX, Unisinos. A literatura indígena: conhecendo outros brasis | Julie Dorrico. You Tube, 02 de Outubro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gKVOXmuEbwU&t=131s&ab_channel=TEDxTalk

Acesso em: 28 de setembro de 2023

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VERARDI, Fabiane; Rettenmaier, Miguel. (Orgs.). **Caderno de atividades**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2019. Disponível em: http://editora.upf.br/images/ebook/caderno_atividades_2019.pdf. Acesso em: 8 nov. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: QUESTIONÁRIO



Programa de Pós-Graduação em Letras Minter, da Universidade de Passo Fundo/Faculdade Católica de Rondônia

Professora: Alessandra Cegobia de Andrade

Aluno: _____

Idade _____ (Anos)

Série _____ (Ensino médio)

INSTRUMENTO DA PESQUISA

Prezado aluno!

O presente questionário tem por objetivo sondar as suas experiências em leitura até o presente momento, principalmente as que dizem respeito ao seu contato com a leitura literária. Para isso preencha-o sendo verdadeiro às informações expostas.

Há quantos anos estuda nessa escola?

II – PERGUNTAS

1. Você costuma ler com que frequência?

- | | |
|---------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> diariamente | <input type="checkbox"/> anualmente |
| <input type="checkbox"/> semanalmente | <input type="checkbox"/> não tenho hábito de ler |
| <input type="checkbox"/> mensalmente | |

2. Caso leia, quantos livros lê por ano?

- | | |
|----------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 4 |
| <input type="checkbox"/> 2 | <input type="checkbox"/> 5 |
| <input type="checkbox"/> 3 | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

3. Você possui computador em casa? sim não

Em caso afirmativo, possui internet? sim não

4. Você participa de redes sociais? () sim () não

5. Caso goste de ler, quem despertou em você o gosto pela leitura (pai, mãe, professores, amigos?)

6. Qual é o objetivo da sua leitura?

- () Informação
- () Diversão
- () Obrigação
- () Prazer
- () Curiosidade
- () Conhecimento
- () Mudança
- () Outro

(Cite) _____

7. O que você mais costuma ler:
 contos Romances Poesias Histórias em quadrinhos Auto ajuda Outros: _____
8. Seus pais ou responsáveis leem em casa?

9. Qual o nível de escolaridade de sua mãe, pai ou responsável por você?

10. O que mais dificulta a sua leitura (falta de interesse, acesso a livros, falta de tempo)?
 Justifique

11. Na sua escola há um espaço de leitura em funcionamento? Comente.

12. Você é frequentador da biblioteca de sua escola? Qual sua opinião sobre o acervo de livros? Tem livros interessantes?

13. Em sua opinião, a leitura literária é importante? Comente.

14. Os professores incentivam a leitura literária? Justifique.

15. Que tipo de texto você mais lê nas aulas de Língua Portuguesa?
 Literários
 Não literários
 Não sei dizer
16. Você lembra de algum livro de literatura que tenha lhe chamado a atenção, que tenha (não) gostado muito?
 Sim Não
 Qual? _____
17. Você já leu algum livro que retrate a região amazônica?
 Sim Não
 Em caso afirmativo qual o nome do livro e do autor?

18. Onde você tem mais oportunidade de entrar em contato com livros?
 em casa na biblioteca escolar na internet outro lugar
19. Qual é o tipo de suporte que você mais utiliza para suas leituras:
 impresso digital
 Comente _____

20. Nas suas horas de folga, o que você mais faz é:

- brincar
- assistir TV
- ler
- trabalhar
- praticar esporte
- descansar
- outra coisa: _____

21. Quais são as suas maiores barreiras para a sua frequência na leitura:

- tempo
- condições financeiras
- lentidão na leitura
- dificuldade de acesso/uso da biblioteca
- desinteresse
- outra(s): _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



Programa de Pós-Graduação em Letras Minter, da Universidade de Passo Fundo/Faculdade Católica de Rondônia

Senhores pais ou responsáveis, seu (sua) filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“Folhas e páginas tantas: O texto literário e a Educação Ambiental”**, de responsabilidade da pesquisadora Alessandra Cegobia de Andrade.

Justifica-se o desenvolvimento desta pesquisa pela necessidade de incentivar a leitura literária de autores amazônicos cujo a temática das obras desperte a conscientização para a Educação Ambiental e forme leitores críticos sobre a realidade que os cerca, e que acima de tudo interajam com o meio ambiente de forma saudável e sustentável.

Os objetivos desta pesquisa são: Discutir propositivamente a formação do leitor associada à Educação Ambiental através de pesquisa-ação e por meio de textos literários de autores da região amazônica, organizar sequências didáticas que estabeleçam relações entre literatura e identidade com os estudantes, para que esses compreendam o seu espaço na sociedade e a realidade do mundo que os cerca.

A aplicação do estudo ocorrerá no 1º semestre do ano de 2023, na Escola Carlos Drummond de Andrade, em sala de aula, com a participação do seu (sua) filho (a). Para o desenvolvimento da pesquisa serão necessárias em torno de doze aulas, no período de aula. Não sendo necessário o deslocamento até a escola ou outro local em dias e horários diferentes do habitual. Como procedimento metodológico será aplicado um questionário aos alunos visando aferir a acerca da leitura, posteriormente, aplicar-se-á uma proposta de atividade envolvendo a leitura, compreensão e produção textual a partir de textos selecionados e suas respectivas autoras, buscando atingir uma aprendizagem significativa e promover a consciência crítica a cerca de assuntos relacionados às questões ambientais, espera-se que os alunos tornem-se agentes de mudança no meio em que vivem.

Seu (sua) filho (a) poderá sentir um pouco de desconforto pelo fato de participar da pesquisa, das leituras e conseqüentemente da produção e talvez se sinta abalado

emocionalmente por se tratar de textos literários. Caso seja identificado algum sinal de desconforto psicológico ou emocional devido a participação na pesquisa, a pesquisadora compromete-se em orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a) para os profissionais especializados na área.

Ao participar dessa pesquisa seu (sua) filho (a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a literatura amazônica, cooperando para a formação de leitores literário críticos a sua realidade social e que possa contribuir para a construção de uma consciência de preservação ambiental na região amazônica.

Seu (sua) filho (a) terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo.

A participação de seu (sua) filho (a) nessa pesquisa não é obrigatória e ele (ela) pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem nenhum prejuízo.

O seu (sua) filho (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, nem como nada será pago por sua participação.

Caso ocorra eventual dano comprovadamente decorrente da sua participação na pesquisa, seu (sua) filho (a) tem o direito de buscar indenização.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens.

Caso você tenha dúvida sobre o comportamento da pesquisadora ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso considere se prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com a pesquisadora Alessandra Cegobia de Andrade pelo telefone (69) 992844362, ou com o curso Programa de pós Graduação em Letras, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira. São José, Passo Fundo/RS. O comitê de Ética em pesquisa exerce papel consultivo e, em especial, educativo, para assegurar a formação continuada dos pesquisadores e promover a discussão dos aspectos éticos das pesquisas em seres humanos na comunidade.

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o (a) pesquisadora.

_____, _____ de _____ de 2023

Nome do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Nome do (a) pesquisador (a) : Alessandra Cegobia de Andrade

Assinatura: _____

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO - (TALE)



Programa de Pós-Graduação em Letras Minter, da Universidade de Passo Fundo/Faculdade Católica de Rondônia

Eu Alessandra Cegobia de Andrade convido você para participar da pesquisa **“Folhas e páginas tantas: O texto literário e a Educação Ambiental”**, informo que seus pais ou responsáveis legais permitiram a sua participação. Pretendemos incentivar a formação de leitores associada à Educação Ambiental por meio de textos literários de autoras da região amazônica, para que os jovens compreendam o seu espaço na sociedade e a realidade do mundo que os cerca.

Gostaríamos muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. Outros adolescentes participantes dessa pesquisa têm de 15 anos de idade a 16 anos de idade. A pesquisa será realizada no 1º semestre do ano de 2023, na Escola Carlos Drummond de Andrade, em sala de aula. Para o desenvolvimento da pesquisa serão necessárias em torno de doze aulas, no período de aula, não sendo necessário o deslocamento até à escola ou outro local em dias e horários diferentes do habitual. Como metodologia será aplicado um questionário aos alunos visando aferir acerca da leitura, posteriormente, aplicar-se -á uma proposta de atividade envolvendo a leitura compreensão e produção textual a partir de textos selecionados e suas respectivas autoras, buscando atingir uma aprendizagem significativa e promover a consciência crítica a cerca de assuntos relacionados às questões ambientais.

Para isso será usado textos literários que são considerados seguros mas é possível ocorrer um pouco de desconforto pelo fato de participar da pesquisa, das leituras e produções textuais, caso aconteça algo errado você e seus pais ou responsáveis poderão entrar em contato com a pesquisadora Alessandra Cegobia de Andrade pelo telefone (69) 992844362, ou com o curso Programa de Pós Graduação em Letras, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo

telefone (54) 3316-8157, no horário das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira. São José, Passo Fundo/RS. O comitê de Ética em pesquisa exerce papel consultivo e, em especial, educativo, para assegurar a formação continuada dos pesquisadores e promover a discussão dos aspectos éticos das pesquisas em seres humanos na comunidade.

A sua participação é importante para o desenvolvimento da literatura amazônica, cooperando para a formação de leitores literário críticos a sua realidade social e que possa contribuir para a construção de uma consciência de preservação ambiental na região amazônica. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos participantes.



CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Programa de Pós-Graduação em Letras Minter, da Universidade de Passo Fundo/Faculdade Católica de Rondônia

EU _____ aceito participar da pesquisa **“Folhas e páginas tantas: O texto literário e a Educação Ambiental”**. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Compreendi que posso dizer “sim” e participar, mas que a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais ou responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2023

Assinatura do menor

Assinatura do responsável

Nome do (a) pesquisador (a) : Alessandra Cegobia de Andrade

Assinatura: _____

APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E VOZ



**Programa de Pós-Graduação em Letras Minter, da Universidade de Passo
Fundo/Faculdade Católica de Rondônia**



**GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORA REGIONAL DE EDUCAÇÃO – CRE – POLO DE JI-PARANÁ
EEEFM CARLOS DRUMOND DE ANDRADE**

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E VOZ

Eu _____, responsável pelo(a) aluno(a)
_____, do _____ ano
_____, **autorizo** a utilização de fotos e filmagens que incluam meu/ minha filho (a) em atividades
escolares realizadas pelos professores e equipe da EEEFM. Carlos D. de Andrade:

- a) para fins pedagógicos;
- b) para fins de divulgação do trabalho da escola (informativos, encartes, folders, jornais
internos, painéis, murais e /ou semelhantes);
- c) para fins de publicação na internet (facebook da escola, instagran da escola, grupos de Whatsapp
da escola, site da SEDUC ou outros vinculados ao Governo de Rondônia);

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e não comerciais, resguardadas
as limitações legais e jurídicas, sem que nada haja a ser reclamado de direitos conexos à sua imagem ou a
qualquer outro. E assino a presente autorização, podendo a qualquer tempo comunicar à escola o interesse
em retirá-la, tornando-a sem efeito.

Assinatura do pai, mãe ou responsável legal

Presidente Médici, RO ____/____/2023

Rua Maringá, 2340 – Bairro Cunha e Silva – Fone (69) 3471 2474
e-mail: escolacarlosdrumond@seduc.ro.gov.br
Presidente Médici - RO

ANEXOS

ANEXO A – IMAGENS DAS OBRAS DE LITERATURA INDÍGENA – CORPUS DE PESQUISA

Obras trabalhadas durante as práticas Leitoras:



Saberes da Floresta (Jandaíra 2020) – Marcia Wayna Kambeba



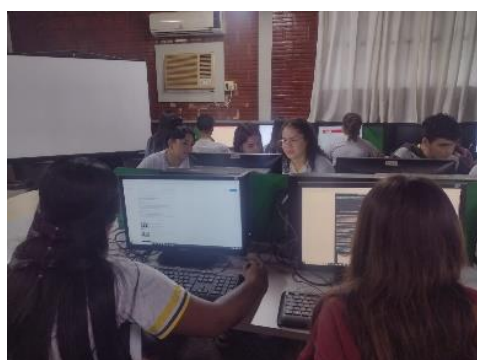
Eu sou Macuxi e outras histórias (Caos e Letras, 2019) – Julie Dorrico

ANEXO B – IMAGENS DE ALGUMAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE AS PRÁTICAS LEITORAS

Prática de leitura 1 – *Eu sou Macuxi e outras histórias*



Momento de leitura na biblioteca escolar



Pesquisa no laboratório de informática da escola



Prática de leitura 2 – *Saberes da Floresta*



Visita ao Museu Regional de Arqueologia – Povos Originárias

Prática de leitura 3 – *Vozes da Floresta / Temor pela Amazônia*



Leitura e interpretação dos poemas

Prática de leitura 4 – A castanheira



Visita à ONG GARSA – Plantio de mudas de árvores

Produção e montagem de um painel interativo textos e desenhos.





